

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Gabriel Henrique Treter Gonçalves

**A COMPETIÇÃO DE TÊNIS COMO MODELO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE
CRIANÇAS: o caso das categorias até 10 anos**

PORTO ALEGRE

2014

Gabriel Henrique Treter Gonçalves

**A COMPETIÇÃO DE TÊNIS COMO MODELO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE
CRIANÇAS: o caso das categorias até 10 anos**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

PORTO ALEGRE

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Gabriel Henrique Treter

A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças: o caso das categorias até 10 anos. / Gabriel Henrique Treter Gonçalves. -- 2014. 115 f.

Orientador: Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Tênis. 2. Competição infantil. 3. Educação e formação. 4. Pedagogia do esporte. I. Balbinotti, Carlos Adelar Abaide, orient. II. Título.

Gabriel Henrique Treter Gonçalves

**A COMPETIÇÃO DE TÊNIS COMO MODELO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE
CRIANÇAS: o caso das categorias até 10 anos**

Conceito Final:

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Juan Pedro Fuentes García – Universidad de Extremadura (Espanha)

Prof. Dr. Flávio Antônio de Souza Castro – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os educadores, em especial aos profissionais da Educação Física e à minha mãe, que, além de professora na escola, foi, é e sempre será a minha maior educadora.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a agradecer, tantas as que colaboraram para a realização deste trabalho e infinitas aquelas que contribuíram para a minha formação como estudante e pessoa. Infelizmente, faltam palavras nestes momentos.

Agradeço primeiramente ao meu orientador professor Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti pelos ensinamentos, convivência e conversas durante estes anos. Sem estes momentos e incentivos não teria chegado até aqui. Estendo os agradecimentos aos diversos professores que me acompanharam durante esta trajetória na ESEF. São exemplos para mim.

Aos professores doutores Alberto de Oliveira Monteiro e Flávio Antônio de Souza Castro pelas contribuições no processo de qualificação, num momento em que este estudo era apenas um projeto.

Agradeço aos meus colegas do Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte (NP₃ Esporte), em especial ao amigo Roberto Tierling Klering e professor PhD. Marcos Alencar Abaide Balbinotti.

Sinceros agradecimentos aos treinadores que disponibilizaram seu tempo, experiências e conhecimentos a fim de enriquecer este estudo e contribuir para com o ensino do tênis.

Meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que, com seu auxílio financeiro, possibilitou que me dedicasse intensamente ao curso de mestrado.

Não poderia deixar de agradecer à minha família, em especial aos meus pais, Liane e Henrique, e irmãos, Candice e Márcio. Sem seu apoio, incentivo e amor não seria quem sou hoje e não seria possível a concretização deste objetivo.

Por fim, agradeço à Camila Blos Ribeiro, minha namorada, companheira e grande incentivadora para a realização dos meus sonhos.

RESUMO

O tema da presente dissertação é a competição de tênis infantil (até 10 anos). O estudo trata da educação e formação de crianças por meio de um novo modelo de competição de tênis, o *Tennis 10's*. Este modelo foi instituído pela Federação Internacional de Tênis e suas novas regras entraram em vigor em 2012. Com base na Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004) foram elaboradas as questões central e norteadoras do projeto, levando em consideração as três categorias estabelecidas pelo autor como fundamentais para se ter uma competição infantil em um sentido de educação e formação: a) competições adequadas às capacidades, necessidades e interesses das crianças; b) ter a competição como estruturante da formação esportiva, e; c) proporcionar um grande número de participações competitivas. Para tanto foram entrevistados 11 treinadores de tênis com experiência na área infantil. Além disso, foi realizada uma análise de documentos públicos a fim de aprofundar a discussão. Verificou-se que o *Tennis 10's* avançou muito em relação ao modelo anterior, o qual reproduzia o modelo adulto. As competições se apresentam relativamente adequadas, no entanto podem ser realizados mais eventos em modalidades diferentes, como jogos em duplas e equipes. O formato das competições deve proporcionar maiores oportunidades para as crianças realizarem o maior número de partidas possível dentro de uma mesma competição, reduzindo o formato eliminatório. O número de participações competitivas está relativamente reduzido, podendo haver maior número de competições oficiais. Estes resultados influenciam diretamente a questão das vitórias e derrotas, a qual, segundo os treinadores, possui um valor pedagógico essencial no esporte. Além disso, surgiu uma nova categoria oriunda da fala dos treinadores: a influência dos pais na competição de tênis infantil. Verificou-se que deve haver maior preocupação no sentido de educar e instruir estes pais, a fim de que os mesmos estejam cientes do seu papel no processo. Acredita-se que o estudo contribui para o avanço do conhecimento na área, contudo os resultados indicam que a competição de tênis infantil é um fenômeno complexo e, portanto, novos estudos são necessários para que seja possível elaborar uma teoria da competição de tênis infantil como um modelo de educação e formação de crianças.

ABSTRACT

The theme of this dissertation is the youth tennis competition (up to 10 years old). The study addresses the education and formation of children through a new model of tennis competition, the Tennis 10's. This model was introduced by the International Tennis Federation and its new regulations were put into force in 2012. The main and guiding questions of the project were based on the Children and Youth Sports Competition Theory by Marques (2004) according to three categories established by the author as fundamental to accomplish a child's competition aiming the education and formation process: a) competitions focused on children's skills, needs and interests; b) use the competition as a foundation in sports formation, and; c) promote a great number of competitive events. Eleven experienced tennis coaches in the area were interviewed. Furthermore, an analysis of public documents was made to deepen the discussion. As a result, it was found that the Tennis 10's made a great progress from the previous model, which reproduced the adult model. The competitions are relatively well organized, however more events can be held in different modalities, such as doubles and teams events. The competition's format should allow the opportunity for children to play more matches in a single competition, reducing the eliminatory format. The number of events is relatively small, there should be a larger number of official events. These results influence directly in the matter of wins and losses, which, according to the coaches, have an essential pedagogical value in sports. In addition, a new category emerged from the coaches' interviews: parental influence on children's tennis competition. It was found that there should be a greater concern in order to educate and teach the parents so they can be aware of their role in the process. The study contributes to the advance of knowledge in this area, however the results indicate that the children's tennis competition is a complex phenomenon and, therefore, further studies are necessary to be able to develop a children's tennis competition theory as a model of education and formation of children.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1	TEORIA E METODOLOGIA DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS.....	12
2.2	A COMPETIÇÃO INFANTIL E JUVENIL	17
2.2.1	A competição conforme a criança	19
2.2.1.1	Adequações no <i>Tennis 10's</i>	23
2.2.2	A competição como elemento estruturante da formação esportiva	27
2.2.2.1	O <i>Tennis 10's</i> e a formação esportiva.....	29
2.2.3	Número e frequência das participações competitivas	31
2.2.3.1	Número e frequência de competições no <i>Tennis 10's</i>	33
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.1	AS ENTREVISTAS.....	36
3.1.1	Os entrevistados	37
3.1.2	O roteiro de entrevista	39
3.1.3	Validação de conteúdo do roteiro de entrevista	40
3.1.4	Procedimentos de entrevista	42
3.1.5	Análise do conteúdo das entrevistas	42
3.2	AS FONTES DOCUMENTAIS.....	43
3.2.1	Procedimento de coleta dos dados documentais	44
3.2.2	Procedimento de análise dos dados documentais	44
3.3	PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	45
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	46
4.1	CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA PREDOMINANTE DOS TREINADORES DE TÊNIS DE CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS.	46
4.2	AS ADEQUAÇÕES DA COMPETIÇÃO CONFORME A CRIANÇA NO <i>TENNIS 10'S</i>	54
4.2.1	Os materiais e dimensões das quadras	55
4.2.2	As categorias competitivas	61
4.2.3	Os formatos de competição	67
4.3	AS MODALIDADES COMPETITIVAS DE TÊNIS PARA CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS.....	72
4.4	NÚMERO E FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS.	78
4.5	O <i>TENNIS 10'S</i> E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.	84
4.6	OS PAIS NO <i>TENNIS 10'S</i>	93
5	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	104
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	111
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	113
	APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE	114

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente dissertação de mestrado é a competição de tênis infantil (até 10 anos). De forma mais específica, trata-se de um estudo sobre a educação e formação de crianças até 10 anos, a partir da competição de tênis no modelo adotado pela Federação Internacional de Tênis (ITF), conseqüentemente pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT) e Federação Gaúcha de Tênis (FGT), o *Tennis 10's*. O mesmo apresenta-se como um modelo de competição recente, adotado oficialmente em 2012, no qual foram feitas diversas adequações para que o esporte contemplasse as necessidades desta faixa etária.

Com base na vivência prática e por meio de conhecimentos obtidos a partir de leituras sobre a teoria da competição esportiva e literatura específica do tênis, observa-se a importância da transição de um modelo de competição que basicamente reproduzia o modelo adulto, para um modelo diferenciado, que parece levar em consideração a criança e suas peculiaridades. Esta transição, no entanto, não é simples, afinal o tênis é um esporte bastante tradicional. Além disso, em países como o Brasil, o tênis foi e ainda é, muitas vezes, ensinado por pessoas sem formação acadêmica, em sua maioria ex-atletas, o que pode dificultar a compreensão da importância destas alterações (BRUSTOLIN, 1995). O simples fato da atualidade do tema justifica uma abordagem crítica e científica sobre o assunto.

Segundo Marques (2004), não existe esporte sem competição, especialmente quando se fala em esporte para crianças e jovens. No entanto, a participação de crianças e jovens em atividades competitivas é um fenômeno relativamente recente, mas que tem aumentado muito rapidamente (THOMSON, 1996). Este fato, por si só, exige e justifica mais atenção dos estudiosos, afinal, há muito tempo vem se discutindo a importância e relevância da competição esportiva. Enquanto muitos pedagogos consideram a competição como o aspecto mais perverso do esporte, por exercer demasiada pressão psicológica e social sobre seus participantes, além de exacerbados valores de concorrência e individualismo, outros autores defendem a competição, afirmando ser elemento estruturante de toda formação esportiva, justamente por ressaltar valores como a cooperação, solidariedade e igualdade (LIMA, 1987; MARQUES, 2004; 2006). As duas opiniões são justificáveis. No entanto, a simples participação da criança no esporte não é, em si, boa ou má. A

qualidade desta participação que vai definir se os efeitos serão benéficos ou prejudiciais (MARQUES, 2006).

Tendo em vista as características e necessidades das crianças e voltando sua atenção para a qualidade da competição esportiva numa perspectiva de formação e educação, Marques (2004) estabeleceu três categorias teórico-metodológicas que devem ser contempladas no desenvolvimento competitivo: a) novas práticas competitivas em um esporte mais conforme os interesses e necessidades da criança; b) a competição como elemento estruturante de toda a formação esportiva; c) o número e frequência de participações competitivas.

Neste momento, é importante ressaltar que por muito tempo a competição infantil foi tratada simplesmente como uma reprodução de um modelo especializado de alto rendimento, no entanto é notório o fato de que a criança não é um adulto em menores proporções, mas sim um indivíduo com características e necessidades bastante diferenciadas. Por este motivo, diversos autores (LIMA, 1987; MARQUES, 1997; 2004; 2006; WEINECK, 2003; CARDOSO, 2007) enfatizam um melhor enquadramento destas competições, para assim afirmar que está sendo desenvolvido um esporte para jovens.

Por muito tempo, o planejamento de treino de crianças e jovens foi adaptado às suas condições. Sempre foram realizados jogos reduzidos e utilizados materiais diferenciados para uma melhor aprendizagem. No entanto a competição não acompanhava essa tendência, e a reprodução do modelo adulto imperava. No tênis este fato era muito marcante, até que em 2012 foi implementado um novo sistema de regras oficiais para competições até 10 anos. Dentre as regras, pode-se afirmar que diversas delas parecem ter sido pensadas levando-se em consideração a criança e suas características e necessidades. Passaram a ser utilizadas bolas mais lentas, com raquetes menores e leves e em quadras reduzidas. Sendo assim, a competição e a atividade competitiva podem não somente ser um prolongamento e extensão do treino, como ela própria um fator estruturante da formação das crianças, dando sentido a toda a preparação (MARQUES, 2004).

Para a criança, a competição possui diversos significados e funções. A função de formação a partir da competição se justifica, especialmente quando tratadas, de maneira adequada, as questões das vitórias e derrotas. De antemão, é relevante afirmar que os mais jovens não conseguem se enquadrar em um esporte sem

vencedores e vencidos. Se observadas as manifestações mais espontâneas de uma criança no meio esportivo, esta afirmação ganha força. Tanto a vitória quanto a derrota possuem significados pedagógicos e, se encaradas da forma correta, tanto pelo treinador quanto pelo atleta, podem servir como experiências positivas para a vida. Não significa que aquele atleta que perde uma competição será um perdedor na vida. Muito pelo contrário. Se bem conduzida, essa derrota servirá muito no seu futuro, inclusive podendo esta experiência ser mais significativa do que se o mesmo tivesse obtido êxito. Para que o poder educativo da competição se concretize, seria necessário desdramatizar as derrotas e relativizar as vitórias (MARQUES, 2004).

O sistema de competição de tênis tradicional é um tanto quanto cruel quando observados os números de vitórias e derrotas. Ao final de um torneio existe, necessariamente, apenas um campeão. Um grande vencedor. O sistema mais utilizado é o eliminatório, no qual o vencedor da partida passa de fase enquanto o perdedor abandona a competição. As novas regras para as categorias até 10 anos preveem sistemas diferenciados, que oportunizam a criança jogar mais jogos em uma mesma competição. Mesmo que perca um jogo, tem a oportunidade de jogar novamente para tentar vencer. Como afirmado anteriormente, a vitória e a derrota são importantes, mas para que a criança vivencie os dois lados, é necessário que se criem mais oportunidades para que isso ocorra. Este fato leva ao próximo ponto importante deste estudo: o número e frequência das participações competitivas.

O número de participações competitivas é um tema que está longe de ser consenso na literatura. Enquanto alguns autores (CRESPO; CRESPO; ALVARIÑO, 1995 *apud* FUENTES-GARCÍA; ÁLVAREZ, 2003, p. 28¹; HERNÁNDEZ, 1998 *apud* FUENTES-GARCÍA; ÁLVAREZ, 2003, p. 28²; BOMPA, 2009;) afirmam que para a faixa etária menor de 10 anos é recomendada pouca ou nenhuma competição, outros (ROST, 1997; MARQUES, 2004; KRÖGER; ROTH, 2006) afirmam que é justamente nesta fase que a competição deve se fazer mais presente. Os primeiros se apoiam nas afirmações de que a criança não está tecnicamente preparada para a competição e que a competição nestas condições pode gerar traumas. Enquanto isso, aqueles defensores da competição infantil afirmam que propiciando um número elevado de experiências competitivas as crianças possuem mais oportunidades de

¹ CRESPO, M.; CRESPO, J.; ALVARIÑO, J. F. **Organización de escuelas de tenis. Curso de Ayudante de Monitor**. Valencia: Federación de Tenis de la Comunidad Valenciana, 1995.

² HERNÁNDEZ, M. **Deportes de raqueta**. Madrid: Consejo Superior de Deportes, 1998.

vivenciar tanto vitórias quanto derrotas, conseqüentemente aprendem mais, permanecem mais motivadas, pois o esporte faz sentido para elas. Uma vitória ou uma derrota significarão menos, pois serão fatos recorrentes no cotidiano esportivo delas.

Os calendários destas competições, normalmente preveem um número relativamente pequeno de eventos para esta faixa etária. Nestas categorias, competições nacionais e internacionais são evitadas. Os torneios, de forma geral, se dão nas próprias regiões/estados. Para Marques (2004), este fato seria um problema. O que faz uma criança treinar durante meses para competir durante apenas um final de semana? O treinamento nesta faixa etária não faz sentido. Somente terá valor se a finalidade do treinamento for a competição. Por este motivo, o autor sugere que devam ser proporcionadas diversas atividades competitivas diferenciadas durante a fase de aprendizagem inicial e preparação do atleta. Neste sentido, pode-se afirmar que o tênis evoluiu. Atualmente a ITF apoia um método de ensino chamado *Play and Stay*, o qual possui uma abordagem bastante voltada para o jogo e conseqüentemente para a competição.

Com base nestas informações, emerge a questão central desta pesquisa: O modelo de competição de tênis das categorias até 10 anos (*Tennis 10's*) cumpre os objetivos de educação e formação destas crianças?

Para bem responder esta questão, faz-se necessário responder as seguintes questões norteadoras:

- a) A prática competitiva de tênis das categorias até 10 anos está adequada às capacidades, necessidades e interesses das crianças dessa faixa etária?
- b) O número e a frequência de participações competitivas de tênis nas categorias até 10 anos estão adequados?
- c) As vitórias e as derrotas decorrentes das competições de tênis das categorias até 10 anos representam potencialidades educativas?

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta revisão de literatura se dividirá em duas partes. Na primeira parte será apresentada uma breve revisão relacionada à teoria e metodologia das competições esportivas. Serão abordados os seguintes pontos: a definição de competição esportiva enquanto parte da sociedade atual, bem como as funções da competição esportiva, a formatação do sistema de competições, a classificação das competições e seus objetivos. Em uma segunda parte será apresentada uma revisão sobre a competição para crianças e jovens. Neste tópico, a abordagem se voltará às questões da competição como um modelo de educação e formação de crianças e jovens. Dentre os sub tópicos abordados estão as adequações que devem ser feitas nas competições para este público, a competição como sendo estruturante da formação esportiva da criança e por fim a quantidade e frequência de competições nestes casos. Em todas as partes desta revisão, será feita uma relação com a prática competitiva de tênis para crianças até 10 anos.

2.1 TEORIA E METODOLOGIA DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

A competição esportiva é definida por Thiess, Lühnenscholoss e Wille (2004) simplesmente como a comparação de desempenho de esportistas ou equipes esportivas. As competições exigem a busca do aperfeiçoamento contínuo da performance esportiva na tentativa de constante superação das limitações. Esses desafios precisam ser superados a partir do cumprimento de regras e de normas de conduta pré-estabelecidas por cada modalidade esportiva, que exigem disciplina e autodomínio do comportamento (MARTIN *et al.*, 2004). Servem para a obtenção sistemática de desempenho, para a consolidação do mesmo e para o desenvolvimento e controle de um treinamento (LIMA, 1987; WEINECK, 2003). A prática esportiva competitiva tem sido um componente fixo quando se trata do esporte em geral. Quando se fala em esporte, conseqüentemente a competição está presente. Isso se justifica ao observar as alterações e ampliações desta definição inicial de competição ao longo da história. O crescimento e aceitação das competições esportivas na sociedade atual, com a criação e desenvolvimento de competições esportivas no esporte de lazer, para a terceira idade e para deficientes

físicos, demonstra essa tendência (THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Nos dias de hoje, a competição penetrou no patrimônio cultural de tal forma que constitui a manifestação mais atual da motivação profunda do ser humano em todo o seu comportamento social (LIMA, 1987).

Competições esportivas são geralmente realizadas em função de um treinamento esportivo. Um treinamento sem competição perde o seu valor para o atleta, pois o treinamento é a preparação para vencer uma competição, seja ela com adversários, em uma competição oficial, seja consigo mesmo. Treinamento e competição são partes de um todo, devendo ser planejados em conjunto (WEINECK, 2003 THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). O treinamento presta-se para o desenvolvimento do desempenho, a competição para o seu aperfeiçoamento e consolidação (HOTZ, 1994 *apud* WEINECK, 2003, p. 67)³. Da mesma forma, Marques (2004) afirma que não existe esporte sem competição. A competição é o que dá sentido ao esporte e serve de controle sobre o processo ou estágio deste treinamento.

O esporte está, por essência, associado a uma prática competitiva que por si constitui um processo de avaliação permanente dos resultados obtidos nesta prática (LIMA, 1987). Da mesma forma, o treinamento e a competição não podem estar dissociados, inclusive, devem ser estudados, teoricamente e empiricamente, em conjunto. Não é o cenário observado atualmente, o qual dá mais ênfase às questões teóricas e metodológicas relacionadas ao treinamento quando comparado com os estudos sobre a competição (MARQUES, 1997; 2004; THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Consequentemente, a prática fica, de certa forma, comprometida. Enquanto há muitos anos o treinamento e suas metodologias são desenvolvidos de forma que ocorresse uma evolução nos modelos aplicados, a competição permaneceu estagnada, basicamente reproduzindo modelos previamente determinados (MARQUES, 2004). Este fato, por si só justifica uma atenção especial ao estudo das competições esportivas, sua formatação e sistematização.

Ao longo de uma preparação esportiva, o atleta deve participar de competições oficiais e não oficiais. O conjunto destes eventos forma o sistema de competições. Este sistema de competições é formado e organizado por cinco partes

³ HOTZ, A. Meine Spieler haben vielleicht mehr Talent und Klasse, Deine aber das Entscheidende: mehr Willen zum Sieg und mehr Selbstvertrauen!. **Leistungssport**. v. 24, n. 1, p. 16-19, 1994.

essenciais: os tipos de competições; os modos de competições; as formas de disputa; os gêneros de competições; as modalidades de competições (PLATONOV, 2004; THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004; GOMES, 2009).

Durante a definição de competições deve-se atentar para que:

- Uma competição seja considerada como um todo unitário, tendo uma sequência adequada de provas e incluindo períodos ou fases de recuperação, não devendo ser realizada em momentos inoportunos;
- Seja desafiadora. Competições sem desafios específicos são desprovidas de valor, uma vez que estímulos psicofísicos passam a ser insuficientes (WEINECK, 2003);
- O número de competições seja suficiente e ideal (MATVEEV, 1996; MARQUES, 2004);
- O grau de dificuldade da competição seja compatível com o nível de treinamento: os desafios crescentes graduais em uma competição fazem com que também tenha um caráter de “formação esportiva”.

As federações esportivas e os órgãos que organizam o esporte desempenham uma função importante: seguindo estas “diretrizes”, devem estabelecer as bases legais do esporte, instituindo categorias, modalidades e exigências para a elaboração de competições. Assim, todas as competições, independentemente das características, objetivos e classificações que elas recebam, estão garantidas em um padrão de critérios, algo fundamental para que a comparação de desempenhos seja feita a partir de uma igualdade de condições entre os atletas (PLATONOV, 2004; THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004; GOMES, 2009).

Cerca de um ano antes da competição iniciar de forma efetiva, o comitê organizador da competição inicia a preparação da competição, tendo em mãos a base legal instituída pela federação do esporte. Este comitê organiza todas as questões referentes aos pressupostos e condições necessárias (humanas, materiais e de logística) para que a competição ocorra. O comitê organizador possui autonomia para estabelecer as regras que deverão ser seguidas na competição que está sob sua direção. Estas regras dizem respeito ao que é possível e ao que não é permitido ser realizado pelos atletas durante o evento competitivo (THIESS;

LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Este sistema está diretamente relacionado aos objetivos que orientam esta participação competitiva.

Entre os principais objetivos estão a revelação das capacidades necessárias para alcançar o alto desempenho esportivo e a satisfação dos objetivos pessoais e sociais relacionados ao esporte (GOMES, 2009). Estes dois objetivos estão presentes em todas as competições. Thiess; Lühnenschloss; Wille (2004) consideram que, mesmo que nem sempre se fale em competições esportivas na escola, a comparação de rendimentos é cada vez mais utilizada como uma forma de auxiliar no ensino do esporte. Pode-se notar que em alguns casos, devido à variedade de esportes e de condições em que são organizadas as competições, diferentes objetivos podem se destacar com relação a estes. Segundo Gomes (2009), particularidades das competições podem influenciar as formas de organização e as características das competições:

- O prestígio da competição e o local da prova (interna, local, regional, nacional, internacional);
- As características dos atletas (idade, sexo, nível técnico);
- As condições de acesso à competição (ranking, competição classificatória, nível de desempenho);
- A forma pela qual se define o resultado (vencedores e demais participantes);
- regulamento;
- Forma de participação (número de etapas, tipo de eliminação);
- Condições onde se desenvolve a competição (clima, local, arbitragem, condições materiais, espectadores e ambiente social e emocional gerado em torno da competição).

Estas circunstâncias e fatores que envolvem a competição esportiva fazem com que ocorra uma diferenciação radical entre elas, mesmo dentro de uma mesma modalidade esportiva (GOMES, 2009).

Devido a essa grande variabilidade de condições e características, Gomes (2009) afirma a necessidade de se estabelecer critérios que classifiquem as competições de forma mais precisa. No entanto, há na literatura diversas formas de classificação das competições esportivas, não havendo uma que fosse consenso,

abrangente e satisfatória (GOMES, 2009). A seguir serão apresentados alguns exemplos de classificação das competições esportivas.

Matveev (1996) e Gomes (2009) classificam as competições esportivas de duas formas: a) segundo indicadores que expressam a essência do esporte (competições pré-desportivas e competições propriamente ditas); e b) segundo o seu papel e sua posição no processo de treinamento de competições (competições preparatórias e competições fundamentais). Dentre as competições estritamente pré-desportivas, estão as competições que se diferenciam por funções ou particularidades não orientadas ao rendimento esportivo. Estas competições podem ser demonstrativas (espetáculo) ou mesmo recreativas (descanso ou diversão). As competições que se realizam alternadamente pelas funções marcadas de êxito esportivo podem ser consideradas, em alguns casos, pré-desportivas ou, em outros casos, competições propriamente ditas. Trata-se de competições sistemáticas (de preparação, de treinamento, de controle, etc) ou esporádicas de caráter oficial ou não-oficial (amistosas e eliminatórias). As competições propriamente ditas são as competições de caráter oficial e com funções de prestígio orientadas ao alto rendimento esportivo. São competições ordinárias, que ocorrem de forma regular e segundo o calendário esportivo, e competições principais, de classe superior, de prestígio e com escalas maiores (fundamentais).

Platonov (1988) entende que as competições se dividem em quatro categorias: a) competições de preparação, com a finalidade de auxiliar na elaboração do esquema técnico e tático das atividades competitivas, além de preparar o atleta para os desafios inerentes à competição; b) competições de controle, que possuem a finalidade de avaliar o estágio de preparação e nível técnico do atleta. Estas competições podem ser oficiais ou não oficiais, no entanto, os resultados são utilizados para a análise do atleta; c) competições eliminatórias, as quais são usadas para a formação de equipes e/ou para a classificação de atletas para uma determinada competição; e d) competições principais, que são as competições eleitas pelos treinadores e atletas para se alcançar os melhores resultados. No alto rendimento, Platonov (1988) ainda acrescenta uma quinta categoria de competição: a competição de modelação. Nesta categoria, as competições se caracterizam por simular, parcialmente ou totalmente, as condições em que serão desenvolvidas as competições principais do atleta.

As funções da competição estão diretamente ligadas a estas classificações e aos objetivos que orientam esta participação. Além disso, a competição pode desempenhar diversas outras funções durante o processo de desenvolvimento do atleta. Funções relacionadas desde a determinação da qualidade e rendimento do atleta, até questões relacionadas à satisfação de objetivos pessoais e sociais relacionados ao esporte. Thiess; Lühnenschloss; Wille (2004) listam diversas funções gerais e específicas da competição:

- a) Funções gerais - função cultural, função comercial, função de comunicação, função politico-esportiva e função social (funções integradas a partir das relações de organização e de consumo relacionadas à competição).
- b) Funções específicas fundamentais - função de formação esportiva, função educacional, função de classificação, escolha e descoberta de talentos (funções originadas das tarefas de ensino, de formação esportiva e das metas associadas às competições).

Dentre todas estas funções da competição, segundo Marques (2004), as funções de formação e educação são fundamentais no esporte infantil. O autor defende que a competição pode e deve ser um elemento estruturante de toda a formação da criança e auxiliando no processo educativo da mesma. No entanto, para que isso ocorra, a competição infantil deve seguir alguns critérios: ser adequada às necessidades e condições da criança, proporcionar tanto as experiências da vitória como da derrota e a competição deve representar boa parte das atividades propostas.

No capítulo seguinte, estes aspectos da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens, de Marques (2004), serão abordados mais detalhadamente, fazendo uma confrontação com a realidade da competição atual de tênis para as categorias até 10 anos.

2.2 A COMPETIÇÃO INFANTIL E JUVENIL

Para que se possa intervir com eficácia educativa e de acordo com os objetivos do esporte infantil, é indispensável assegurar um enquadramento pedagógico correto a todo o processo de aprendizagem e de integração das

crianças nos quadros competitivos correspondentes aos seus interesses e necessidades. Para isso, segundo Lima (1987), é necessário transformar a competição, de confrontos e rivalidades agressivos do esporte adulto, em uma competição participativa e cooperativa, de dimensões pedagógicas (formativa e educativa), que seja coerente com os objetivos propostos para o esporte infantil.

Como afirmado anteriormente, a relação entre o treinamento e a competição é de dependência. No entanto, o que se percebe é que as questões relacionadas ao treinamento já estão bem desenvolvidas e continuam recebendo atenção, enquanto que o estudo das competições não apresenta o mesmo desenvolvimento e nem recebe a mesma atenção (MARQUES, 1997; THIESS; LÜHNENSCHLOSS; WILLE, 2004). Marques (1997) entende que o desenvolvimento do estudo das competições ganha maior importância ainda quando é tratado o esporte para crianças e jovens, uma vez que nesta faixa etária a lógica e estrutura da competição em modelos adultos não se aplica.

A adoção e reprodução dos modelos de alto rendimento e adulto foi um erro grave cometido por muitos anos, que, além de reduzir as possibilidades do esporte no processo educacional, ainda pode causar o abandono precoce da prática esportiva (PAES, 2006). Outra afirmação neste mesmo sentido afirma que ao se adotar estes modelos, as exigências da prática competitiva aumentam significativamente, e, em consequência disso, desaparece gradativamente a componente recreativa (PLATONOV, 2004).

As competições infantis e juvenis, segundo Weineck (2003), devem ter a conotação de transição, por isso devem ser consideradas como uma parte do treinamento, quando levado em consideração seu programa e método de organização. Para o mesmo autor, neste tipo de competição, valem os seguintes princípios:

- O jovem atleta deve demonstrar o desempenho adquirido no treinamento (coordenação, técnica, etc.). Uma competição na qual as valências treinadas não são utilizadas, perde sua função de avaliação;
- O atleta deve mostrar sua habilidade em diversas disciplinas da modalidade esportiva em questão e também de outras modalidades esportivas (aspecto multidisciplinar);

- A sequência e a frequência não devem ser determinadas por uma competição principal. Não faz sentido a criança treinar um longo período para apenas uma competição principal;
- Deve haver competições durante todo o ano de treinamento após cada período do mesmo. As competições devem ser feitas entre dois grupos de desempenho semelhante ou ainda entre pessoas do mesmo grupo;
- As competições devem trazer sempre desafios crescentes, sem este critério, a competição perde seu valor.

Diversos critérios apontados como essenciais por Weineck (2003) são compartilhados por Marques (2004). O autor apresenta três categorias teórico-metodológicas que devem ser contempladas para que se possa fazer da competição esportiva um modelo de formação de crianças e jovens:

- Novas práticas competitivas em um esporte mais conforme a criança;
- A competição como um elemento estruturante de toda a formação esportiva;
- Número e frequência de participações em competições adequadas.

A seguir será apresentada cada uma das categorias da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004).

2.2.1 A competição conforme a criança

A criança em estudo se localiza em uma faixa etária de transição entre o que chamamos de primeira infância (dos 3 aos 8 anos de idade) e a segunda infância (entre 8 e 12 anos de idade) (GALLAHUE; DONNELLY, 2008). Para Papalia, Olds e Feldman (2009), dos 6 aos 11 anos é considerada terceira infância. As crianças de 6 a 10 anos apresentam características importantes quanto as suas capacidades físicas, motoras, cognitivas e psicossociais. Estas características devem ser levadas em consideração sempre que for relacionado ao esporte, afinal estes fatores podem influenciar positivamente ou negativamente o desenvolvimento das atividades (MALINA, 1994). Para a criança realizar uma determinada atividade no esporte, a mesma precisa apresentar certo estado de aptidão, definida por Sobral (1994) como a prontidão esportiva. A prontidão esportiva tem como suporte uma manifestação complexa de diversas dimensões. Para se determinar este nível de prontidão

esportiva em uma criança, faz-se necessário conhecer as exigências físicas, motoras e psíquicas da prática esportiva, o estado de crescimento, maturação, e desenvolvimento da criança na sua relação com uma prática concreta, e conhecer o contexto de interação entre a prática e a situação sociocultural e familiar do praticante (CARDOSO, 2007).

Por volta dos 7 ou 8 anos de idade a criança passa a desenvolver seu autoconceito, sabendo julgar sua medida em certos padrões sociais em comparação com outros. Este fato contribui especialmente para o desenvolvimento da autoestima. Nesta fase é importante que a criança tenha visão de sua capacidade para o trabalho produtivo. A virtude que se desenvolve com a resolução bem sucedida desse estágio do desenvolvimento psicológico é a competência. A visão de que é capaz de dominar certas habilidades e realizar tarefas. A criança compara suas habilidades com a de seus colegas. Quanto às relações sociais, pode-se afirmar que as influências mais importantes no desenvolvimento da criança vêm do lar. Um dos fatores é como os pais lidam com a necessidade e a capacidade cada vez maior dos filhos de tomar suas próprias decisões. Os pais exercem supervisão, mas os filhos gozam de autorregulação a cada momento. O grupo de amizade se organiza de forma espontânea. Geralmente possuem características e interesses semelhantes. Desenvolvem habilidades necessárias à socialização e à intimidade, intensificam os relacionamentos e adquirem um senso de afiliação e identidade. Aprendem a liderar e a se comunicar, a cooperar, e também papéis sociais e regras. A popularidade torna-se mais importante e as crianças consideradas populares são mais propensas a ser bem ajustadas quando adolescentes, as outras estão mais propensas a desenvolver problemas psicológicos (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009).

Na faixa etária em questão (6 a 10 anos de idade), a primeira metade é caracterizada por um desenvolvimento físico bastante acelerado. Os ganhos de estatura, evidenciados nesta fase, variam de 5,0 a 7,5 centímetros por ano (GALLAHUE; DONNELLY, 2008; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). Na segunda metade, os ganhos passam a ser menores e mais constantes, culminando no estirão de crescimento da pré-puberdade, aos 10 anos das meninas (este estirão só se dará nos meninos por volta dos 12 anos). Os ganhos de massa nesta fase se dá na mesma proporção, sendo um ganho de cerca de 1,8 kg por ano. Meninos e meninas

apresentam quantidade semelhante de massa muscular e ossatura, e ambos apresentam uma diminuição gradual em tecido gorduroso conforme o desenvolvimento dos anos. Pelas semelhanças físicas apresentadas nesta faixa etária até o início da pré-adolescência, meninos e meninas podem efetivamente participar juntos da maioria das atividades (GALLAHUE; DONNELLY, 2008).

O desenvolvimento cognitivo da criança de 6 a 10 anos também apresenta características marcantes. Por volta desta idade as crianças atingem o estágio das operações concretas (classificação Piagetiana), em que fazem uso de operações mentais para resolver problemas concretos. Passam a pensar logicamente, pois são menos egocêntricas do que antes e levam em conta diversos aspectos de uma situação. Desenvolve regras e estratégias, buscando jogos de raciocínio e pensamento lógico. Contudo, sua maneira de pensar é ainda limitada a situações reais do momento presente. Para o esporte, outra característica importante desenvolvida nesta idade é a compreensão das relações espaciais. Passam a ter noção mais clara sobre a distância de um ponto a outro e quanto tempo é necessário para percorrer esta distância (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). É também ao final da primeira infância que o processo de transformação da mielina é finalizado, permitindo assim a eficiente transferência de impulsos nervosos ao longo do sistema nervoso, otimizando um córtex mais amadurecido e progressivamente mais organizado. A partir deste momento, as crianças apresentam rápidos ganhos em aprendizado e são capazes de atuar em níveis crescentemente mais sofisticados na performance de habilidades de movimento (GALLAHUE; DONNELLY, 2008; BEE; BOYD, 2011).

Segundo Bee e Boyd (2011), por volta dos 6 aos 8 anos de idade, a criança apresenta surpreendentes melhoras nas habilidades motoras finas e na coordenação olho-mão. Além disso, a criança de 6 a 9 anos é capaz de chutar e bater em objetos parados (por exemplo, uma bola) com força. Consegue interceptar objetos em movimento correndo, mas precisa parar para bater, chutar ou pegar. Além disso, possui velocidade de corrida de aproximadamente 3 a 4 metros por segundo. É capaz de bater em objetos a partir de movimentos descendentes (por exemplo, martelo) e rebater objetos com uma das mãos com controle limitado. A partir dessa idade passa a desenvolver habilidades como chutar, bater e pegar objetos em movimento correndo e aumenta sua velocidade de corrida para 4 a 5

metros por segundo. Começa a utilizar movimento horizontal para bater em objetos e rebate com uma mão com bom controle.

Tendo em vista todas estas características que diferenciam a criança desta faixa etária de indivíduos adultos, fica clara a necessidade de não se importar os modelos competitivos especializados. A criança não deve ser considerada uma versão reduzida de um adulto, pois possui necessidades e interesses diferenciados e que devem ser contemplados na perspectiva esportiva (MARQUES, 2004). Para isso, a adequação do esporte conforme a criança tem sido um tema bastante abordado pela literatura nos últimos tempos (ROST, 1997; MARQUES, 1997, 2004, 2006; ARENA; BÖHME, 2004). Em competições que seguem os padrões especializados, geralmente aquelas crianças cujo desenvolvimento, principalmente físico, se encontra mais avançado ou que tenham sido treinadas com métodos que apontam para uma rápida obtenção de resultados, se sagram campeãs. As exigências deste tipo de competição faz com que se dê pouca atenção à formação de base multilateral e à estruturação de pressupostos coordenativos e orgânico-musculares – atributos importantes no futuro. Por este motivo, desde a década de 80 vem se dando importância à presença de competições adaptadas às particularidades dos jovens na Alemanha, visando um bom desenvolvimento individual e uma construção a longo prazo da futura prestação esportiva dos mesmos (ROST, 1997).

Corroborando com esta ideia, Marques (2004) afirma que um dos principais aspectos pedagógicos a ser considerado, é ter a criança como sujeito na preparação e na realização da prática competitiva. Para que isso ocorra, é necessário que se criem situações e adequações no esporte, que permitam a participação da criança conforme suas capacidades, faixa etária e nível de desenvolvimento biopsicossocial. Situações como jogos com dimensões reduzidas, materiais adaptados, adequação no tempo e formato de pontuação do jogo e, até mesmo, alterações radicais nas regras oficiais são possíveis. É preciso proporcionar à criança experiências motoras ricas e significantes, para tanto, é necessário “desconstruir” os modelos de competição sem medo de descaracterizá-los.

Por muito tempo, o treinamento vem se adequando às necessidades da criança. No entanto, a competição não acompanhava essa evolução. Enquanto no treinamento são realizados jogos reduzidos e com materiais especiais, na

competição a reprodução de modelos especializados perdurava (MARQUES, 2004). A partir desta constatação, o autor afirma que:

Ter a competição como estruturante do treino só será correto quando a primeira corresponder a um modelo mais adequado, quando a competição for modelada pelos princípios e pressupostos do treino de jovens. Então, a atividade competitiva não será apenas um prolongamento e extensão do treino, mas ela própria um fator estruturante da formação, a dar sentido e direção a toda a preparação (MARQUES, 2004, p. 79).

Quando levado em consideração o modelo de competição especializado, é notória a perda de atletas no decorrer dos anos devido a bases motoras pobres, problemas de saúde devido a treinamentos específicos unilaterais e problemas de motivação. Resulta daí a necessidade de se implantar conteúdos e estruturas para um novo sistema de competições que ofereça suporte ao treino à medida da criança, que se oponha a especialização precoce e que promova uma perspectiva de rendimento a longo prazo (ROST, 1997). Nos últimos anos, tem sido observada certa tendência. Diversos esportes e federações estão se organizando para desenvolver propostas de adequação do esporte conforme a criança. Como exemplo, podemos citar casos de federações nacionais e internacionais. Nos últimos anos, surgiu alternativas para o Atletismo (Mini Atletismo), Basquetebol (Mini Basquetebol), Handebol (Mini Handebol), Voleibol (Mini Voleibol), entre outros. Dentre os esportes que mais sofrem com a chamada “reprodução do modelo adulto”, está o Tênis.

2.2.1.1 Adequações no *Tennis 10's*

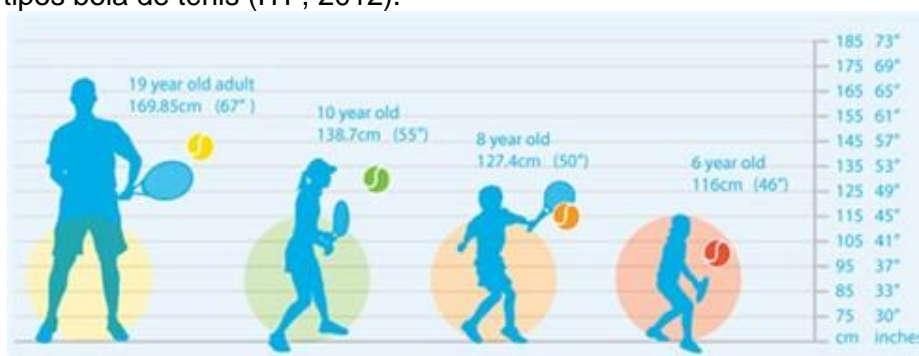
O tênis, por muitos anos sofreu com um alto índice de desistência de seus praticantes logo nos primeiros meses de prática. Primeiramente por ser um esporte difícil de ser praticado a partir de suas regras oficiais. O segundo aspecto pelo qual os praticantes desistiam do tênis era pelo método de aprendizagem: o método analítico ou tecnicista (BALBINOTTI, 2006; BOLOGNINI; PAES, 2007; GRECO; SILVA; ABURACHID, 2009; PAULA; BALBINOTTI, 2009; VALENTINI *et al.*, 2009). Este método é baseado na repetição dos movimentos e da técnica, não levando em consideração aspectos lúdicos do esporte, em prol do desenvolvimento de uma técnica dita “perfeita” (GRECO, 2007). Somente quando dominada a técnica, era

possível praticar a partir do jogo, o que torna a prática um tanto quanto monótona. Esta abordagem exclui os indivíduos menos habilidosos e ocasiona uma considerável perda de motivação, visto que o tempo para adquirir as habilidades técnicas e praticar o jogo é demasiadamente longo (GRECO; SILVA; ABURACHID, 2009; PAULA; BALBINOTTI, 2009) Identificado o problema, algumas escolas tradicionais de tênis, como a Escola Francesa, desenvolveram metodologias nas quais o tênis era adequado às condições do praticante. Visto o sucesso que estas escolas obtiveram ao longo de anos, a ITF desenvolveu um modelo similar para o ensino do tênis: o *Play and Stay*. Método que preconiza quadras, raquetes e bolas adequadas ao nível do praticante, seja ele criança ou adulto.

Seguindo a tendência do esporte adequado à criança, a ITF se viu na necessidade de adequar a competição infantil aos moldes do ensino. Em 2009 sugeriu novas regras para as competições de tênis até 10 anos, sendo aprovadas, por unanimidade, em 2010 e entrando em vigor a partir de 2012. A grande alteração na regra foi a extinção da bola oficial para a idade em questão (INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION, 2012a; CORTELA *et al.*, 2012).

No tênis, o ponto de contato ideal da raquete com a bola, para os golpes de base, é entre a altura do quadril e do ombro do jogador. A Figura 1 mostra que, no caso de crianças com menos de 10 anos, a bola amarela (oficial) seria golpeada acima da cabeça. Isto significa que seria de extrema dificuldade jogar com eficiência, técnica realística e tática adequada. Neste caso, para adequar-se ao quique mais alto da bola, o pequeno jogador deve realizar o contato com a bola mais cedo, antecipando a subida da bola, e/ou jogar muito atrás da linha de base, golpeando a bola mais tarde, tendo que esperar a bola cair até o ponto de contato ideal.

Figura 1 - Estatura média da população mundial (UNESCO, 2002) e altura dos quiques dos diferentes tipos bola de tênis (ITF, 2012).



Fonte: INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (2012a)

A fim de reduzir estas compensações na técnica das crianças e visando uma aprendizagem mais adequada e saudável, foram criadas quatro tipos de bolas. Duas bolas vermelhas, sendo uma de espuma e outra de feltro, uma bola laranja de feltro e uma bola verde de feltro. Estas bolas possuem características específicas descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Características das bolas utilizadas no *Tennis 10's*.

Especificações	Bola Vermelha*	Bola Vermelha**	Bola Laranja	Bola Verde
Massa (g)	25,0 – 43,0	36,0 – 49,0	36,0 – 46,9	47,0 – 51,5
Tamanho (cm)	8,0 – 9,0	7,0 – 8,0	6,0 – 6,86	6,3 – 6,86
Quique (cm)	85,0 – 105,0	90,0 – 105,0	105,0 – 120,0	120,0 – 135,0
Deformação (cm)	-	-	1,4 – 1,65	0,80 – 1,05

*espuma; **feltro

Fonte: Adaptado de INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (2012b)

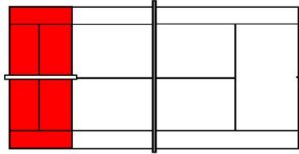
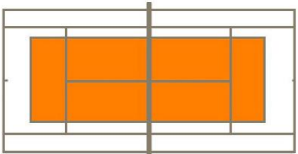
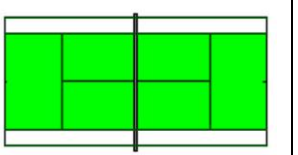
Por possuírem características como densidade menor, maior deformação e tamanho maior, as bolas, além de quicar menos, são mais lentas, possibilitando que a criança consiga chegar em tempo hábil para rebatê-la com qualidade. As bolas vermelhas são utilizadas nas competições para crianças com até 8 anos de idade – categoria “Até 8 anos”. A bola laranja, por sua vez, é utilizada nas competições destinadas às crianças de 8 a 9 anos de idade – categoria “9 anos”. E, por fim, para as competições infantis de 10 anos de idade, a bola verde é utilizada – categoria “10 anos”.

Assim como as bolas mais lentas, as quadras são divididas em três estágios, o que permite ao jogador iniciar em um nível adequado à sua habilidade. O tamanho das quadras no *Tennis 10's* é recomendado a fim de ser condizente com o tamanho do jogador. A maioria das crianças com 10 anos de idade ou menos não consegue cobrir adequadamente a quadra oficial, tornando as trocas de bola mais curtas e a aplicação da tática praticamente impossível. Golpes de aproximação e de subidas à rede se tornam extremamente difíceis taticamente para crianças em quadras oficiais, pois demoram mais para se posicionar adequadamente, ficando vulneráveis a passadas e *lobs*. O trabalho de pernas é difícil de ser desenvolvido quando as

crianças precisam de mais passos para cobrir a quadra, afetando os estilos de movimentação até a bola e de recuperação da posição central.

Tendo em vista estas dificuldades, foram criados três tipos de quadras de diferentes dimensões (Quadro 2).

Quadro 2 – Dimensões das quadras e alturas das redes do *Tennis 10's*.

Categoria	“Até 8 anos”	“9 anos”	“10 anos”
Quadra	 10,97 – 12,8 m x 4,27 – 6,1 m	 17,68 – 18,29 m x 6,1 – 8,23 m	 Oficial: 23,77 x 8,23 m
Altura da rede (no centro)	0,8 – 0,838 m	0,8 – 0,914 m	Oficial: 0,914 m

Fonte: Adaptado de INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (2012b)

Por fim, a ITF instituiu raquetes adequadas ao tamanho das crianças. São raquetes menores e mais leves, que possibilitam um manuseio mais fácil e ágil. Por serem raquetes mais curtas, o ponto de contato com a bola acontece mais próximo do corpo da criança, resultando em um golpe mais preciso. Crianças de até 8 anos de idade e que jogam em suas categorias, devem utilizar raquetes de até 23” (58,4 cm). Crianças que jogam com as regras da categoria “9 anos”, devem jogar com raquetes com dimensões entre 23” (58,4 cm) e 25” (63,5 cm). Já crianças de 9 a 10 anos de idade, jogando na categoria “10 anos”, devem utilizar raquetes entre 25” (63,5 cm) e 26” (66,0 cm). Estes tamanhos são sugeridos baseados no tamanho das crianças destas idades.

Estes três pontos de adequação na competição de tênis para crianças até 10 anos (bolas, quadras e raquetes) podem tornar o esporte mais acessível às crianças quando considerado seu desenvolvimento biológico, motor, cognitivo, psíquico e social. Enquanto que a reprodução do modelo adulto, no qual a quadra é demasiadamente grande, a raquete muito pesada e a bola muito rápida, pode acabar não só criando situações frustrantes para as crianças, mas contraindicadas pedagogicamente (MARQUES, 2004).

Visto a importância da adequação do esporte de uma forma geral para com a criança, passa-se a cogitar a possibilidade da competição fazer parte da formação esportiva da mesma. Afinal, a competição é constituída por um uma gama enorme de componentes pedagógicos essenciais para a vida.

2.2.2 A competição como elemento estruturante da formação esportiva

É na competição esportiva que reside uma grande discussão: pode a competição contribuir para a formação da criança? Em uma abordagem pedagógica, pode-se afirmar que não. De fato, o esporte e a brincadeira têm por característica valorizar diversos aspectos relacionados à educação e formação, como cooperação e igualdade, no entanto, a competição não, inclusive obscurecendo a realidade e significância dos mesmos (SHEETS-JOHNSTONE, 2003). A competição seria o ônus do esporte. Em virtude de situações como a derrota e a incapacidade de realizar com competência alguma tarefa, o atleta pode vivenciar sentimentos de frustração e estresse psicológico. As exigências do esporte de alto nível não se aplicam à realidade da criança, portanto seria um erro expor os mesmo à tal experiência. Newman (2008) dá exemplos de fontes de insatisfação no esporte. Entre os principais, destacam-se os aspectos relacionados à competência, por ser intrínseco ao indivíduo. Um desafio adequado é aquele no qual o atleta tem sucesso em aproximadamente 75% das vezes, enquanto que as atividades nas quais o indivíduo tem sucesso ou falha todo o tempo, é inapropriada. Diversos autores (LIMA, 1987; MARQUES, 2004; WEINBERG; GOULD, 2008) afirmam que este tipo de competição (modelo de alto nível) pode, sim, ser negativa. Contudo, se a competição for adequada à criança, ela pode ser extremamente positiva, inclusive podendo ser estruturante de toda a formação esportiva da mesma.

Para Marques (2004), excluir a competição na perspectiva esportiva seria um grande erro. Seria subestimar o sentido que a própria criança atribui ao esporte. Afirmar que a competição esportiva é o que promove a competição na sociedade é algo extremamente errado, afinal o esporte é, e sempre foi, a expressão de uma civilização em que a competição é um motor. Portanto, tanto a criança quanto o adulto, seja pela sua natureza ou reflexo da sociedade em que está inserido, pode se expressar através da competição esportiva.

Lima (1987) entende que crianças em idade escolar devem receber atenção especial. Neste período o seu desempenho (em várias áreas, inclusive a esportiva) forma sua opinião social, opinião esta que tem influência decisiva e estruturante nas atitudes, nos comportamentos e condutas destas crianças. O professor possui papel importante neste processo, pois é através de suas orientações que a criança vai aprender e passar a valorizar o saber estar e o saber jogar e as suas atitudes passam a se relacionar com os interesses e valores do grupo ou equipe. Por este motivo, Lima (1987) considera que a competição é fundamental para que ocorra esta vinculação da criança com a equipe e com a sua formação esportiva.

Para Lima (1987), a competição é o “instrumento pedagógico” mais importante para a formação esportiva da criança. A participação da criança em uma competição adequada interfere no processo de ensino, fazendo com que ela demonstre as referências sociais que servirão de base neste processo, na orientação da aprendizagem, bem como nos elementos que servirão de avaliação do progresso da criança e do próprio trabalho do professor. Assim, a competição servirá como um “campo de provas” onde se percebe o desenvolvimento da criança e a formação de sua personalidade, além de fornecer aos professores os elementos que serão incluídos nas suas intervenções pedagógicas (LIMA, 1987).

Segundo Marques (2004), o grande potencial pedagógico da competição esportiva está relacionado às vitórias e às derrotas. Desconstruir esta relação faz com que se reduza o esporte a algo praticamente acultural, quase biológico e sem o sentido primordial que lhe é atribuído. Põe em questão o sentido de um modelo que valoriza a expressão dos resultados e se pretende ser um estímulo, por vezes, para os que ganham e, por outras vezes, para os que perdem. A competição pode ser estruturante da formação da criança, tanto nas vitórias, quanto nas derrotas. A derrota é tão ou mais importante, na formação dos mais jovens, que a vitória. Inclusive, as vitórias imediatas podem comprometer mais o futuro, nas questões de aprendizado e educação, do que as derrotas (MARQUES, 2004).

Ao se tratar das potencialidades educativas do esporte competitivo a partir das vitórias e derrotas, é preciso ter cuidado. Uma valorização excessiva dos resultados de uma competição pode causar prejuízos relacionados ao treinamento e especialização de exercícios. É preciso desdramatizar as derrotas e relativizar as vitórias. A ideia de que ganhar ou perder é irrelevante, não serve quando se fala em

educação e formação a partir da competição, pois o real poder educativo da competição se dá quando a criança participa buscando o êxito. Só assim a vitória tem significado positivo e a derrota vale a pena. Segundo Marques (2004), “a aceitação da derrota e a nobreza da vitória é um código de conduta que preceitua as relações no esporte e tem sentido para a vida”.

2.2.2.1 O *Tennis 10's* e a formação esportiva

O modelo competitivo do tênis para crianças de até 10 anos foi baseado em métodos de ensino que têm como princípio pedagógico a competição. O método de ensino instituído e divulgado pela ITF chama-se *Play and Stay* e tem como *slogan* as palavras “Saque, troque bolas e pontue” (tradução nossa), deixando clara a intenção da competição como princípio estruturante do treinamento. Neste caso, cabe ao treinador lidar com as demandas de seus alunos e proporcionar que um maior número de crianças ganhe, reforçando o interesse dos mesmos pela prática e motivando-os a continuar.

Segundo Barrell (2007), as competições no ensino do tênis podem ser chamadas de jogos estruturados e são baseados em cinco fatores chave:

- Formato: equipes, regras e formas de pontuação possuem seus papéis;
- O indivíduo: saber o quão confiante e competente o jogador é, e qual a sua intenção com a atividade competitiva;
- Duração: a duração das partidas e do evento precisam se enquadrar no estilo de vida e outros compromissos do atleta;
- Local: a maioria das competições precisa se dar no clube;
- Ambiente: atmosfera, premiação, formalidade das regras do evento.

Dentre os aspectos considerados chaves para o autor, destacam-se três, fortemente ligados à questão das vitórias e derrotas: a) os formatos de competição; b) a duração das partidas; e c) as premiações e recompensas.

Jogos em equipe são uma excelente maneira de introduzir a competição a jogadores iniciantes. As equipes podem ser compostas por jogadores de diferentes idades, jogando partidas individuais e torcendo por seus companheiros, ou o clássico jogo de duplas. O ambiente em equipe propicia suporte àqueles que faltam

confiança e é ideal para aqueles que buscam socialização. Além disso, o mais importante deste formato: proporciona que um maior número de jogadores vença. A este sistema podem ser adicionados elementos de sorte. Assim os jogadores de nível mais baixo sabem que têm a chance de pontuar, independentemente do adversário.

Quanto aos formatos mais competitivos, se destacam os formatos de desafios, de grupos e eliminatórios. O formato de desafio pode durar um período longo de tempo, pois neste tipo de evento os jogadores marcam os confrontos conforme a disponibilidade e conveniência. Normalmente é utilizado em torneios de rankings em clubes. O formato de grupos se caracteriza por permitir que o mesmo jogador realize mais jogos contra diferentes oponentes e de níveis similares. O sistema mais comum de formato de grupos é o *Round Robin*, no qual o jogador faz partidas contra todos do seu grupo. Por fim, o formato eliminatório. É o formato mais competitivo, pois permite a vitória a somente um jogador. Neste caso, o perdedor está eliminado do evento. É o formato mais comum no modelo adulto especializado.

A duração das partidas e do evento competitivo é tão importante quanto o formato de competição. As características físicas e mentais das crianças sugerem que jogos curtos são mais adequados (BARRELL, 2007). Os benefícios dos jogos com tempo reduzidos incluem:

- Iniciar e finalizar mais partidas;
- Menos envolvimento emocional com relação ao resultado.

Para a aplicação deste princípio, podem-se instituir partidas com tempo pré-determinado, *tiebreaks*, *sets* curtos ou *games* sem vantagem (*no-ad*).

Por fim, a premiação. É importante considerar qual premiação será oferecida e a forma com que será dada. Premiar a evolução e a performance, além da vitória, significa que o desenvolvimento é importante e está sendo valorizado. Incorporar elementos de sorte à premiação pode tornar o evento mais divertido e mantém todos os participantes presentes até o final do evento.

Como se pode notar, é nas vitórias e derrotas que reside o grande potencial educativo e formativo das competições. É de extrema importância que as crianças vivenciem ambas as experiências, a fim de criar uma base que as auxiliem no decorrer de vida esportiva e formal. Para que as crianças possam ter estas

vivências, é necessário que se proporcione um número adequado de oportunidades. Por este e outros motivos, o número e a frequência de participações competitivas deve ser determinado para cada faixa etária.

2.2.3 Número e frequência das participações competitivas

A determinação do número e da frequência das participações competitivas no esporte infantil revelam-se paradoxais. Geralmente, quando a criança se demonstra, de certa forma, despreparada, justifica-se um número reduzido de participações competitivas. Marques (2004), no entanto, afirma que é justamente nas fases da preparação que as participações competitivas devem se fazer em maior número. Enquanto autores como Bompa (2009) determinam um número ideal de participações competitivas por ano, Marques (2004) afirma que quanto mais competições, melhor.

Bompa (2009) sugere que, para crianças até 7 anos, não se deve realizar competições formais. A partir desta idade até os 11 anos, especifica um número de 5 a 10 competições por ano, sendo as mesmas somente em esportes coletivos. Enquanto isso, Arena e Böhme (2004), e Marques (2004) afirmam que a competição faz parte de um processo de formação esportiva inicial. Portanto, não seria necessária a introdução de atividades competitivas logo nos primeiros anos de prática do esporte?

Quando Marques (2004) afirma que a competição é essencial, especialmente nas fases iniciais da aprendizagem esportiva, passa-se muitas vezes despercebido o sentido de competição ao qual o autor se refere. As competições, ou atividades competitivas, podem ser diversas. Não necessariamente precisam ser competições formais, institucionalizadas e oficiais. As atividades competitivas as quais ele se refere podem ser pequenos jogos, pequenas competições, menos estruturadas, simplificadas, diversificadas, que são as formas de aprendizagem por excelência. O jogo nas suas múltiplas formas. Já Platonov (1988), Matveev (1996) e Gomes (2009) dividem as competições em categorias já citadas anteriormente. Dentre elas, se destacam as competições de preparação, competições de controle, competições eliminatórias e competições principais. Em ambos os casos, nota-se uma

concordância quanto à relevância das competições durante toda a preparação do atleta, e não somente da competição oficial ou principal.

Segundo Marques (2004), as formas competitivas são fundamentais na formação, especialmente nas fases iniciais da formação esportiva. Devem ser utilizadas na preparação ao longo de toda a época esportiva de forma sistemática e regular, pois constituem parte essencial do treino. Quanto maior for o número de participações competitivas, maior será a chance de se obter uma vitória e menor será o impacto de uma derrota, diminuindo as pressões psicossociais, o que reflete no rendimento esportivo. Inclusive, este modelo possibilita que um maior número de crianças participe das atividades, evitando um fato recorrente no meio esportivo: a renegação de crianças menos habilidosas por parte de treinadores na busca obsessiva por resultados.

A busca obsessiva por resultados pode levar o treinador à linha da especialização precoce do atleta. No entanto, muitas vezes o sistema de competições não possibilita um melhor enquadramento do treino para com a competição (MARQUES, 1997; ROST, 1997). Neste caso, é necessária uma maior cooperação por parte das federações e associações esportivas no sentido de uma formação de atletas em longo prazo (MARQUES, 1997).

O que justifica a criança treinar durante meses para participar de uma competição? Marques (2004) afirma que é jogando e competindo que a criança aprende. Inclusive, se forem observadas as manifestações mais espontâneas da criança no meio esportivo, a competição estará presente, pois a criança não consegue se enquadrar no esporte sem que haja vencedores e vencidos. No entanto, a competição deve ser saudável. Necessita de momentos de divertimento e prazer para a manutenção da motivação ao treino. A criança não entende a função do treinamento se este não for direcionado à competição. O treino só fará sentido mais tarde, quando acontece um aumento das rotinas e cobranças na eficácia para o esporte de alto nível.

O calendário esportivo para crianças não deve seguir o padrão do esporte de alto nível. Neste sentido, Marques (1997) defende a interligação do esporte em três diferentes âmbitos: o esporte escolar, o esporte de recreação e o esporte de rendimento. No que ele chama de treino de base, inculcado na preparação preliminar e especialização inicial, as competições devem contribuir para o

desenvolvimento da multilateralidade esportiva. Em um primeiro momento, o quadro em que se funda essa multilateralidade deve ser o mais eclético possível. É indispensável que a criança vivencie diversas formas de movimento, jogo e esporte. Já, no segundo momento, a multilateralidade nas competições deve se aproximar mais do esporte escolhido, a fim de potencializar as possibilidades de transferência motora. Neste contexto, um número elevado de competições esportivas se justifica.

2.2.3.1 Número e frequência de competições no *Tennis 10's*

No tênis, Bompa (2009) estabelece a idade de 7 a 8 anos para a iniciação ao esporte, ainda sem competição, 11 a 13 anos para o início da especialização, iniciando com algumas competições, e 17 a 25 anos para o alto rendimento. Da mesma forma, Fuentes-García e Álvarez (2003) listam uma série de sugestões de diferentes autores referentes ao assunto, relacionando o número de competições adequado para o nível de desenvolvimento no esporte referido (Quadro 3).

Quadro 3 – Número de partidas amistosas, interclubes e campeonatos oficiais por temporada.

Autores	Pré Tênis	Iniciação	Aperfeiçoamento	Competição	Alta Competição
Loth (1984)	Jogar uma ou duas vezes por semana sem controle e participar de 4 competições, ou menos, entre os meses de novembro e março		Participação mais numerosa em competições oficiais	Numerosas competições (ao menos 2 por mês)	Dedicação total para a competição oficial
Höhm (1987)	10 a 15 partidas por ano em pequenas ligas		20 a 26 torneios por ano	20 a 30 torneios por ano	26 a 30 torneios por ano
Crespo, Crespo e Alvariño (1995)	Nenhuma competição		Algumas competições amistosas e/ou interclubes	Finais de semana e meses de verão	No mínimo 30 torneios por ano
Hernández (1998)	Nenhuma competição	Algumas competições amistosas	Participação em competições interclubes	Competição oficial	

Fonte: Adaptado de FUENTES-GARCÍA; ÁLVAREZ (2003).

Conforme o Quadro 3, pode-se notar uma discrepância quanto ao número de competições recomendadas para as fases iniciais da aprendizagem do tênis.

Enquanto autores como Crespo, Crespo e Alvariño (1995) e Hernández (1998), citados por Fuentes-García e Álvarez (2003), sugerem que nas fases de Pré Tênis (5 a 7 anos) e Iniciação (7 a 9 anos) não se deva realizar competições ou apenas algumas competições amistosas, Loth (1984) e Höhm (1987) sugerem mais participações competitivas nessas fases. Outro fato que chama a atenção é a tendência de aumento no número de participações competitivas conforme o aumento do nível técnico e da idade dos jogadores. Indo de encontro deste fato evidenciado no Quadro 3, Marques (2004) afirma que é justamente nas primeiras fases da aprendizagem esportiva que o número de participações competitivas deve se fazer em maior número.

Geralmente é observado, a partir do calendário das federações, um número relativamente baixo de competições destinadas às idades até 10 anos, quando comparado a categorias maiores. Este número pode não representar a quantidade e frequência de competições determinada por Marques (2004). Para suprir esta carência de atividades competitivas, caberia aos treinadores uma melhor adequação ao calendário, tendo em vista que um maior número de competições pode proporcionar uma melhor preparação destas crianças. Para isso, podem estimular competições internas, durante os treinos, com atividades variadas, podendo, inclusive, fugir das características da competição formal. As competições podem ser entre os colegas de treino, podem ser consigo mesmo, ou com adversários variados. Além das competições relacionadas às federações, é de costume os clubes de tênis realizarem partidas amistosas com outros clubes, os chamados intercâmbios. Talvez o baixo número de competições oficiais seja a justificativa e motivação para a realização destes eventos. Estes intercâmbios possibilitam que os atletas pratiquem o jogo contra adversários diferentes daqueles que estão acostumados nos treinamentos e ao mesmo tempo vivenciam um ambiente mais competitivo, similar ao encontrado em competições oficiais.

Como visto na terceira categoria teórico-metodológica da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004), a competição é essencial especialmente nas fases de preparação. Portanto, faz-se necessário um número adequado de atividades competitivas que complementem o calendário de competições oficiais. No tênis, a situação da competição parece ser ainda mais importante, afinal é um esporte no qual existe apenas um vencedor ao final de um

torneio oficial. Para que a segunda categoria teórico-metodológica seja contemplada e as vitórias e derrotas façam parte de um cotidiano competitivo, é também necessário um número elevado de atividades competitivas. No entanto, estas experiências só terão valor pleno se a primeira categoria teórico-metodológica for respeitada. Somente se a competição de tênis até 10 anos for adequada às suas condições e interesses, esta atividade poderá compor um modelo de formação e educação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente dissertação de mestrado propõe um delineamento metodológico baseado nas áreas de estudo contempladas pela pesquisa descritiva (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Desta forma, este estudo se propôs a descrever as informações obtidas, a partir de entrevistas semiestruturadas e fontes documentais, com o objetivo de revelar, de forma suficientemente esclarecedora, a qualidade da competição de tênis para as categorias até 10 anos em uma perspectiva da mesma como um modelo de educação e formação. Gaya (2008) afirma que as concepções metodológicas predominantemente ideográficas, hermenêuticas e interpretativas são bastante úteis quando o objeto de investigação exige uma compreensão e valoração das interpretações sobre a realidade. Para cumprir a recomendação de Lima⁴ (*apud* GAYA, 2008. p. 56), buscou-se o método que melhor se adaptara a proposta e objetivo do estudo.

Legitimada a metodologia escolhida para o estudo, cabe salientar que a pesquisa descritiva baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas através da descrição objetiva e completa do objeto em análise (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Visto isso, a seguir buscará se esclarecer de forma pormenorizada a metodologia adotada para o presente estudo.

3.1 AS ENTREVISTAS

Entrevista consiste em um encontro entre entrevistador e entrevistado em um local predeterminado. Diz respeito à prestação de informações ou opiniões sobre determinada temática de forma oral por parte do entrevistado (NEGRINE, 2010). Flick (2009) considera a entrevista um dos principais métodos da pesquisa qualitativa. Existem diversas formas de se fazer entrevistas. No caso deste estudo, foi utilizado o método de entrevista semiestruturado, pois “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário” (FLICK, 2009). Para Triviños (1987), a entrevista

⁴ LIMA, M. P. **Inquérito sociológico**: problemas e metodologia. Lisboa: Presença, 1987.

semiestruturada tem na sua essência a relevância, pois ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todo o alcance e liberdade necessária para que o informante enriqueça a investigação. Segundo Flick (2009), o entrevistado pode possuir uma reserva de conhecimento complexa sobre o tópico em questão, que inclui suposições explícitas, expressas de forma espontânea ao se responder a uma pergunta aberta, e que podem ser complementadas por suposições implícitas. Além disso, possibilita um roteiro para o diálogo e flexibilidade que permite aos participantes incluir contribuições relevantes e novas questões sobre o foco do estudo (MOLINA NETO; TRIVIÑOS, 2010) No caso deste estudo, especificamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com profissionais na área do ensino do tênis para crianças de até 10 anos na cidade de Porto Alegre. Flick (2009) considera estes profissionais “especialistas” na área. De acordo com o mesmo autor, pesquisas qualitativas envolvendo um público específico e entrevistas semiestruturadas podem aumentar a qualidade do estudo.

3.1.1 Os entrevistados

Para Flick (2009) é essencial que o processo de seleção dos participantes das entrevistas seja orientado a encontrar as pessoas certas, aquelas que tornam a sua experiência relevante ao estudo. Com base nesta informação, considera-se que os treinadores sejam a principal fonte de informações para descrever o modelo atual de competição de tênis para crianças até 10 anos e suas qualidades enquanto processo educativo e formativo. O grupo de entrevistados correspondeu a treinadores de atletas participantes de competições da categoria. Além disso, os mesmos não necessariamente possuíam graduação em Educação Física, pois culturalmente muitos professores são ex-jogadores ou profissionais provisionados. No entanto, foi exigido mais de cinco anos de experiência profissional na área especificada. Para a determinação dos treinadores, foi realizada uma consulta prévia à comunidade que participa regularmente das competições da categoria. Assim, buscou-se definir um grupo de entrevistados com alto grau de representatividade social e de reconhecida competência profissional.

A entrevista com especialista é integrada ao estudo não apenas como um caso único, mas representando um grupo. Por ser especialista no assunto, as

informações potencialmente relevantes são mais restritas do que em outras entrevistas, tendo então o entrevistador uma função diretiva mais importante (FLICK, 2009). Meuser e Nagel⁵ (*apud* FLICK, 2009, p. 158) mencionam possíveis problemas nas entrevistas com especialistas: a) bloqueio de informações por falta de conhecimento; b) desvio do curso da entrevista para questões internas e intrigas relacionadas ao campo de trabalho; c) oscilação entre o papel de especialista e o de sua personalidade privada, dando mais informações pessoais do que especializadas; e d) “entrevista da retórica”, na qual o entrevistado dá uma palestra sobre tudo o que sabe. “A questão principal é se o entrevistador consegue ou não restringir e determinar a entrevista e o entrevistado para o domínio do interesse” (Flick, 2009, p. 158). O fato do entrevistador também ser considerado um “especialista”, os eventuais bloqueios de informações por falta de conhecimento foram facilmente detectados. Desvios de curso da entrevista e excesso de informações pessoais ou desnecessárias foram corrigidos a partir de perguntas complementares, com a finalidade de retornar a entrevista para o interesse do estudo.

O número de entrevistados não foi definido *à priori*, pois dependia da qualidade, profundidade, grau de recorrência e divergência das informações obtidas (DUARTE, 2002). A saturação teórica dos conteúdos analisados foi considerada alcançada somente quando foram identificados padrões simbólicos, práticos, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e, inclusive, recorrências. O número final de treinadores entrevistados foi 11.

Com exceção dos Entrevistados 7, 9 e 11, que eram provisionados e trabalhavam no ensino do tênis para crianças há muito tempo, todos possuíam formação em Educação Física, demonstrando uma possível tendência referente à qualificação profissional no ensino para crianças. Todos os entrevistados concluíram cursos de aperfeiçoamento no ensino do tênis, destacando-se os cursos realizados pela CBT. Alguns possuíam certificados de pós-graduação, destacando os cursos em motricidade infantil e treinamento esportivo. Os entrevistados apresentaram uma média de 17,81 anos de trabalho no ensino do tênis para crianças, sendo que todos possuíam mais de 5 anos de experiência na área, atendendo ao critério de inclusão.

⁵MEUSER, M.; NAGEL, U. Expertinneninterviews – vielfach erprobt, wenig bedacht. Ein Beitrag zur qualitativen Methodendiskussion. *In*: BOGNER, A.; LITTIG, B.; MENTZ, W. **Das Experteninterview**. Qpladen: Leske & Budrich, 2002. p. 71-95.

Foi adotado este critério, pois, segundo Burden (1990), este é o período necessário para que o profissional atinja a fase de estabilização da carreira profissional. O fato dos entrevistados possuírem vários anos de experiência na área qualifica o estudo, pois é julgado que, por terem vivenciado todo o processo de transição dos modelos de ensino e competição no tênis infantil, suas respostas podem contribuir muito para o esclarecimento de diversas questões.

3.1.2 O roteiro de entrevista

Para bem responder às questões norteadoras do estudo, propôs-se um roteiro de entrevista que constou com uma série de questões previamente estabelecidas (APÊNDICE A). Segundo Flick (2009), o método de entrevista semiestruturada se pauta no controle e padronização da condução das entrevistas, facilitando a posterior análise e comparação das informações obtidas. Tendo em vista que as entrevistas foram realizadas com especialistas, esperava-se que a variabilidade das informações relevantes ao estudo fosse restrita, pois, neste caso, o interesse no entrevistado está na sua representatividade no grupo (Flick, 2009).

Inicialmente, as questões foram formuladas a partir das categorias teórico-metodológicas propostas por Marques (2004): (1) Novas práticas competitivas num esporte mais conforme a criança – trata-se de um modelo de intervenção pedagógica que pense a competição da criança à imagem da sua prontidão e não esqueça os seus interesses e necessidades; (2) A competição como elemento estruturante de toda a formação desportiva – as vitórias e derrotas representam potencialidades pedagógicas fundamentais; (3) o número e a frequência das participações competitivas – recomenda-se aumentar o número e a frequência das competições nas primeiras fases da preparação, podendo ser pequenos jogos, simplificados, adaptados, diversificados, que são as formas de aprendizagem por excelência. No transcorrer das entrevistas, outras categorias, oriundas dos depoimentos dos entrevistados, foram estabelecidas para melhor interpretar os resultados obtidos (TRIVIÑOS, 1987; DUARTE, 2002; FLICK, 2009).

Por fim, completando o roteiro das entrevistas, foi aplicado um “Questionário de Identificação das Variáveis de Controle (QIVC)”, tendo por objetivo trazer

informações dos participantes da pesquisa como: nome, idade, local de atuação profissional, tempo que atua como treinador de tênis e formação profissional.

3.1.3 Validação de conteúdo do roteiro de entrevista

O roteiro de entrevista passou por um processo de validação de conteúdo proposto por Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010). As questões foram submetidas à avaliação de três especialistas na área da pedagogia do esporte. Estes eram professores de nível superior de universidades federais do Brasil. Esta validação de conteúdo é uma avaliação subjetiva (pessoal e opinativa) com a finalidade de verificar se o teste em questão mede o que se propõe a medir.

Em um primeiro momento, foi apresentada aos juízes-avaliadores a primeira versão dos itens do roteiro de entrevista. Estes itens foram avaliados pelos mesmos, individualmente, quanto à sua “Clareza de Linguagem” (CL) e “Pertinência Prática” (PP). Para isso, foi utilizada uma escala tipo Likert (1932), variando de 1 a 5. Sendo que 1 representava “Pouquíssima CL/PP”, 2 “pouca CL/PP”, 3 “apenas claro/pertinente”, 4 “muita CL/PP” e 5 “muitíssima CL/PP”. Cada um dos itens possuía um campo destinado a sugestões dos avaliadores.

Após a primeira rodada de avaliação, os itens foram corrigidos e alterados conforme as sugestões. Feito isto, o roteiro de entrevista foi reencaminhado aos juízes-avaliadores para uma segunda rodada de avaliação. Após a segunda avaliação, os itens foram submetidos à análise do coeficiente de validade de conteúdo (CVC), proposto por Hernandez-Nieto⁶ (*apud* CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010, p. 511), a fim de identificar itens que, porventura, não estivessem adequados aos objetivos do instrumento e avaliar a concordância entre os juízes. Com base nas notas dos juízes, calculou-se a média das notas de cada item. Com base na média, calculou-se o CVC inicial para cada item (CVC_i), dividindo a média pelo valor máximo que cada item poderia receber (no caso, 5). É recomendado o cálculo do erro, para descontar possíveis vieses dos juízes-avaliadores. Sendo assim, o CVC final de cada item (CVC_c) foi calculado subtraindo-se o erro do CVC_i .

⁶ HERNÁNDEZ-NIETO, R. A. **Contribuciones al análisis estadístico**. Mérida, Venezuela: Universidad de Los Andes/IESINFO, 2002

Tabela 1 – Resultados da análise de conteúdo do roteiro de entrevista

Item	M _x		CVC _i		CVC _c	
	Clareza	Pertinência	Clareza	Pertinência	Clareza	Pertinência
1	4,33	5,00	0,86	1,00	0,83	0,96
2	5,00	5,00	1,00	1,00	0,96	0,96
3	5,00	5,00	1,00	1,00	0,96	0,96
4	3,00	4,66	0,60	0,93	0,56	0,82
5	3,00	5,00	0,60	1,00	0,56	0,96
6	5,00	5,00	1,00	1,00	0,96	0,96
7	4,66	5,00	0,93	1,00	0,90	0,96
8	4,66	4,66	0,93	0,93	0,90	0,90
9	4,00	5,00	0,80	1,00	0,76	0,96
10	5,00	5,00	1,00	1,00	0,96	0,96

Para a interpretação dos coeficientes, foi utilizado como referência o critério de Landis e Koch⁷ (*apud* CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010, p. 514). Com base neste critério, foram encontrados valores de nível de concordância “quase perfeitos” (CVC \geq 0,80) para a pertinência de todos os itens. O mesmo foi encontrado para o quesito clareza, com exceção dos itens 4, 5 e 9. O Item 9 apresentou nível de concordância “substancial” (CVC entre 0,60 e 0,80), e muito próximo aos índices considerados “quase perfeitos”. Os itens que apresentaram valores inferiores, foram os Itens 4 e 5. Os mesmos apresentaram níveis de concordância considerados “moderados” (CVC entre 0,40 e 0,60). Contudo, no estudo (entrevista) piloto – indicado pelos autores para verificar se os procedimentos estão adequados, se algum item é incompreensível ou se comporta de forma diferente da esperada – o único item que apresentou alguma dificuldade de compreensão foi o Item 5: “Você acredita que a relação treino/competição no tênis infantil está estabelecida ‘da competição para o treino’ (como ocorre no esporte de alto nível) ou ‘do treino para a competição’, numa relação de continuidade e complemento dos objetivos da formação que se promovem no treino? Justifique”. Deste modo, foi adotada a seguinte forma de pergunta: “Você acredita que as crianças das categorias até 10 anos treinam tênis para competir ou utilizam a competição, ou atividades competitivas, como uma forma de treinar? Justifique”. Desta forma o quesito clareza parece ter sido atendido em todos os itens que não apresentaram CVC superior a 0,80.

⁷ LANDIS, R. J.; KOCH, G. G. The measurement of observer agreement for categorical data. **Biometrics**, v. 33, p. 159-174, 1977.

3.1.4 Procedimentos de entrevista

Após a seleção criteriosa do entrevistado, foi realizado um contato direto inicial com o mesmo. Tendo realizado o primeiro contato com o treinador, a seguir, foram apresentados e esclarecidos os objetivos do estudo. Assim que demonstrado interesse em participar da pesquisa, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), para ser assinado, autorizando a divulgação das informações para finalidades científicas. Realizados tais procedimentos, foram agendadas as entrevistas, as quais possuíam data, horário, local e tempo determinados em comum acordo.

A aplicação das entrevistas foi realizada individualmente, sempre pelo mesmo entrevistador. As mesmas foram gravadas com um gravador digital de áudio para que não fossem perdidos dados importantes. Após a gravação das entrevistas, foram realizadas as transcrições e análises dos conteúdos orais (TRIVIÑOS, 1987). Concluídas as transcrições, as mesmas foram encaminhadas, via correio eletrônico para os entrevistados. Assim, os mesmos puderam avaliar o conteúdo transcrito, aprovando-o, refutando-o, ou aprovando-o com correções. Conforme previamente acordado com os participantes, foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordaram em expor.

3.1.5 Análise do conteúdo das entrevistas

A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada a partir de uma metodologia essencialmente qualitativa, seguindo um conjunto de técnicas sugeridas por Bardin (2011). A análise foi iniciada já na elaboração do projeto. É constituída pela elaboração dos objetivos da pesquisa, de suas hipóteses, questões norteadoras e, por fim, da seleção do material a ser analisado. Neste caso, as entrevistas. Neste momento foram formuladas e determinadas as categorias de análise (categorização *a priori*), no entanto abriu-se a possibilidade para a criação de novas categorias conforme as respostas dos especialistas (categorização *a posteriori*). Bardin (2011) sugere dois processos inversos: o primeiro é o procedimento por “caixas”. Neste caso, as categorias provém do próprio modelo teórico e o material coletado vai

sendo distribuído nas diferentes “caixas”. No segundo caso, o sistema de categorias não é fornecido e seu procedimento é definido por “milha”. As categorias vão sendo identificadas e definidas durante a análise do material.

Em um primeiro momento foi utilizado o procedimento por “caixas”. Foram adotadas as três categorias provenientes da teoria de Marques (2004): 1) A adequação da competição conforme os interesses e necessidades da criança; 2) A competição como estruturante da formação esportiva da criança, e; 3) O número e frequência de atividades competitivas para crianças. Ao longo da transcrição e análise do conteúdo das entrevistas surgiram duas novas categorias de considerável interesse. A primeira, oriunda da prática em questão, fortemente relacionada à primeira categoria de Marques (2004): As modalidades de competição do tênis infantil. A segunda, relativa à participação dos pais na educação e formação esportiva no tênis infantil.

Durante todo o processo foi realizado um estudo dos materiais obtidos, no qual houve a codificação e classificação de trechos das entrevistas nas categorias pré-definidas. Também, conforme a análise do conteúdo, foram estabelecidas subcategorias para uma melhor interpretação. Por fim, foram verificadas frequências de ocorrência de alguns códigos e subcategorias.

3.2 AS FONTES DOCUMENTAIS

De acordo com Marconi e Lakatos (2006), existem três tipos de fontes documentais: os arquivos públicos, os arquivos particulares e as fontes estatísticas. Neste estudo, foi proposta a utilização das duas primeiras fontes de documentos. Com relação aos arquivos particulares, pode-se afirmar que a finalidade foi a obtenção de dados registrados pelos treinadores e que fossem suscetíveis de serem utilizados para auxiliar no cumprimento dos objetivos da pesquisa (HELDER, 2006). Além disso, foram buscados documentos públicos relativos à Federação Internacional de Tênis, Confederação Brasileira de Tênis e Federação Gaúcha de Tênis, como o regulamento das competições e calendário competitivo. Foram utilizados a fim de enquadrar a situação atual da competição de tênis para crianças até 10 anos. Assim, o desenho de pesquisa auxilia na análise e comparação do conteúdo coletado.

3.2.1 Procedimento de coleta dos dados documentais

Primeiramente foi realizada uma busca na internet por documentos públicos que poderiam contribuir para o esclarecimento quanto ao enquadramento atual da competição de tênis até 10 anos. Esta busca foi realizada em sites relacionados à FGT, CBT e ITF, a fim de comparar tais informações. Em um segundo momento, durante o encontro com o treinador, foi perguntado ao mesmo se possuía algum registro que, de alguma forma, poderia trazer informações sobre os conteúdos do treinamento competitivo dos tenistas sob sua orientação. Em caso positivo, era solicitado que fossem disponibilizados para a realização do estudo. O uso destes arquivos particulares teria a finalidade de, além de conhecer em detalhes os conteúdos aplicados pelos treinadores nas rotinas do treinamento infantil, ilustrar a forma com que esses conteúdos são registrados. Pode-se afirmar que estes documentos também seriam muito importantes principalmente nos aspectos relacionados aos conteúdos das competições, que têm relação direta com a educação e formação das crianças. Contudo, poucos treinadores forneceram documentos particulares. Este fato inviabilizou uma profunda análise destes documentos.

3.2.2 Procedimento de análise dos dados documentais

Após a coleta das fontes documentais, bem como feito seu registro, as informações coletadas foram submetidas à técnica de análise documental. Nessa etapa do estudo, de acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), o pesquisador deve interpretar as informações, determinar tendências e, na medida do possível, fazer inferências. Cellard (2008) salienta, ainda, que esse é o momento de reunir todas as partes: elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto e conceitos-chave.

No segundo momento foi realizada a análise de conteúdo dos referidos documentos. Ao decompor-se o conteúdo dos documentos em fragmentos mais simples, temas, palavras ou ideias tiveram suas frequências medidas para que se pudesse atribuir um peso relativo a determinado assunto (SÁ-SILVA; ALMEIDA;

GUINDANI, 2009). Assim, sentidos e significados presentes nos documentos coletados puderam ser assimilados e interpretados.

Por fim, assimilados e interpretados os conteúdos encontrados no presente estudo, os mesmos foram enquadrados nas categorias já pertencentes à competição infantil.

3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foram observadas as questões éticas inerentes à pesquisa com seres humanos conforme previsto na Resolução do Ministério da Saúde nº 466/2012. Conforme essa resolução, e de maneira geral, foram observados os princípios de autonomia, beneficência, não maleficência e justiça (entre outros), bem como, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), no qual, por sua vez, constou o tema e o objetivo geral da pesquisa na qual ele se insere (estudo para a realização de uma dissertação de mestrado no Programa de Ciências do Movimento Humano da UFRGS) e como o treinador poderia participar. Ainda foi explicado aos treinadores que os mesmos poderiam optar por não participar (se assim o desejassem), ou (no caso de participarem) não querer que seus dados fossem utilizados no estudo. Por fim, foi acordado com os participantes o respeito aos critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordarem expor.

Cabe ressaltar que a presente pesquisa faz parte de um projeto maior – “projeto guarda-chuva” –, denominado: *Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório*, e que o mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número de protocolo 271526.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente seção será apresentada da seguinte maneira: primeiramente serão apresentados resultados referentes a uma das categorias propostas pelo estudo, seguida de sua discussão com a literatura existente. Para um melhor entendimento do conteúdo desta dissertação, cabe destacar de antemão que, a partir dos resultados, verificou-se que as categorias propostas por Marques (2004) possuem certo grau de hierarquia. Verificou-se que a primeira categoria – adequações do esporte conforme a criança – e a terceira categoria – número e frequência de participações competitivas – são elementos chave para que a segunda categoria – a competição como elemento estruturante da formação da criança – seja contemplada. Portanto, em uma primeira parte, serão apresentados os resultados e discussão relativos à concepção pedagógica predominante nos treinadores de tênis de crianças com até 10 anos de idade. Esta não é uma das categorias propostas pelo estudo, no entanto é de extrema importância este conhecimento para a continuidade da discussão. Na segunda parte serão apresentados os resultados e as discussões relativas às questões sobre as adequações conforme a criança no *Tennis 10's*. Nesta seção serão apresentados os resultados relativos à nova categoria, oriunda da prática específica: as modalidades de competição no tênis infantil. Em uma terceira etapa, os resultados e as discussões relativas à frequência e ao número de competições para esta categoria. Em uma quarta parte, os resultados e as discussões sobre a competição como elemento estruturante da formação esportiva da criança e sua relação com as vitórias e derrotas. E, por fim, em uma quinta seção, os resultados e discussão da categoria oriunda das falas dos entrevistados: a relação dos pais na educação e formação esportiva no tênis infantil.

4.1 CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA PREDOMINANTE DOS TREINADORES DE TÊNIS DE CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS.

A primeira questão do roteiro de entrevista foi relativa às principais concepções pedagógicas existentes quanto às competições esportivas para crianças e jovens. Em um primeiro momento, foi apresentada uma concepção que rejeita a

competição como um modelo de educação e formação de crianças e jovens, pois considera que a competição apresenta características negativas, promovendo valores exacerbados de concorrência e individualismo, ao invés de promover valores como solidariedade e igualdade. Logo após, foi apresentada a concepção na qual os pedagogos aceitam a competição como um modelo de educação e formação de crianças e jovens, por diversos motivos, como: possibilidade que as competições oferecem de avaliar as próprias capacidades dos praticantes, comparando-as com a dos outros; de se mostrar tudo aquilo que se é capaz, de se obter sucesso, de se superar; de se criar junto com os amigos, e; de se criar e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade.

De forma unânime, no entanto superficialmente tratando, os entrevistados responderam ser a favor da competição como um modelo de educação e formação de crianças, justificando principalmente pelos seguintes motivos: a) socialização; b) aprendizagem em geral; c) desenvolvimento de valores como honestidade e respeito, entre outros. Alguns trechos das entrevistas que citam estes motivos para a defesa da competição de tênis para crianças até 10 anos são:

- ENTREVISTADO 1: *Nós fazemos torneio, competição, mas muito mais para confraternizar, pra sociabilizar, do que ser uma competição em si.*
- ENTREVISTADO 2: *[...] ela conhece outras crianças, interage com outras crianças, trabalha frustração também, que não é só ganhar, tem que aprender a perder.*
- ENTREVISTADO 3: *por ter vivenciado isso, eu respondo a todas as situações com a minha vida (no tênis). Fiz amigos, vi bastante coisa, viajei... O cara vai aprendendo a se virar assim.*
- ENTREVISTADO 4: *Eu acho que a vida é pedagógica, a competição não tem como deixar de ser, eu vejo como uma forma de estar avaliando aquilo que a criança já conseguiu, vejo também como proporcionar pra criança esse momento necessário de estresse, que ela tenha que buscar o repertório dela, o que é o melhor que ela consegue fazer, que ela consegue experimentar, descartar o que deu errado, criar opções pra aquilo que dá certo.*
- ENTREVISTADO 5: *[...] eles aprendem a lidar com situações que vão ter que aprender a lidar quando adultos,[...] a ter honestidade, [...] acreditar no que o outro está dizendo, [...] respeitar o outro, seja ele um jogador mais forte que*

tu, um jogador mais fraco que tu, tu respeitar ele como pessoa do outro lado, a questão do “fair play”. [...] ter disciplina, como a questão de cumprir horários, [...] respeitar as regras. Fazer amizades, [...]. A busca por ser melhor e acho que isso é contínuo também, a cada ponto que eu bato eu tenho que bater melhor, e isso faz eles buscarem a excelência o tempo inteiro e isso é bom.

- ENTREVISTADO 8: *Eu acho que a competição deve ser exercitada na infância, até porque a nossa vida é extremamente competitiva. Se a criança não tiver experiência e situações em que ela tenha que competir, não aprender a lidar com dificuldades, não tiver desafios, [...], lá na frente, vai ser um adulto extremamente limitado.*
- ENTREVISTADO 10: *Acho que as crianças já têm de ter uma noção do esporte e das regras. Principalmente das regras: ter disciplina, ter educação na quadra. Eu acho que o esporte educa a criança.*
- ENTREVISTADO 11: *Sou favorável à adoção da competição para tenistas dessa faixa etária, porque é um complemento das aulas. Eles têm a oportunidade de ter uma vivência, além do lado competitivo, social também. Porque dentro da competição existe a possibilidade da formação de novos amigos, de novos grupos, de conhecer novas pessoas, outros clubes. [...] existem vários outros aspectos que estão incluídos dentro da competição que ajudam a formação do indivíduo.*

Identificar a concepção dos treinadores com relação à competição esportiva em geral é de extrema importância para o início deste estudo. Caso os resultados demonstrassem algum tipo de aversão à competição, as contribuições dos entrevistados seriam em um sentido completamente diferente, colocando em cheque a teoria que norteia este estudo (Marques, 2004). No entanto, não foi o caso. Todos os entrevistados responderam ser a favor das competições esportivas.

Arena e Böhme (2004) realizaram um estudo em diferentes federações esportivas, analisando diversos aspectos relativos à competição. Um deles verificou com que objetivos as federações esportivas promoviam competições infantis. Alguns relataram que o objetivo era a renovação e massificação do esporte, outros a obtenção de resultados e outros a “sobrevivência” das instituições, como clubes e academias.

Diversos entrevistados, em especial o Entrevistado 7, destacaram a importância deste novo modelo de competição no tênis infantil, relatando que houve um aumento significativo de crianças querendo participar das competições e, conseqüentemente, das aulas de tênis, corroborando com a ideia de renovação e, principalmente, massificação do esporte.

Depois que foi implantada essa forma de trabalho, não sai mais criança da escola (de tênis). Pelo contrário! Elas permanecem e cada vez entram mais crianças. Hoje estamos com 110 alunos, enquanto que a média, antes do *Tennis 10's*, era 50, 60, 70 alunos. (ENTREVISTADO 7)

A importância das competições para a “sobrevivência” das instituições foi relatada pelo Entrevistado 2, afirmando que é necessário manter uma equipe forte e competitiva. Os resultados são importantes para esta manutenção.

[...] Treinar as crianças pra chegar na equipe... precisa sempre estar com a equipe lá, funcionando. Se nós não tivermos atletas que vão até lá, não vai ter mais equipe, então nós temos que influenciar isso... mostrar que a competição é boa, que é legal [...]. (ENTREVISTADO 2)

Este parece ser um sério problema das instituições esportivas brasileiras, não somente no tênis. Muitas delas “sobrevivem” de resultados das categorias de formação. No entanto, é sabido que os resultados em idades iniciais, principalmente na 1ª Etapa (proposta por Platonov, 2004), não predizem resultados futuros (MARQUES, 1997; ROST, 1997; CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006). Este fato pode ser demonstrado com diversos exemplos recentes de campeões nacionais e até em torneios de nível mundial que não chegaram ao circuito profissional com sucesso. No entanto, o sistema competitivo proposto pelas federações pode influenciar diretamente este processo, no momento em que propõe um supervalorização do resultado, por exemplo (MARQUES, 1997; 2004). A supervalorização do resultado possui ligação com a segunda categoria da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004), portanto este tema será abordado com maior profundidade no decorrer desta dissertação.

Os resultados de Arena e Böhme (2004) demonstram não haver preocupação por parte das federações nos quesitos educação e formação das crianças. Pode-se supor que estas questões cabem ao treinador conduzir. Sendo assim, Fontaine (1997) ressalta a importância da competição de tênis como uma forma de educar a

criança e destaca a participação do treinador neste processo. Além de ressaltar as vantagens e possibilidades educativas que a competição proporciona, conclui sua obra afirmando que a função do treinador vai muito além de formar um campeão, afinal estes são uma minoria. O que acontece com o restante dos praticantes? Na perspectiva de ensino proposta pelo autor, com o tênis e através do tênis é possível formar pessoas melhores e mais bem sucedidas. A função do treinador é passar lições valiosas para “o jogo da vida”, e, como um bônus, talvez produzir um ou dois campeões no esporte.

O estudo de Milistetd *et al.* (2008) também analisa a concepção de treinadores quanto o papel da competição na formação de jovens. A conclusão do estudo corrobora com os resultados aqui apresentados. Os treinadores consideram a competição crucial na formação esportiva, no entanto consideram algumas condições para que a mesma seja realmente eficiente. A competição deve ser orientada por valores pedagógicos fundamentados e voltados à inclusão.

Foi destacado que todos os entrevistados se mostraram a favor da realização de competições de tênis para crianças das categorias até 10 anos, no entanto, foi utilizado o termo “superficialmente”. Este termo foi utilizado, pois alguns entrevistados ressaltaram, assim como no estudo de Milistetd *et al.* (2008), condições para que as competições fossem aceitas por eles. Os treinadores citam diretamente ou indiretamente a questão da adequação das competições conforme a criança como sendo fundamental para a aceitação. Dentre as adequações estão os materiais utilizados, os formatos de disputa e ainda a definição dos objetivos. A seguir alguns trechos que destacam estas condições:

- ENTREVISTADO 2: *Tem que ter a competição, sendo adaptada pra criança, não uma competição de adulto pra uma criança, né?! Porque a criança é uma criança, não é um “mini adulto”.*
- ENTREVISTADO 5: *eu acho que existem formas de nós trabalharmos a competição com eles, [...] deles aprenderem a competir de uma forma mais saudável, de uma forma mais lúdica que não acabe prejudicando eles.*
- ENTREVISTADO 6: *Competição é favorável, só não pode ter a loucura da pressão, na qual o que mais importa é aquilo. Sendo ponderada, a competição é muito importante.*

Pode-se relacionar a questão da inclusão, sugerida por Milistetd *et al.* (2008), com a adequação da competição conforme a criança. Em um momento que a competição está adequada, qualquer criança deve ser capaz de competir em igualdade de condições. Em uma competição fora destes padrões, alguém deverá levar vantagem. Um exemplo claro é quando há a reprodução do modelo adulto. Neste caso, as crianças que estiverem em um estágio maturacional mais avançado, provavelmente terá mais sucesso (ROST, 1997; MALINA, 2000; BOJIKIAN; RÉ; MASSA, 2011).

Antônio Marques, em diversos de seus textos, afirma que a competição esportiva deve fazer parte do cotidiano da criança. No entanto, em sua visão, não é qualquer competição que serve para as crianças. A competição deve ser adequada às condições e necessidades das mesmas, corroborando com a concepção adotada pelo Entrevistado 2. Estas adequações na competição infantil, segundo o mesmo autor, serviriam para auxiliar o processo de ensino, sendo estruturante na formação da criança, fazendo com que esta se sinta menos pressionada, pois a competição seria algo comum na sua rotina. Este modelo conceitual contempla tanto as condições impostas pelo Entrevistado 6, quanto às ideias propostas pelo Entrevistado 5.

A pressão da competição a que se refere o Entrevistado 6 é relativa à obtenção de resultados. Em um modelo de competição adequado às condições das crianças e tendo uma competição justa, entre pares, como preconiza Marques (2004), as vitórias são possíveis para todos e em algum momento devem ocorrer. Quanto à proposta do Entrevistado 5, pode-se afirmar que a competição infantil adequada à criança não deixa de ser lúdica pelo simples fato de ser competição. A origem da palavra “Ludicidade” vem do latim *Ludere*, que significa, entre outros significados, jogar, dar-se a um exercício, divertir-se e brincar (KNIJNIK; KNIJNIK, 2004), ideias contempladas pela Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004). No entanto é importante discutir cada uma destas condições separadamente e partir de outros espectros.

O estudo de Pantelidis *et al.* (1997), por exemplo, demonstra que jovens tenistas não apresentam sintomas de estresse gerado pela competição. No estudo, os níveis indicadores de estresse se mantiveram semelhantes aos níveis identificados durante as seções de treinamento. Apesar de o estudo ter sido

realizado com tenistas com idade média de 10,9 anos ($\pm 1,7$ anos), pode ser considerado como relevante para idades inferiores, afinal maiores níveis de estresse proporcionados pela competição, são observados em idades adultas (PANTELIDIS *et al.*, 1997). No entanto, deve-se levar em consideração a qual o tipo de treinamento estas crianças foram submetidas. É provável que crianças que vivenciam a competição no dia a dia, sintam-se menos pressionadas que aquelas que treinam exclusivamente para a competição oficial, entrando em discussão os métodos de treinamento e a frequência e número de participações competitivas. Contudo, este tema será mais profundamente abordado quando discutida a terceira categoria da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004).

Quanto à questão da ludicidade, pode-se afirmar que a mesma está presente e ligada às três categorias que fazem parte da cultura lúdica humana: a brincadeira, o jogo e o esporte de competição (KNIJNIK; KNIJNIK, 2004). É importante destacar as diversas faces de contato entre elas, suas relações e o quanto se influenciam. Segundo Knijnik e Knijnik (2004), estes componentes são mais do que categorias separadas e estanques, pois a brincadeira vira um jogo, que pode virar um esporte, e este poderá vir a se tornar novamente uma brincadeira. Além disso, Huizinga (2001) considera a ludicidade um elemento da cultura humana. Sendo assim, o esporte pode ser considerado uma atividade lúdica por estar tão incrustado em nossa cultura.

Portanto, uma competição excludente, extremamente seletiva, voltada exclusivamente para a obtenção de resultado, gerando pressão sobre os participantes e, conseqüentemente, pouco lúdica, dificilmente seria aceita pelos treinadores entrevistados como uma forma de educação e formação de crianças. O resultado encontrado é de extrema importância, visto que até pouco tempo atrás (2012) a competição infantil de tênis era uma reprodução do modelo adulto, contrariando a tendência atual e a sugestão da literatura. Diversos trechos das entrevistas destacam o quão importante foi esta alteração no modelo competitivo e como o sistema competitivo atual representa um acréscimo quando comparado ao sistema anterior.

- ENTREVISTADO 2: *(O modelo de competição atual) ajuda muito comparado ao que era antes. [...] Eu acho que demorou ainda, na verdade, para chegar a um modelo assim.*
- ENTREVISTADO 3: *Eu acho que sim (atende aos interesses e necessidades). Pelo menos muito mais do que era na época que eu jogava.*
- ENTREVISTADO 4: *O Tennis 10's acho que veio tentar atender uma demanda já percebida há muito tempo no tênis e, óbvio, ninguém tem receita pronta... eles (ITF) não vão acertar em tudo, mas atende uma necessidade que se tinha, já de muitos anos no ensino do tênis para criança.*
- ENTREVISTADO 8: *Ele melhorou muito em relação ao que era o tênis no passado.*
- ENTREVISTADO 9: *A realidade hoje no Brasil é muito melhor do que quando foi instituído, em 2012, o Tennis 10's pela ITF, e o Play and Stay, anos antes. [...] como o parâmetro que nós tínhamos era uma competição não adaptada, [...] eu tenho que dizer que está 100% positivo, porque antes era muito difícil.*
- ENTREVISTADO 10: *Eu acho que é bem melhor do que na época em que nós jogávamos.*
- ENTREVISTADO 11: *Está bem mais atraente do que como era antigamente.*

A partir da análise dos resultados obtidos relativos à concepção dos treinadores com relação à competição de tênis como elemento educativo e formativo de crianças, pode-se afirmar que todos são, de alguma forma, a favor. Pode-se especular que o fato da competição de tênis nas categorias até 10 anos ter sofrido alterações recentes, pode ter influenciado estas respostas. A competição baseada no modelo adulto sofria muitas críticas e o fato de se ter uma competição pensada na criança pode ter resultado em uma maior aceitação por parte destes treinadores. No entanto, a simples aceitação das competições por parte dos entrevistados não significa que os mesmos a utilizam com a ideia de educar e formar a criança, afinal cada um pode se utilizar deste elemento do esporte de formas diferentes e com finalidades diferentes, como observado no caso de “sobrevivência” da instituição a partir dos resultados competitivos. No entanto, apesar do grande avanço, nota-se, explicitamente em algumas falas (Entrevistados 3 e 4) e, em outras, nas entrelinhas, que o modelo não é perfeito. Para tanto, foram realizadas perguntas relativas às adequações da competição conforme as necessidades, capacidades e interesses

das crianças. Estas questões visaram à obtenção de sugestões para uma possível melhora destas adequações.

4.2 AS ADEQUAÇÕES DA COMPETIÇÃO CONFORME A CRIANÇA NO *TENNIS 10's*.

Como citado anteriormente, o novo modelo de competição para crianças até 10 anos foi instituído somente em 2012. Para muitos, esta mudança veio dar suporte às muitas metodologias e programas de ensino já utilizadas anteriormente, os quais se utilizavam de bolas com diferentes pressões, quadras reduzidas, raquetes menores, etc. Materiais adequados às capacidades físicas e motoras das crianças.

A partir de 2012 ele passou a ser obrigatório como modelo de competição infantil. Então, para quem já trabalhava dessa maneira adaptada com crianças foi um alívio, porque, até então, parecia estar fazendo algo absurdo, com comentários do tipo: “Meu Deus, o que vocês estão fazendo com as crianças? Isso não é tênis, isso é recreação”. Ouvíamos isso porque nós criávamos modelos de competição diferentes e não convencionais, adaptados e fundamentados tal qual sugerem no *Tennis 10's*. O problema é que o nosso aluno aprendia aqui assim, mas não conseguia jogar em outros lugares, pois quase todos usavam o modelo adulto sem adaptação alguma. Sofríamos muitas críticas por isso. (ENTREVISTADO 4)

Para aqueles que ainda trabalhavam no modelo “clássico” de ensino, foi uma revolução e uma grande evolução, vide o comentário do Entrevistado 5: “Dentro do ensino, eu acho que favoreceu muito. Eu acho que foi um *boom!* Hoje eu não sei trabalhar sem esse modelo”.

Segundo as entrevistas, todos os professores aprovam, de certa forma o novo modelo competitivo para crianças, portanto todos planejam suas aulas baseados nos preceitos do esporte adequado às mesmas. No entanto, quando perguntado aos treinadores se o *Tennis 10's* está adequado aos interesses, às necessidades e às capacidades das crianças, somente o Entrevistado 7 relatou estar 100% de acordo e não sugeriu qualquer alteração. Os demais sugeriram pequenas alterações em alguns aspectos do modelo: a) materiais e dimensões de quadra; b) categorias de competição; c) formatos de disputa, e; d) modalidades de competição.

A Tabela 2 resume as respostas dos entrevistados a partir da definição de subcategorias definidas na segunda etapa da análise de conteúdo das entrevistas.

Estas subcategorias são específicas do tênis, portanto nem todas são contempladas pela Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004).

Tabela 2 – Resumo das respostas relativas à primeira categoria da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens.

Entrevistados	Materiais e dimensões	Categorias de competição	Formatos de disputa	Modalidades de competição
1	Aprova*	Aprova	Aprova*	S, D, E
2	Aprova*	Aprova	Aprova	S, D, E
3	Aprova*	Aprova	Aprova	S, D
4	Aprova	Aprova*	parcialmente	S, D, E
5	Aprova	Aprova	Aprova	S, D, E
6	Aprova	Aprova	parcialmente	S, D
7	Aprova	Aprova	Aprova	S, D, E
8	Aprova	Aprova	Aprova	S, D, E
9	Aprova*	Aprova	parcialmente	S, D, E
10	Aprova*	Aprova*	Aprova	S, D, E
11	Aprova	Aprova*	parcialmente	S, D, E

*: com sugestões;

S: Simples;

D: Duplas;

E: Equipes.

4.2.1 Os materiais e dimensões das quadras

A adequação dos materiais e das dimensões das quadras é fundamental quando analisadas principalmente as capacidades físicas e motoras das crianças. O principal objetivo destas adequações é que a criança consiga desenvolver e realizar todos os golpes com desenvoltura, sendo o mais tecnicamente parecido com o tênis adulto. Além disso, devem conseguir jogar com objetividade, realizando jogadas variadas. Para isso, devem ter capacidade para cobrir a quadra inteira, de lado a lado, do fundo à rede. Além disso, a proposta da adequação dos materiais e dimensões da quadra possui um caráter de inclusão. Assim, o tênis infantil se tornaria possível para um número maior de crianças, e não apenas para aquelas mais bem desenvolvidas em termos físicos e motores.

A grande maioria dos entrevistados demonstrou estar de acordo com a dimensão da quadra para a categoria “Até 8 anos”. Apenas os Entrevistados 2 e 10

acreditam que a proposta de quadra para esta categoria poderia ser maior, mas, ainda assim, creem ser possível desenvolver muito bem os tenistas.

A criança tem movimentos muito amplos, solta o braço. Ela não tem a motricidade fina, capacidade de mandar a bola mais curtinha, então, às vezes isso, na questão da mini quadra, no início prejudica. [...]. Então nós temos que trabalhar, “Tenta trabalhar um pouquinho mais o *topspin*”, então algumas acabam encurtando o golpe. [...] mas tudo é com trabalho, vai tentando descobrir a melhor forma de fazer. Mas com certeza a quadra é boa, porque pra acertar o saque, é mais perto, a rede é menor, etc [...]. (ENTREVISTADO 2)

A categoria “9 anos” é a que parece mais agradar os entrevistados. Inclusive o Entrevistado 9 relata que em um dos cursos realizados pela ITF, foi verificado que esta é a categoria que mais se assemelha às características do jogo adulto, em termos de troca de bola, distâncias percorridas, etc. O Entrevistado 3 ainda ressalta que, nesta categoria, ainda é possível para a criança chegar à rede com segurança e grandes chances de vencer o ponto, pois o fundo e as laterais da quadra são limitados, deixando a crítica para a categoria “10 anos”. O único treinador que relatou haver algum tipo de problema com a quadra foi o Entrevistado 10.

Eu acho que a quadra poderia ser um pouco maior, porque eu vejo as próprias crianças que jogam reclamarem [...]. Porque eles treinam já na quadra tamanho oficial, claro que um pouco mais aproximado, dentro da quadra, mas quando têm que jogar torneios, pelo menos todos os meus alunos, reclamam. (ENTREVISTADO 10)

Neste caso, as crianças parecem treinar em condições diferentes das propostas pela competição. Na verdade, este entrevistado, particularmente, pareceu desconhecer as novidades do sistema competitivo adotado pela ITF. Contudo, o mesmo propõe atividades competitivas internas adequadas à maneira que considera ideal. O problema está justamente quando seus alunos competem fora de seu ambiente.

Segundo Tennant (2010), a diferença entre as categorias “Até 8 anos” e “9 anos” exigem muito cuidado por parte do treinador. A rede é mais alta, o tamanho da bola é menor, aumentando sua velocidade, que por sua vez é compensada com outro “problema”: uma quadra maior. A diferença entre as dimensões das quadras das categorias “Até 8 anos” e “9 anos” é grande. Em metros quadrados, é um aumento de aproximadamente 93%. Enquanto há um aumento significativo nas dimensões da quadra, principalmente no comprimento, a criança provavelmente vai apresentar um desenvolvimento corporal menor (TENNANT, 2010), portanto deve-se

avaliar muito bem o desenvolvimento físico e motor, bem como técnico e tático para a transição de quadras.

O Entrevistado 4 explica como costuma fazer esta transição:

Nós temos percebido que é legal, durante um semestre mais ou menos, se a criança mantém frequência, ficar explorando isso que ela já domina. [...] Tem que atingir os objetivos da (bola) vermelha e ficar um semestre com a (bola) vermelha, porque ele ousa. Quando fica fácil aquela bola, aquela raquete, aquela quadra, quando já está internalizado, ele começa a ousar. “Já está fácil pra eu fazer isso, eu vou ousar”. E o que é o tênis adulto profissional, se não é alguém muito bem adaptado à bola oficial, à quadra oficial? O cara ousa. Ele é bom, ele é talentoso, está ousando. Se ficar pulando de estágio da criança, nunca proporcionará uma experiência pra ela ousar (ENTREVISTADO 4).

Outros entrevistados criaram estágios intermediários ou de transição. Os mesmos sugerem que aumentar o espaço físico juntamente com a troca de bola é informação demais para a criança. Neste mesmo sentido Tennant (2010) sugere uma introdução gradual da nova bola, para depois adequar os espaços. Diferentemente do sugerido pelo autor, os Entrevistados 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 mencionaram introduzir a quadra maior mantendo a bola ou em momentos utilizam-se deste método para conduzir o ensino do tênis. Esta parece ser uma tendência no ensino do tênis em Porto Alegre.

A categoria “10 anos” é a que reserva o maior número de críticas e sugestões. No entanto, as opiniões são divididas. Existem aqueles que aprovam totalmente as condições da categoria, aqueles que acreditam depender de alguns fatores para contemplar todos os objetivos, e aqueles que sugerem alterações específicas.

A seguir os trechos das entrevistas daqueles que concordam com as dimensões da categoria “10 anos”:

- ENTREVISTADO 7: *Está adequado e eu concordo plenamente com isso.*
- ENTREVISTADO 8: *Eu acho que é perfeito assim, eles (ITF) foram muito felizes nos estudos deles e nas conclusões.*
- ENTREVISTADO 10: *A (categoria) “10 anos” acho que está legal, já é o próximo passo pra jogar com a bola dura.*
- ENTREVISTADO 11: *Eu acho que contempla, sim, e está bem dentro do que as crianças esperam.*

De fato, a ITF realizou estudos e observações e concluiu que este formato seria o mais adequado para as competições da categoria “10 anos”. No entanto, cada população possui suas especificidades e, em Porto Alegre, alguns treinadores verificam que pode haver alterações no modelo.

Aqueles que aceitam a proposta da ITF sob algumas condições, afirmam:

- ENTREVISTADO 2: *Eu acredito que depende, é muito complicado. Têm crianças que conseguem, têm crianças que não. [...] mas é a melhor forma que acharam. Perto do que era antes está ótimo.*
- ENTREVISTADO 4: *Penso que o que o Tennis 10's propõe é uma importante referência, considerando faixa etária, bola, raquete e habilidade. Mas nós sabemos que a vivência da criança é que vai ser determinante. [...] É uma boa transição pra bola amarela, no caso pra bola oficial [...], se a criança tem experiência.*
- ENTREVISTADO 5: *Eu acho que está bem proporcional. [...] ela tem capacidade, mas eu acho que isso tem que ser trabalhado, se não, ela não vai ter capacidade pra isso.*
- ENTREVISTADO 6: *Se a criança já vem trabalhando lá dos oito anos com o professor, já fazendo esse trabalho da bola vermelha, da bola laranja, ela chega na bola verde conseguindo fazer tudo. [...] mas temos que ver que ela vai bater uma bola aqui (na linha de base), mas vai bater três ou quatro na quadra de 18 metros ainda, porque eles não conseguem manter essa bola com profundidade.*

A principal condição destacada pelos entrevistados foi o tempo de vivência da criança no tênis. Aquelas crianças que iniciaram a prática mais cedo, passando por todo o processo de transição entre quadra vermelha para a laranja e, então, da laranja para a verde, terão condições de jogar a categoria “10 anos” com qualidade. Este resultado corrobora com a afirmação de Tennant (2011), que indica que crianças que iniciaram a prática do tênis entre 4 e 6 anos de idade, aos 10 anos está apta a jogar em uma quadra com dimensões oficiais.

É importante destacar a observação feita pelo Entrevistado 6, relativa à profundidade dos golpes. Enquanto ele afirma que seus alunos não conseguem manter profundidade nos golpes de base, Tennant (2011) afirma que é comum,

nesta categoria, a realização de golpes mais altos, justamente para manter a profundidade. Ainda afirma que, como ainda não desenvolveram a capacidade para golpear a bola “na subida”, obrigam-se a jogar muito atrás da linha de base, parecendo, inclusive, que seu nível de jogo regrediu em comparação às categorias anteriores (TENNANT, 2011). Em um sentido de desenvolvimento técnico, foi verificado por Klering (2013) deficiências no desenvolvimento de golpes e jogadas nas categorias a partir de 11 anos. O autor ainda afirma que este problema pode possuir relação com o sistema competitivo. Contudo, a origem deste déficit nas categorias infanto-juvenis pode ser anterior ainda a estas idades.

Por fim, aqueles que sugerem alterações concretas afirmam o seguinte:

- ENTREVISTADO 1: *Acho que deveria ser um pouco menor; eu acho muito esforço. [...] Acho que podia dar uma diminuída em tudo, na lateral e no fundo. [...] Eu acho que a criança não está bem formada pra conseguir conciliar tudo (habilidade, força, agilidade de pernas, etc). Não sei se a criança já está com uma tática toda formada, acho que ainda está no aprendizado.*
- ENTREVISTADO 3: *Acho que nos dez anos, com a bola verde, (subir para) a rede é muito difícil, tu joga por cima a bola, [...] os guris não são grandes o suficiente. [...] O que dá pra pensar [...], pra continuar indo pra rede e o cara não tomar “lob” tão fácil, podiam abrir a lateral da quadra e manter o fundo da (categorias) “9 anos”.*
- ENTREVISTADO 9: *Acredito que da categoria “9 anos” para a “10 anos”, da quadra de 18 metros para quadra oficial, ao meu ver existe um hiato, poderia haver um meio termo. [...] (o problema está) principalmente na cobertura de quadra, cobertura de movimentação de pernas, tanto lateral quanto profundidade.*

O fato do aumento das dimensões da quadra vermelha para a quadra laranja ser grande, especialmente em comprimento, é destacado por Tennant (2010) quando trata da subida à rede. Jogada que se tornaria muito difícil para as crianças por este motivo. Discordando do autor, o Entrevistado 3 afirma, ainda na categoria “9 anos”, ser possível a realização desta jogada, afinal as laterais e o fundo de quadra são reduzidos, em comparação à quadra oficial. Já, na categoria “10 anos”, para ele,

este tipo de jogada é mais complicado de ser trabalhada, principalmente pelo fato da criança não ser grande o suficiente e não ter a capacidade de cobrir a quadra adequadamente. Além disso, o maior comprimento da quadra (mais 2,89 m de cada lado) torna a aproximação à rede, para um primeiro voleio, virtualmente impossível (TENNANT, 2011). A aproximação acaba sendo trabalhada em fases, dependendo de um golpe de ataque do fundo de quadra, seguido de um voleio (alto ou baixo) no meio da quadra, e então a aproximação efetiva à rede (TENNANT, 2011).

A opinião do Entrevistado 3 é reforçada pelos Entrevistados 1 e 9, também. Os mesmos observam que crianças de 10 anos não possuem as capacidades para cobrir a quadra inteira, justificando especialmente pela movimentação e agilidade de pernas. Tennant (2011) afirma que para avançar para a quadra verde, as crianças devem ser mais dinâmicos e coordenados nos seus movimentos laterais, para cobrir a maior largura da quadra (mais 86,5 cm de cada lado), bem como a maior profundidade.

Ainda surgiram algumas sugestões de adequações como a possibilidade da utilização de um terceiro saque nas categorias “9 anos” e “10 anos”. A partir desta colocação do Entrevistado 1, pode-se supor que o tamanho das quadras não está adequado ao desenvolvimento físico das crianças destas categorias. O saque deve, teoricamente, ser um golpe ofensivo e possível para a maioria das crianças. No entanto, como evidenciado por Klering (2013) em tenistas infanto-juvenis (de 11 a 14 anos), este fundamento parece ser prejudicado pelas dimensões das quadras também nas categorias “9 anos” e “10 anos”.

O Entrevistado 10 sugere outra alteração das regras na categoria “9 anos” para justificar uma quadra maior (tamanho de quadra oficial).

[...] a minha sugestão, era fazer a bola dar dois quiques. Mudar essa regra! Porque quicando duas vezes a criança desenvolve mais o ritmo. Com a bola laranja e a quadra um pouco maior, não a quadra reduzida, mas deixando dar dois quiques. [...] aguça mais a inteligência, pega mais ritmo, não vai se afobar tanto, já controla um pouco mais a ansiedade... (ENTREVISTADO 10)

Esta regra não é utilizada em competição de tênis alguma. A exceção é o tênis em cadeira de rodas. Neste caso, há a possibilidade dos dois quiques no solo antes do contato com a raquete. Esta variação “modifica as possibilidades de intervenção sobre a bola, propiciando situações táticas muito diversas” (SANZ-RIVAS; FUENTES-GARCÍA, 2009).

Todas estas adequações na competição de tênis infantil possui forte relação com duas das necessidades psicológicas do ser humano: a necessidade competência e de autonomia (RYAN; DECI, 1985). Dizem respeito ao desejo do indivíduo de interagir de forma eficaz com o meio e iniciar, por si, suas próprias ações (PALMEIRA, 2003).

Como observado nos resultados relativos à adequação dos materiais e das dimensões das quadras conforme as crianças, deve se salientar a importante relação com o desenvolvimento físico e motor das mesmas. Por este motivo, também deve ser de extrema importância uma adequada definição das categorias competitivas.

4.2.2 As categorias competitivas

Para a grande maioria dos entrevistados, as categorias criadas para as competições de tênis até 10 anos estão de acordo com o desenvolvimento físico, psicomotor e social da criança. Foram estabelecidas três categorias: “Até 8 anos”, “9 anos” e “10 anos”. Segundo o Entrevistado 10, há muita diferença de um ano para outro, concordando com a proposta realizada pela ITF.

Estudiosos do desenvolvimento físico e motor de crianças afirmam que a fase anterior aos 10 anos é uma etapa na qual há um desenvolvimento constante de diversos aspectos (GALLAHUE; DONNELLY, 2008; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009; BEE; BOYD, 2011). Portanto, um ano pode implicar em uma diferença significativa no desenvolvimento de uma criança para outra. Por este motivo, verificado pelos treinadores, é necessária a criação de categorias divididas ano a ano.

Esta progressão, dividida em três estágios (categorias), foi pensada e investigada pela ITF a fim de que o maior número possível de crianças pudesse participar das competições. Mas o que acontece com aqueles que não tiveram a oportunidade de realizar toda a progressão? Alguns entrevistados afirmam que o modelo é muito bom para aqueles que iniciam antes dos 8 anos e realizam a evolução dentro dos estágios competitivos. No entanto, teoricamente, as categorias da competição deveriam contemplar todas as crianças daquela faixa etária. Este fato

fica mais claro quando os mesmos explicam como funciona a evolução dos níveis e estágios nas suas aulas.

A maioria dos treinadores se baseia na habilidade da criança para determinar o tamanho da quadra e o tipo de bola que deve utilizar nos treinamentos. A idade biológica dela não é levada em consideração, contrariando a premissa das categorias competitivas. Alguns, como o Entrevistado 2, reduzem os níveis de dificuldade para adequar à habilidade da criança: “Nós, na verdade, trabalhamos em cima da capacidade da criança, não a mais do que ela pode. Fazemos isso pra ela gostar do esporte, gostar de competir”. Outros, como o Entrevistado 5, aumentam os níveis de dificuldade: “Faço de acordo com a capacidade dela (a criança), porque nós temos crianças, por exemplo, de seis anos que já jogam na quadra de 18 metros (categoria ‘9 anos’), mas ele joga o ‘campeonatinho’ na categoria ‘8 anos’”. O Entrevistado 8 se mostra a favor das crianças subirem de categoria: “Eu acho que as crianças que têm talento e têm possibilidades, podem jogar numa categoria acima, é que a ITF não deixa”. Quando perguntado se concordava com o contrário, de crianças iniciantes ou com menos habilidade participarem nas categorias inferiores, se mostrou contra: “Não. Eu acho que não. Porque daí vai ter aquele negócio de tamanho, né?!”. Então estas crianças não teriam a oportunidade de competir?

Tennant (2002) propõe uma evolução de atividades que iniciam como desafios e evoluem até a competição propriamente dita (Quadro 4). Este modelo poderia ser aplicado àqueles que não se enquadram nos estágios competitivos oficiais.

Quadro 4 – Continuum de Desafio à Competição.

Desafio		Competição		
Criança não consegue trocar bolas; prioridade no desenvolvimento físico geral.	Criança começa a rebater com raquete, mas incapaz de trocar bolas.	Criança começa a trocar bolas, possivelmente sacando por cima.	Criança começa trocar bolas com alguma consistência, desenvolvendo o saque por cima e golpes de base.	Criança trocando bolas com consistência, usando saque, golpes de base e voleios.
Desafio: quão longe consigo saltar/ arremessar?	Desafio: como o anterior, mas adicionando raquete e bolas.	Desafios, mas introduzindo trocas de bola, aprender a contar os pontos, jogos em equipes.	Jogar partidas: aprender o <i>tiebreak</i> e regras, jogos em equipes, aprender a arbitrar.	Jogos de simples, duplas, em equipes, arbitrando partidas.

Fonte: Adaptado de TENNANT (2002)

Marques (2004) afirma que a competição só é representativa para a criança quando realizada com seus pares, ou seja, quando todos estão em igualdade de condições. O Entrevistado 2 apresenta uma sugestão:

O certo seria, com crianças assim (que não possuem um bom amadurecimento das habilidades motoras), trabalhar com a bola que ela consegue, pra depois avançar. Não pular etapas. [...] então eu acho que nessa questão poderia, sim, mudar. Colocar crianças, tendo categoria A, B, C, pra poder fazer o mais homogêneo possível. (ENTREVISTADO 2)

Esta opinião é compartilhada pelo Entrevistado 10: “O que eu acho que poderia ter, e poucos torneios têm, é a divisão em categorias A e B”. Corroborando com esta tendência, Tennant (2002) sugere que sejam oferecidas competições regulares para todos os níveis de habilidades.

No Rio Grande do Sul existe um circuito principal de tênis Infantil. Neste circuito, contrariando as recomendações da ITF, as crianças podem participar de competições em qualquer categoria acima de sua faixa etária, dentro do *Tennis 10's*. O contrário não é possível. É possível encontrar crianças com 7 anos jogando na categoria “10 anos”, ou seja, na quadra oficial, com a bola verde.

Weineck (2003) sugere que as competições sejam desafiadoras. Não correspondendo a esta expectativa, seriam desprovidas de valor. No mesmo sentido, Platonov (1988) sugere que o grau de dificuldade da competição deve ser compatível com o nível de treinamento do indivíduo. Estas afirmações respaldam, de certa forma, a atitude dos treinadores apoiarem crianças mais habilidosas a “subirem” de categoria. No entanto, pensando no desenvolvimento físico e, conseqüentemente, técnico, será que, por mais que os resultados indiquem que é possível, que a criança tem capacidade, é adequado este tipo de atitude?

O *Tennis 10's* foi desenvolvido levando em consideração principalmente os aspectos físicos da criança. Por exemplo, a bola com diferentes pressões seria a grande evolução deste modelo (INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION, 2012; CORTELA *et al.*, 2012), por proporcionar um quique de bola em uma altura adequada a estatura da criança, para um melhor desenvolvimento dos gestos técnicos.

Existem autores que sugerem a definição de categorias conforme o desenvolvimento maturacional (NEGRÃO, 1980; ROST, 1997; MALINA, 2000; GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2012). Esta proposta, inclusive favoreceria

aqueles indivíduos nascidos no final do ano, que normalmente estão em desvantagem em comparação àqueles nascidos nos primeiros meses do mesmo ano. É possível encontrar, dentro de uma mesma categoria, crianças com diferenças de idade biológicas importantes (BOJIKIAN; RÉ; MASSA, 2011). Estudos indicam haver diferenças significativas no desempenho em casos como este. Esta proposta pode ser estendida ao peso, como em alguns esportes de luta e, no caso do tênis, à estatura e/ou força.

Diferenças no desenvolvimento físico e motor entre os sexos são pequenas, afinal o primeiro estirão de crescimento ocorre por volta dos 10 anos nas meninas e aos 12 anos para os meninos. Por este motivo, mas levando-se em consideração apenas este aspecto, existe a possibilidade de se realizar competições sem diferenciação de sexo. Esta prática ocorre apenas na categoria “Até 8 anos”.

No entanto, a competição infantil entre diferentes sexos pode alterar o comportamento competitivo das crianças. O estudo de Moely, Skarin e Weil (1979) demonstrou que meninas, especialmente com idades entre 7 e 9 anos, tendem a ser mais competitivas quando colocadas em disputas com o sexo oposto, corroborando com estudos realizados anteriormente. A competitividade dos meninos parece não ser influenciada pelo sexo do adversário. Estes apresentaram níveis de competitividade altos para ambos os sexos (MOELY; SKARIN; WEIL, 1979).

Este fato parece pertinente, contudo é pouco considerado no planejamento das competições de tênis infantil. Em um momento em que meninas possuem maior competitividade em oposição a meninos, estas devem ser mais estimuladas a variar seus adversários, num sentido de busca pela vitória e, conseqüentemente, pela maestria. Como para os meninos o nível de competitividade independe do adversário, competições mistas parecem ser uma importante alternativa para o desenvolvimento competitivo no tênis infantil.

De qualquer forma, é de extrema importância a definição prévia das características da competição. Dentre os diversos fatores que caracterizam as competições, Gomes (2009) destaca as características dos participantes, com relação à idade, sexo e nível técnico, por exemplo. Platonov (1988) sugere que só participem de competições aqueles indivíduos que estão aptos para acompanhar os níveis técnico, físico e tático da competição. E quanto àqueles que não se enquadram no perfil e nas exigências da competição?

- ENTREVISTADO 2: *Nós explicamos: “é que ele ainda está trabalhando com outra bola, não está trabalhando com a bola oficial (da categoria), ele tem que amadurecer um pouco mais em algumas capacidades, em alguns fundamentos técnicos. Eu acho que ele tem que se preparar um pouco mais, participar primeiro do nosso (torneio) interno e depois, sim, competir fora”. [...] É mais ou menos assim que funciona, não diz “não, não vai”. As (crianças) que não têm capacidade, nós explicamos porque ainda não.*
- ENTREVISTADO 4: *Acho que tem que participar de competição que está adequado para aquilo que a criança consegue fazer, entendeu?! Acho que a competição tem que ser significativa, e para ela ser significativa, tem que estar de acordo com o que a criança tem pra dar.*
- ENTREVISTADO 5: *[...] eu ia deixar eles escolherem e ia dizer “olha, esse (torneio) aqui eu acho que está de acordo contigo”. De repente, em um torneio mais forte “acho que é melhor esperar”.*
- ENTREVISTADO 9: *[...] se ela (a criança) tem muita vontade, não “podamos”, mas nós acabamos expondo a realidade. Falamos para ela assim: “Então nós vamos, mas nós vamos ver quantos ‘forehands’ acertou, quantos ‘backhands’ acertou. Vamos ver se você já aprendeu a contar direitinho...”. Aí entra naquilo que eu falei, de objetivos de rendimento.*
- ENTREVISTADO 11: *(Na categoria “Até 8 anos”) não precisa ter tanto cuidado. Eles vão participar do grupo lá e vai ter as “partidinhas” deles, mas acho que não vai afetar tanto. Já nas categorias “9 anos” e “10 anos” tem que ter um certo cuidado, porque a criança pode se frustrar... jogar um torneio que ela não está com nível adequado e se sentir mal, e não conseguir enfrentar.*

A maioria dos treinadores concorda com Platonov (1988), afirmando que a criança só deve participar da competição na qual suas capacidades técnicas, físicas e táticas se enquadram. No entanto, o Entrevistado 9 sugere, nos casos em que a criança não se enquadra, o estabelecimento de “objetivos de rendimento”, como a mesma se refere, ou “objetivos de performance”, conforme Silva (2003). Neste caso, o objetivo principal não seria a vitória, mas sim obter um rendimento e uma evolução dentro de sua realidade, premiando o progresso e esforço (TENNANT, 2002). Esta proposta está de acordo com o Contexto Motivacional para a Maestria (VALENTINI; RUDISILL, 2006), o qual se baseia em avaliações auto-referenciadas. Visa

incentivar a autonomia na tomada de decisões por parte dos alunos, mediando a aprendizagem e, conseqüentemente, a avaliação a um processo intrínseco e independente, a fim de que a criança se envolva efetivamente na sua própria aprendizagem. Nesta proposta, existe uma grande valorização do esforço de cada indivíduo, especialmente quando este busca atingir sua melhor performance individual (VALENTINI *et al.*, 2009).

Quanto às categorias já existentes, os entrevistados parecem estar de acordo, no entanto, foi sugerida a criação de categorias de competição para os mais jovens. A seguir os trechos com as sugestões referidas:

- ENTREVISTADO 4: *Poderia ter uma categoria anterior à categoria “Até 8 anos”, pois penso que a bola vermelha e a quadra de 11 metros ainda é uma exigência grande pra uma criança de seis anos, que não tem as habilidades motoras maduras. Na teoria deveria. Se nós formos ler um livro de desenvolvimento motor, nós sabemos que deveria, mas não é bem assim. [...] Aqui no clube, nós trabalhamos com a bola plástica como nível anterior, que flutua mais, dá tempo para a criança entender e escolher de qual lado ela vai bater, obriga ela a ter que conduzir mais a bola.*
- ENTREVISTADO 10: *eu vejo assim, a necessidade de ter uma categoria de sete anos, “Até 7 anos”.*
- ENTREVISTADO 11: *Eu acho que poderiam ser criadas duas categorias: uma categoria de quatro, cinco, seis, [...] e poderia ser criada outra categoria de sete e oito anos também. Talvez com outro formato, um “baby tennis” de repente, mais pro lado de um festival, mais brincadeiras, não tanto com um lado competitivo, mas mais um festival de tênis. Acho que poderiam ser incorporadas essas duas categorias.*

De fato categorias anteriores à categoria “Até 8 anos” não são contempladas pelo *Tennis 10s*, no entanto já existem propostas de ensino diferenciadas para este público. Esta proposta é conhecida como *Baby Tennis*. A Federação Francesa de Tênis, por exemplo, possuía, em 2009, 2580 crianças menores de 4 anos praticando tênis. Visto que estas não assimilavam da melhor forma os conteúdos e informações propostos pelo método que se aplicava – voltado para crianças maiores de 5 ou 6 anos - criaram uma nova concepção pedagógica. Neste método de ensino as

crianças são introduzidas ao tênis e estimuladas através de histórias e brincadeiras. As aulas são intimamente ligadas ao seu universo particular, suas cores, sua linguagem e seu espaço (FEDERATION FRANÇAISE DE TENNIS, 2014). Contudo não há proposta alguma de competição específica para esta faixa etária.

Visando incorporar um nível de dificuldade anterior às dimensões da categoria “Até 8 anos”, a Federação Belga de Tênis criou o “Estágio Azul”. Neste caso, a quadra possui aproximadamente 5 metros de largura, por 8,23 metros de comprimento. No entanto, a bola utilizada é a mesma da categoria “Até 8 anos” (DECLERCQ; PATTYN, 2007). Em um sentido de aproximação das atividades sugeridas no *Baby Tennis*, não se tem conhecimento de propostas competitivas.

4.2.3 Os formatos de competição

Segundo Barrell (2007), um dos fatores chave na estruturação das competições de tênis é o formato da competição. O formato da competição pode determinar, por exemplo, quantas vezes uma criança vai jogar, conseqüentemente quantas oportunidades ela vai ter de vencer ou perder e quão significativa vai ser esta experiência. Tendo isto em vista, foi questionado aos entrevistados quanto à opinião dos mesmos, relativa aos formatos de competição propostos pelo *Tennis 10's* e o que tem sido feito nas competições das quais seus alunos participam.

O manual de regras das competições de tênis até 10 anos (“Regulamento *Tennis 10s*”) disponibilizado pela CBT não apresenta um regulamento específico para a categoria “Até 8 anos”. No item 11, intitulado “Do festival de tênis”, consta que este formato competitivo é indicado para aqueles menores de 7 anos, bem como àqueles que não conseguiram inscrição nas categorias “9 anos” e “10 anos”, e àqueles que não possuem nível de jogo para jogar nas quadras laranja e verde. Os materiais e dimensões da quadra são condizentes com as regras oficiais da categoria “Até 8 anos”. Não é definida uma pontuação final, mas é indicado que sejam realizadas partidas com tempo determinado, sistema sugerido para um melhor controle na configuração das partidas e adversários. Neste festival é indicado que os participantes joguem com todos os oponentes (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS, 2014a).

Para a categoria “Até 8 anos”, segundo os entrevistados, as competições têm sido realizadas em formatos semelhantes ao sugerido. As crianças jogam partidas contra diversos adversários, dependendo do número de inscritos, “todos contra todos”. No entanto, são realizadas partidas até 10 pontos, em formato de *tiebreak* (super *tiebreak* ou “*tiebreakão*”). Este formato também é indicado pela ITF e por Tennant (2002) para competições “Até 8 anos”. Como sugerido pela CBT, todos os participantes recebem premiação ao final, independente do resultado. De acordo com a maioria dos entrevistados, este formato está de acordo com a faixa etária e atende aos interesses e necessidades das crianças. A seguir alguns trechos das entrevistas que suportam esta afirmação:

- ENTREVISTADO 4: *O formato de disputa que eles propõe, de todos contra todos e uma pontuação tipo “tiebreak”, é mais significativa para a criança [...]. Então eu acho legal esse formato porque você consegue trabalhar com as crianças e eles entendem: “eu ganhei daquele, né, profe?!”, “e eu ganhei daquele, né?!”, “ah, e daquele ali eu perdi, então por isso eu sou segundo”, entende?! Por isso eu acho legal esse formato que eles propõem.*
- ENTREVISTADO 5: *Que eles disputem jogos e que todos se sintam vencedores, ganhando ou perdendo. Não precisaria ter um vencedor. [...] eles ainda estão passando por essa formação de caráter, ainda lidam com questão de emoção, ansiedades, eles não estão habituados a isso. [...] até dez pontos, eu acho muito entendível. Eu acho que é simples e eles entendem bem.*
- ENTREVISTADO 6: *Eu acho que tem que ser sempre todos contra todos.*
- ENTREVISTADO 8: *“Tiebreakão”! Acho que sim (está adequado), porque eles não têm resistência mental nenhuma, para aguentar um jogo mais longo. [...] os dez pontos é aquela coisa assim, um tiro curto. Jogou, tá, vamos para outro jogo lá.*
- ENTREVISTADO 11: *Eu acho que vai ter muito mais crianças querendo jogar nesse formato do que o de antigamente.*

Este formato de competição está de acordo com o proposto por Marques (2004), que afirma ser necessário nesta fase um grande número de participações competitivas. No caso da categoria “Até 8 anos”, as crianças são possibilitadas de jogar diversas pequenas partidas em um mesmo evento. Em um mesmo sentido,

Barrell (2007) afirma ser interessante que nesta categoria seja oportunizada uma experiência rica, de forma que os atletas joguem com diferentes adversários.

O formato de pontuação parece ser definido por dois principais motivos relacionáveis. O super *tiebreak* propicia uma partida curta, o que é importante quando levada em consideração o desgaste físico e mental da criança (BARRELL, 2007). Além disso, oportuniza que as crianças iniciem e finalizem mais jogos em um tempo menor. Segundo Tennant (2002), é importante que as competições infantis não durem períodos muito longos. O mesmo autor indica que o ideal nesta faixa etária sejam competições de aproximadamente duas horas de duração.

Apenas três entrevistados relataram problemas no formato das competições da categoria “Até 8 anos”. O Entrevistado 1 relatou um possível problema com o formato de pontuação: “Acho meio difícil fazer super *tiebreak*, acho melhor fazer, quem faz o ponto saca”. A preocupação do entrevistado é com relação à compreensão e quão significativa será a competição para estas crianças. Com relação a estes aspectos, Tennant (2002) considera o entendimento das regras do jogo, como a contagem de pontos e posicionamento para os saques, um dos objetivos desta primeira fase. Esta dificuldade parece não ser compartilhada pelos demais entrevistados. O fato é que este treinador incentiva e prioriza mais a participação em competições internas, em comparação aos demais entrevistados. Talvez, por este fato, pelo menor número de participações competitivas dos seus atletas, haja uma maior dificuldade na compreensão da contagem dos pontos no formato oficial das competições da categoria no Rio Grande do Sul. Contudo, a CBT sugere que a contagem seja simples, com um saque para cada jogador, aproximando-se à proposta do Entrevistado 1.

O Entrevistado 10 possui, a partir de sua experiência, uma opinião sobre o caráter da competição desta categoria: “Não ser tão lúdico como é. Porque já aconteceu de alunos meus jogarem, e acharem sem graça. Já querem jogar na categoria ‘9 anos’”. De fato, a CBT autoriza a participação de jogadores de 7 e 8 anos completos na categoria “9 anos”. Contudo, deve se observar as capacidades e os desenvolvimentos físico e motor da criança para a definição da categoria. Com relação à ludicidade, deve ser observado o interesse da criança, a fim de evitar pressões demasiadas (MARQUES, 2004). E o caráter lúdico é tido como essencial para o desenvolvimento do gosto pelo esporte.

O Entrevistado 3 relatou uma possível falta de organização, preparo e conhecimento por parte dos organizadores de um torneio: “Eu acho que podia ser um pouco mais estruturado, um pouco mais organizado. [...] chegou a pessoa que era responsável e ela não sabia direito o que era o *Tennis 10's*, não sabia qual era o tamanho da quadra, como é que é a pontuação”. Este depoimento indica um despreparo dos organizadores das competições desta categoria. Este fato pode ser, em parte, justificado pela recente alteração do sistema competitivo. Por outro lado, há algumas diferenças entre o material apresentado pela ITF e o regulamento das competições realizadas pela CBT, o que pode estar contribuindo para confusões na formatação das competições.

Na categoria “9 anos” o jogo começa a se parecer mais com o modelo adulto. Os jogos são compostos por um *set* curto, até 4 *games*. Este tipo de contagem está de acordo com as sugestões da ITF e regulamento da CBT. O formato da competição passa a ser diferente também. Há uma primeira fase, na qual são formados grupos. Nesta fase as crianças jogam entre si, classificando-se os melhores dos grupos. A partir daí, estes classificados disputam partidas eliminatórias até que haja um campeão. O regulamento da CBT indica que todos os participantes tenham a oportunidade de realizar o mesmo número de partidas. Para isto, sugerem um sistema de “Chave de consolação” ou “*Feed-in*”.

Os entrevistados, de uma forma geral não chamaram a atenção para possíveis equívocos neste formato. Apenas os Entrevistados 3 e 6 creem que o formato ideal seguiria sendo “todos contra todos”, oportunizando, assim, mais jogos para todos os inscritos. Este resultado vai ao encontro do que a própria CBT sugere.

Na categoria “10 anos”, foi observado um fato interessante. Nas principais competições do Rio Grande do Sul, são realizados jogos compostos por um *set* até 6 *games*, enquanto que a ITF sugere um *set* de 4 *games* ou melhor de três *sets* de 4 *games*. Os Entrevistados 8 e 9 levantaram esta questão e sem mostraram contra a adequação feita pelos organizadores locais. O Entrevistado 9 ressaltou o seguinte:

Se for pra aumentar o número de crianças e eles jogarem mais, eu sou a favor de ir até quatro. [...] às vezes, pra uma criança de dez anos, é comprido jogar três, quatro *sets* num mesmo dia. Porque se você joga grupos, você joga três, e se no mesmo dia já classifica, tem o quarto jogo.

Os demais entrevistados concordam com a progressão sugerida pelas competições no estado.

Na categoria “10 anos”, o formato competitivo é igual ao da categoria “9 anos”, havendo uma fase classificatória, em grupos, seguida de uma fase eliminatória. O Entrevistado 6 ainda crê que o formato ideal seria “todos contra todos”.

O sistema eliminatório, mesmo que após uma fase de *Round Robin*, pode ser frustrante. Marques (2004) questiona o sentido de se treinar para jogar poucos jogos, ou, no caso, ser eliminado no início de uma competição. Por este motivo a CBT faz suas sugestões: primeiramente deve-se ter o cuidado para que todos os participantes realizem o mesmo número de partidas em uma mesma competição, mesmo que ao final haja um campeão. Além disso, as competições não devem se dar em âmbitos grandes, por exemplo, campeonatos nacionais ou internacionais. Apesar de seguirem as recomendações da ITF, não proporcionando *ranking*, a CBT realiza alguns torneios de grandes proporções para estas categorias. Um exemplo é o Campeonato Internacional Juvenil de Tênis de Porto Alegre, conhecido como Copa Gerdau, que, em 2014, contou com participantes naturais de 6 estados brasileiros na categoria “9 anos” masculina, e 22 jogadores de 9 estados na categoria “10 anos” masculina (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS, 2014b). Este tipo de competição não é recomendado, inclusive, autores sugerem que sejam realizados diversos torneios internos, em clubes e cidades (TENNANT, 2002; HENÁNDEZ, 1998 *apud* FUENTES-GARCÍA; ÁLVAREZ, 2003, p. 28⁸; MARQUES, 2004).

Considerando o fato de que todos ressaltaram a importância da criança jogar mais de uma vez em cada torneio, refutando completamente o modelo adulto, eliminatório, pode-se afirmar que há uma preocupação com relação ao número de oportunidades que a criança tem de ter sucesso em uma competição. Além disso, há uma preocupação de quão significativa pode ser a competição de tênis para a criança. Neste sentido, além do formato da competição, surgiu com grande força uma categoria oriunda da fala dos entrevistados e específica da competição de tênis: as modalidades competitivas. As modalidades competitivas no tênis possuem

⁸ HERNÁNDEZ, M. **Deportes de raqueta**. Madrid: Consejo Superior de Deportes, 1998.

relação com as experiências que podem ser proporcionadas aos praticantes e estas, por sua vez, podem influenciar na educação e formação da criança.

4.3 AS MODALIDADES COMPETITIVAS DE TÊNIS PARA CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS.

Durante as entrevistas houve o surgimento de uma nova categoria, esta oriunda da prática em questão, e não da Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004). As modalidades de competição no tênis infantil. No tênis existe a possibilidade de serem realizados jogos individuais (simples), em duplas e em equipes. As competições infantis, em sua grande maioria contemplam os jogos de simples. A exceção é a categoria “Até 8 anos”, na qual são realizadas competições por equipes, no entanto, somente jogos de simples. Os entrevistados se mostraram muito favoráveis à realização destes tipos de competição, destacando a interação com outras crianças, cooperação, divisão de responsabilidades e, inclusive, desenvolvimento técnico como fatores positivos destes jogos.

- ENTREVISTADO 1: *Para mim seria perfeito se conseguisse fazer isso (competição por equipes) para todas as categorias. Poderia ser na categoria “Até 8 anos”, “9 anos” e “10 anos”... Seria uma união que hoje em dia não tem. Seria uma “Copa Davis”, perfeito! [...] A criança não cansa, tem os amigos juntos, não é só ela que perde... Perfeito!*
- ENTREVISTADO 2: *Pode ser em dupla, em equipe... Iria ser bem legal, bem diferente, porque o tênis já é muito individualista, né?! Então trabalhar com a criança tão individualista, desde cedo é muito complicado [...]. Acho bem legal se tivesse duplas e equipes.*
- ENTREVISTADO 3: *Dupla seria um bom jeito de iniciar, de dividir um pouquinho a pressão, a responsabilidade da competição para as crianças mais novas [...]. O trabalho cooperativo, trabalho em grupo, harmonia com o sexo oposto, a dupla mista é bem rica nestas experiências, bem interessante. Acho que sim, acho que deveria ser uma prática utilizada. Estimular voleio também, algumas outras valências técnicas. [...] Vão ter que jogar, familiarizar*

- com a rede. Perder aquele mito do jogador só ir à rede para cumprimentar o adversário.*
- *ENTREVISTADO 4: Simples e duplas não tem como fugir, porque é o formato do tênis oficial. Eu tenho que mostrar para a criança que esse esporte que ela escolheu praticar tem regras e que mais adiante vai ser daquele jeito. Por equipes eu acho legal. Já tem muito torneio de tênis aqui mesmo no clube que é por equipes e muitas pessoas curtem e fazem amigos. Então acho que contempla tudo o que o tênis pode oferecer, contempla desde cedo, sou bem a favor.*
 - *ENTREVISTADO 5: Acho muito interessante o formato por equipes, mas eu só tenho visto esse formato na categoria “Até 8 anos”. [...] Eles têm esse espírito de equipe, de torcer um pelo outro. Eu acho interessante, mas eu ainda não vi isso acontecer nas “9 anos” e “10 anos”. [...] Quanto mais eles puderem conviver com outros, em formas diferentes, vai ser melhor para eles. [...] Tem que saber jogar sozinho e tem que saber dividir a quadra com outros coleguinhas também, então eu acho que a competição em equipes [pausa]. Todos os formatos são válidos.*
 - *ENTREVISTADO 6: A dupla seria interessante, porque são dois que ganham, os dois que perdem.*
 - *ENTREVISTADO 7: Eu acho que deve ter os dois (simples e duplas), porque as crianças têm que aprender a compartilhar. [...] Entra a parte de equipe, a parte de companheirismo, a parte de tolerância à frustração, de saber que você está jogando bem, mas o outro não. Têm muitos que já vão para o torneio sabendo quem vai ganhar, mas se for por equipes, aquele que não tem chance alguma (se jogar sozinho), terá uma chance de ganhar. Mesmo que ele não ganhe seu jogo, mas ele, estando na equipe vencedora, se torna um campeão. Ele vai se motivar para o próximo. [...] Você vai ter que desenvolver outra parte técnica, você tem que treinar muito mais voleios, “smashes”, saque principalmente.*
 - *ENTREVISTADO 8: Eu acho que poderiam ser feitos mais torneios em equipes. Eu acho que torneios em equipe é muito legal. Duplas, introduzir duplas, mesmo nessa idade, porque o tênis é muito individual, e esse formato de tênis na categoria “Até 8 anos”, que é em grupos, e daqui a pouco se nós*

colocarmos dupla, e daqui a pouco fazer os nove, dez anos também nesse formato, vai fazer com que mais crianças não sintam tanto o peso.

- ENTREVISTADO 9: *Eu vou sempre dizer que é válido. [...] Nós usamos torneio de duplas na categoria Tennis 10's nos nossos torneios internos. Só que, saindo do clube, não têm. Se eu acho que deveria ter? Acho que sim. [...] A situação de duplas com a bola do Tennis 10's, é bárbara. [...] A dupla ajuda a polir a técnica, com certeza. Ela é uma afinada, uma afinada de técnica. [...] E tu não joga sozinho, tu tem apoio, tu tem a motivação do teu companheiro do outro lado.*
- ENTREVISTADO 10: *Acho bem válido (competições em duplas e equipes), porque daí forma aquela coisa do companheirismo, das crianças estarem unidas, sabe?! Um torcendo pelo outro, acho bem legal. Nas duplas se aprende a se posicionar na quadra. Ter noção do posicionamento. É importante a dupla também.*
- ENTREVISTADO 11: *Quanto mais a criança se interessar e tiver oportunidade de jogar jogos diferentes, melhor vai ser o desenvolvimento dela. [...] Na parte de duplas ela acaba já tendo uma divisão, de responsabilidades na quadra, e isso acaba tirando um pouco a pressão, acaba um ajudando o outro, acaba, às vezes, fluindo um pouco melhor, por essa quebra de compromisso. [...] Então isso ajuda. E na parte de grupo eu acho que se torna uma coisa menos competitiva e mais atraente pelo lance da diversão, de ficar mais lúdico pra criança. Então acho que as três coisas, num contexto acabam uma ajudando a outra para a formação da criança*

As modalidades de competição no tênis infantil é um tema pouco tratado pela literatura. Alguns autores destacam a importância destas práticas pela variação das atividades (TENNANT, 2002) e pelo desenvolvimento de aspectos que não seriam desenvolvidos nos jogos de simples (SILVA, 2003).

Diversos autores ressaltam a importância da variação de estímulos e experiências para o desenvolvimento cognitivo, motor e psicossocial da criança (GALLAHUE; OZMUN, 2005; PAYNE; ISAACS, 2007; HAYWOOD; GETCHELL, 2010). No caso do tênis infantil, não há grande variabilidade neste sentido. As competições oficiais são, em sua maioria, realizadas de forma individual. Os chamados jogos de simples. De fato, os maiores astros do tênis são conhecidos por

seus resultados em torneios de simples (SILVA, 2003). No entanto, foi destacado pelos entrevistados, sob diversos aspectos, a importância dos jogos de duplas.

Silva (2003) elenca três motivos para se aprender a jogar duplas: a) aspectos técnicos; b) aspectos táticos, e; c) aspectos psicológicos. Estes três aspectos correspondem aos pontos observados pelos entrevistados.

Os Entrevistados 3, 7 e 9 destacaram a importância do jogo de duplas para o desenvolvimento de técnicas que não seriam tão priorizadas nos jogos de simples. Da mesma forma, Silva (2003) ressalta quão importante é este tipo de jogo para desenvolver o jogo de rede, movimentação para frente e para trás, a utilização dos ângulos da quadra e as jogadas especiais, como passadas, *lobs*, voleios, bate-pronto, entre outras.

Este aspecto sob a perspectiva dos jogos de dupla pode contribuir especialmente na categoria “10 anos”, pois como verificado por alguns treinadores, a quadra parece ser grande demais nos jogos de simples, dificultando ou, em alguns casos, impossibilitando os atletas a desenvolverem técnicas eficientes de subida à rede e golpes específicos. Sendo assim, esta modalidade poderia contribuir para, desde cedo, formar um *all court player* – objetivo de muitos treinadores e pedagogos (CRESPO; MILEY, 1999; KLERING *et al.*, no prelo⁹).

Com relação aos aspectos táticos, o Entrevistado 10 destacou a importância do jogo de duplas na noção de posicionamento. Em um mesmo sentido, Silva (2003) destaca todas as possibilidades de formação que as duplas oferecem: um na rede e o outro no fundo, ambos os jogadores na rede, ambos os jogadores no fundo, formação “australiana”, etc. Além disso, comenta sobre a necessidade de variação das devoluções de saque e do próprio saque.

O desenvolvimento de aspectos táticos não deve ser uma prioridade para esta faixa etária, afinal, neste momento as crianças estão ainda desenvolvendo suas capacidades físicas, habilidades motoras básicas e técnicas básicas do tênis. Neste sentido, Elderton (2009) sugere que seja desenvolvido primeiramente o atleta, em termos coordenativos, motores e físicos, para depois desenvolver o tenista, em termos técnicos e táticos específicos. No entanto, o jogo de dupla pode introduzir aspectos táticos simples e de fácil entendimento, o que contribuiria para o futuro desenvolvimento destas valências nas idades seguintes.

⁹ KLERING *et al.*, As técnicas avançadas na formação de tenistas completos: um estudo sobre os conteúdos do treino de tenistas infanto-juvenis de 11 a 14 anos.

Os aspectos psicológicos ou psicossociais reservam o maior número de comentários e contribuições no sentido de educação e formação das crianças. Praticamente todos os entrevistados destacaram a importância dos jogos de duplas para o controle de aspectos como a pressão pelo resultado, divisão de responsabilidades e méritos, e de desenvolvimento de valores como respeito e companheirismo. Neste mesmo sentido, Silva (2003) comenta a possibilidade e oportunidade de se ter o apoio de um colega quando as coisas não vão bem, bem como na hora de comemorar os pontos ganhos. Ressalta a importância de compreender que erros acontecem, mesmo quando o parceiro está se esforçando, e mais do que isto, que reclamar só irá piorar as coisas. Desta forma, aprende-se também muito sobre si mesmo e sobre o próximo. Cada um reage melhor sob determinados estímulos: alguns preferem conversar, outros de se concentrar, etc.

Os entrevistados comentaram o fato de o tênis ser considerado um esporte muito individual. No entanto, como verificado pelos mesmos, há possibilidades de torná-lo um esporte em que haja uma maior interação com outros participantes. Uma das possibilidades já discutida é o jogo de duplas. A outra possibilidade seriam as competições em equipes.

Já existem propostas desta modalidade de competição no tênis infantil. A ITF recomenda que as competições das categorias “Até 8 anos” sejam neste estilo. A CBT intitula esta modalidade de “festival”, no entanto, não deixa de ser uma competição. São formadas equipes com diversos jogadores e estes se enfrentam somando pontos (vitórias) para a sua equipe. A equipe que obter o maior número de vitórias é a campeã. Apesar de serem formadas equipes, os jogos realizados são de simples. Contudo, o Entrevistado 7 destaca um ponto importante para a formação das crianças: aquela criança com menos habilidade, que não teria chance alguma de vencer uma competição de simples, irá compor uma equipe e, mesmo não vencendo seu jogo, poderá sagrar-se campeã. Este fato se relaciona fortemente com as ideias de Marques (2004), que considera de extrema importância que todas as crianças tenham a oportunidade de vivenciar, em algum momento, a vitória.

De forma geral, os entrevistados apoiam este tipo de competição e acreditam que deveria ser mais estimulada e explorada. Os Entrevistados 1 e 8 explicitaram o desejo de que esta modalidade de competição fosse aplicada não apenas na categoria “Até 8 anos”, mas também nas categorias “9 anos” e “10 anos”. A partir da

reação positiva dos entrevistados, pode-se supor que esta modalidade de competição seria muito bem aceita em todas as categorias, principalmente devido às respostas relativas ao comportamento social da criança.

A cooperação, companheirismo e divisão de responsabilidades são aspectos destacados pelos entrevistados quando falam tanto dos jogos em duplas quanto dos jogos em equipes. Uma competição de tênis que se utiliza destas duas modalidades é a Copa Davis, citada pelo Entrevistado 1 como uma excelente alternativa para estas categorias. Nesta competição, um determinado número de jogadores forma uma equipe, e os mesmo disputam tanto partidas de simples, quanto em duplas. A equipe com o maior número de vitórias é a vencedora. Silva (2003) destaca justamente os mesmos aspectos ressaltados pelos entrevistados, como aspectos positivos deste tipo de competição. O autor exemplifica a cooperação com o fato de o treinador poder dar instruções durante a partida e poder ficar sentado dentro da quadra; o companheirismo com “o irrestrito e incondicional apoio da torcida composta por seus companheiros de equipe”; e a divisão de responsabilidades quando os tenistas perdem, por terem com quem compartilhar o sentimento.

O fato de o tênis ser, essencialmente, um esporte individual, acaba por afastar algumas crianças. A criança possui um longo aprendizado de interação social e de inserção em grupos (escola, clube, prédio, etc.), procurando, muitas vezes, atividades nas quais seus amigos também participam. O apelo da “equipe” ou do “time”, por vezes torna-se irresistível (SILVA, 2003). Por este motivo, a prática e a competição em grupos e equipes pode ser um atrativo a mais no tênis.

Marques (2004) afirma da importância de se pensar a competição conforme as necessidades e interesses das crianças. Neste caso, o tênis, numa perspectiva de esporte coletivo, parece ser uma alternativa. Para a construção de modelos mais adequados, o autor sugere que não se deve ter medo de desconstruir o que já existe, mesmo que isso, de alguma forma, pareça descaracterizar o esporte. Neste sentido, Silva (2003) apresenta uma proposta de competição que chama de “triátlon”. Competições em equipes, compostas por pequenas “provas” de tênis, corridas e jogos em equipes. Semelhante a esta proposta, está a abordagem francesa (MARCHON, 1999), que diversifica o treinamento com atividades competitivas. Também proporciona jogos de tênis em espaços reduzidos, atividades

de coordenação, agilidade, corridas de velocidade e desenvolvimento de habilidades motoras, e, por fim, jogos coletivos de outros esportes.

Outra proposta destaca pelo Entrevistado 5 foi a criação de gincanas. Com atividades variadas, mas relacionadas ao tênis, as crianças poderiam desenvolver diversas habilidades específicas do tênis em competições variadas. Formariam equipes e participariam de inúmeras atividades. Atividades semelhantes às sugeridas por Tennant (2002) em seu “*Continuum de Desafio à Competição*” (Quadro 4).

Contrastando com estas propostas, o Entrevistado 4 afirma o seguinte:

[...] acho que dá para variar, para que ela (a criança) se sinta confortável e com prazer naquilo que está fazendo, até porque está recém adquirindo experiência. Agora, eu não posso descaracterizar o esporte: ela escolheu jogar tênis e o tênis que ela escolheu é o que ela vê na televisão: um tênis bem cruel, do tipo perdeu, saiu. É eliminatório mesmo, então não tem que ficar mascarando isso (ENTREVISTADO 4).

Marques (2004) se utiliza deste mesmo argumento, de que a criança se espelha em seus ídolos e no esporte que assiste na televisão para justificar a importância da competição infantil. No entanto, acredita haver espaço para ambos os tipos de competição: tanto aquelas diversificadas e adaptadas, até as mais rígidas ou de caráter oficial. Esta relação dos tipos de competições está diretamente ligada à frequência e número de participações competitivas das crianças.

4.4 NÚMERO E FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS.

O número e frequência de participações competitivas para crianças é um tema que gera muita discussão. Autores da área divergem em relação ao número indicado para crianças em competições esportivas em geral (ROST, 1997; ARENA; BÖHME, 2004; MARQUES, 2004; BOMPA, 2009). No tênis, não é diferente (FUENTES-GARCÍA; ÁVAREZ, 2003; BOMPA, 2009). Quando perguntado aos treinadores, suas respostas variaram consideravelmente. A partir da Tabela 3 é possível destacar dois grandes grupos: o primeiro, composto pelos Entrevistados 1,5 e 10, que, para fins de análise, consideram números relativamente baixos de competições oficiais como ideais (de 3 a 6 competições oficiais por ano), e outro composto pelo restante dos entrevistados, que consideram números mais elevados

como indicados para seus atletas (de 6 à “quanto mais, melhor”). O Entrevistado 7 não soube especificar um número de participações competitivas que considera adequado.

Tabela 3 – Número ideal de participações competitivas oficiais.

Entrevistado	Número de competições oficiais (por ano)
1	De 4 a 6
2	Quanto mais, melhor.
3	De 12 a 18
4	Quanto mais, melhor.*
5	6
6	De 6 a 12
7	Não especificou.
8	Até 24.
9	Quanto mais, melhor.*
10	3 a 4
11	24

*: com ressalvas

Primeiramente foi perguntada a opinião dos treinadores com relação ao número ideal de participações em competições oficiais. As respostas foram as seguintes:

- ENTREVISTADO 1: *Uns quatro (torneios), dois no primeiro semestre e dois no segundo semestre. Para a categoria “10 anos”, de repente três no primeiro semestre, três no segundo semestre, apesar de que não costumo enviar meus alunos para estas competições.*
- ENTREVISTADO 2: *Nestas categorias, até dez anos, poderia ter mais. Quanto mais, melhor. Quanto mais a prática melhor. Poderia ter mais seguido. Nós aqui, por exemplo, só temos uma vez por ano (torneio interno), mas nós nos preparamos o ano todo pra essa competição.*
- ENTREVISTADO 3: *Podia ter mais. Um por mês, um a cada vinte dias.*
- ENTREVISTADO 4: *Se for nesse molde que eu te falei (adequada), [...] eu não vejo problema que ela participe de bastante [...]. Tem que ser significativo. Ela pode participar de quantas ela quiser, desde que ela esteja entendendo o que está se passando. Ela não pode participar de um monte, com a cabeça de um adulto.*
- ENTREVISTADO 5: *Eu acho que pelo menos de dois em dois meses. Não tão seguido, todo mês, acho que é pressionar um pouco eles ainda. Talvez os*

dez anos, pra quem já está com vontade, [...]. Então eu acho que de dois em dois meses, mais espaçados, seria bom.

- ENTREVISTADO 6: *De dois em dois meses participar de um torneio, nesse caso tu perdes, tem tempo ainda de voltar. Se a criança gosta muito, talvez uma vez por mês, mas não sei... Duas vezes no semestre pra essas crianças que não estão muito acostumadas.*
- ENTREVISTADO 8: *Eu acredito, para crianças até dez anos, minha opinião, no máximo dois torneios por mês. Eu acho que mais do que isso, vai começar um processo de saturação daquela criança.*
- ENTREVISTADO 9: *[...] acredito que está bem adequado, para situação gaúcha. [...] Se me perguntar se é bom ter mais competições sem ranking, eu diria que sim. Sim, acho que sim. Que tinha que ter mais, mais e mais. Mas em função de terem posto um ranking nos “10 anos”, eu já acho que tem que “maneirar”.*
- ENTREVISTADO 10: *Eu não sei te dizer como é que está o ritmo. [...] os maiores, de nove, de dez anos, já jogaram três, quatro torneios esse ano. Mas a nível “lazer”, não são crianças federadas.*
- ENTREVISTADO 11: *Acho que poderia ter mais. Acho que uns dois torneios por mês, só que sistemáticos, acho que seria ideal, [...] dentro de um raio próximo delas.*

Segundo Marques (2004), quanto mais experiências competitivas a criança tiver, melhor. Justamente o que foi dito pelo Entrevistado 2, apoiado pelas afirmações dos Entrevistados 4 e 9. De forma geral os entrevistados se mostram mais favoráveis à promoção de competições se comparados aos autores citados por Fuentes-García e Álvarez (2003). Nestes casos os autores indicam no máximo 10 a 15 partidas por ano (HÖHM, 1987 *apud* FUENTES-GARCÍA; ÁLVAREZ, 2003, p. 28)¹⁰. Este fato indica que os mesmos se aproximam mais da proposta de Marques (2004), em comparação a outras. Mensurar e determinar o número ideal proposto por este grupo de treinadores se torna difícil, visto que alguns sujeitam a participação competitiva a alguns fatores, como o caráter da competição e interesse de seus alunos.

¹⁰Höhm, J. **Tennis - Technique, Tactics, Training: Play to win the Czech way.** Toronto: Sport Books Publisher, 1987.

É importante destacar que os Entrevistados 1 e 10 não costumam inscrever seus atletas em competições fora de seu ambiente de treinamento. Por outro lado, não impedem que seus atletas participem de competições de nível estadual. Estes entrevistados relataram promover um evento competitivo por ano. Nesta competição as regras são adequadas conforme os seus próprios conceitos e não conforme o estabelecido pela ITF.

Em um mesmo sentido, os Entrevistados 2, 4, 5, 6, 7, 9 e 11 afirmaram realizar torneios internos (com regras oficiais) para complementar o que seria um número ideal de participações competitivas de seus alunos. O Entrevistado 8 afirmou ter um projeto para 2014, no qual realizará competições internas com periodicidade, com o mesmo objetivo. Os Entrevistados 3 e 11 ainda sugeriram a realização de “intercâmbios” entre clubes e escolas de tênis a fim de proporcionar experiências diferenciadas aos seus alunos, nas quais conheceriam pessoas e lugares novos, além de jogar com adversários diferentes.

Quando Marques (2004) sugere um grande número de participações competitivas para crianças, se refere não apenas a competições oficiais, mas também às atividades competitivas simplificadas, diversificadas, inclusive nas sessões de treinamento. Por este motivo foi solicitado aos entrevistados que falassem com que frequência se davam as atividades competitivas nos seus treinamentos. Nove dos entrevistados afirmaram utilizar atividades competitivas em todas as aulas.

- ENTREVISTADO 3: *Uso um monte a competição como complemento, nunca como meta, objetivo final, [...] Acho que eu posso usar ela pra incrementar o meu treino pra que o cara chegue lá. [...] na competição tu vai conseguir avaliar o desenvolvimento.*
- ENTREVISTADO 4: *O treinamento já é competição, entende?! A criança já chega na aula brincando de “par ou ímpar” pra ver quem vai ser o primeiro (risos). A criança É a competição, entende?! [...] Vai além do tênis. [...] Na verdade ela é um recurso, se tu souberes usar.*
- ENTREVISTADO 5: *Eles não treinam pra competir, eles treinam pra se divertir, o competir é uma consequência de um incentivo.*
- ENTREVISTADO 6: *Tu treina a competição, e só se treina a competição jogando.*

- ENTREVISTADO 7: *A competição eu acho que é um complemento. [...] em aula eles já competem, nós fazemos jogos em equipe, nós fazemos jogos individuais, nós fazemos jogos de dupla.*
- ENTREVISTADO 8: *Eu acredito em fazer complementação, [...] só que na prática, infelizmente, eles invertem isso. Eles pensam na competição, os atletas, e não pensam nessa parte de continuidade. Eles, quando começam a competir, é a competição a frente de tudo, e aí tem que entrar o treinador pra coibir, pra tentar direcionar o caminho certo das crianças, porque senão eles acabam invertendo valores, eles acabam a tentar botar situações onde os valores éticos ficam em segundo plano, isso não dá pra deixar não.*
- ENTREVISTADO 9: *Formação, nove, dez anos, não importa se elas tiverem três torneios por mês ou um torneio por mês, nós trabalhamos em cima de uma programação anual e mensal. [...] A competição é uma coisa a mais na vida da criança, mas não é o objetivo principal.*

Algumas propostas de ensino do tênis têm tentado aproximar o treinamento da competição. O próprio *Play and Stay*, base do *Tennis 10's*, ressalta a importância do jogo, conseqüentemente da competição, no ensino do tênis (BRABENEC, 1999). É possível afirmar que algumas propostas contemporâneas de ensino do tênis e dos esportes, como *Ariel*, *Le Petit*, *Quick Start* e a Escola da Bola, surgiram do *Teaching Games for Understanding* (Ensino dos Jogos para a Compreensão - tradução nossa) (THORPE; BUNKER; ALMOND, 1986). Estas abordagens parecem estar de acordo com a proposta de Marques (2004), que afirma que a competição só será estruturante na formação da criança quando a mesma seguir os propósitos e pressupostos do treinamento, dando sentido e continuidade a toda a preparação da criança. Esta ideia indica uma maior aproximação entre estas duas partes, que por muito tempo foram consideradas independentes.

Nove entrevistados relataram se utilizar de jogos e competições constantemente em seus treinamentos. Dois entrevistados afirmaram que fazem jogos somente na última aula de cada mês, demonstrando pouca aproximação do treinamento com o jogo propriamente dito e, conseqüentemente, com a competição de tênis.

- ENTREVISTADO 1: *Aí elas (as crianças) querem jogar, só querem jogar, não querem bater, não querem aprender mais. Porque tênis tem sempre coisa para aprender, sempre tem uma técnica para melhorar, sempre tem tática para ensinar.*
- ENTREVISTADO 10: *O professor tem que dar aula... fazer joguinho seria extra. [...] quando se faz só joguinho, só competição, a criança quer ganhar. Então o que ela faz?! O braço encolhe, bate de qualquer jeito...*

Apesar de se utilizarem de materiais adequados às crianças, estes entrevistados parecem basear suas aulas em uma metodologia tecnicista ou tradicional. Este tipo de metodologia vem sendo muito criticada, por priorizar demasiadamente o desenvolvimento da técnica, em detrimento de outros conteúdos do ensino do tênis (BALBINOTTI, 2006; BOLOGNINI; PAES, 2007; GRECO; SILVA; ABURACHID, 2009; PAULA; BALBINOTTI, 2009; VALENTINI *et al.*, 2009).

Por fim, foi perguntado que tipo de competição seria mais adequado para as crianças destas categorias participarem. A grande maioria dos treinadores (8 treinadores) fez referência à própria criança, dizendo que deve se levar em consideração a vontade, bem como o desenvolvimento da mesma. Afirmaram que, em alguns casos, devem participar de todos os tipos de competição, desde os mais simplificados, até os mais estruturados. Em outros casos, devem submeter as crianças apenas às competições internas e na própria aula. Dentre as falas que defendem esta posição, destaca-se a seguinte passagem do Entrevistado 4:

Acho que tem que participar de competição que está adequada para aquilo que a criança consegue fazer. Acho que a competição tem que ser significativa, e para ela ser significativa, tem que estar de acordo com o que a criança tem para dar. [...] Sou a favor de que participem das competições adaptadas, não por serem simplificadas, mas por serem significativas e dentro do que ele conseguirá fazer. Às vezes falar “competição simplificada” parece banalizar, tipo: “ah, mais ‘simplesinha’ e tal”. Não é isso. Ela procura ser significativa, para o aluno entender a relação empenho/mérito.

Os tipos de competição são importantes na definição dos objetivos aos quais as crianças estão no esporte. Se o objetivo é a educação e formação, como sugerido pela teoria de Marques (2004), o autor afirma ser necessária a participação em diversos tipos de competição. Desde competições mais simplificadas, adaptadas e em treinamentos, até as mais complexas, estruturadas e oficiais.

Rost (1997) ressalta a importância da participação em competições diversificadas. Defende a participação, inclusive, em esportes diferentes, a fim de promover uma base motora mais ampla e proporcionar experiências que um único esporte não oferece. Por exemplo, o tênis pode ser um esporte muito individualista. Neste caso, o autor sugere a participação em algum esporte coletivo que possa haver algum tipo de aproximação com o esporte principal.

O número e a frequência destas participações competitivas de crianças possui forte relação com a influência na questão das vitórias e derrotas. Quanto mais experiências competitivas e oportunidades de vivenciar as vitórias e derrotas a criança possuir, maior é o potencial educativo das competições. O potencial educativo da relação vitória/derrota é destacado por Marques (2004) como fundamental para se ter a competição como estruturante na formação esportiva da criança e é lembrada pelos treinadores durante as entrevistas.

4.5 O *TENNIS 10'S* E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.

A competição de tênis pode contribuir para o processo de formação da criança? O Entrevistado 6 responde a pergunta da seguinte forma: “Quando o trabalho é feito de maneira que nós prestemos mais atenção na criança, tendo a criança como referência, se a criança está com vontade de jogar, se vai fazer bem pra aquela criança, eu acho que não tem como não contribuir”.

Ter a competição como elemento estruturante da formação da criança é um processo que passa por diversos requisitos. Marques (2004) afirma que o potencial educativo das competições está diretamente relacionado à questão das vitórias e derrotas. Esta, por sua vez, é influenciada diretamente pela adequação das competições e sistema competitivo, bem como pelo calendário ou número e frequência de participações competitivas.

Além da teoria, os entrevistados sugerem que a competição proporciona experiências ricas pedagogicamente e destacam justamente a questão das vitórias e derrotas como elemento fundamental deste processo na formação das crianças. A Tabela 4 apresenta alguns resultados a partir da definição de subcategorias definidas na segunda etapa da análise de conteúdo.

Tabela 4 – Frequência de códigos relativos à competição na formação da criança.

Entrevistado	Saber vencer e saber perder	Conduta e Disciplina	Valores	Social
1	x			
2	x	x		x
3		x		x
4	x		x	
5	x		x	x
6		x	x	
7	x			x
8	x	x	x	
9	x			x
10	x	x		
11		x	x	
Total	8	6	5	5

Alguns trechos em que a importância das vitórias e das derrotas é destacada são:

- ENTREVISTADO 1: *Eu acho válido, porque a vida é competição, né?! Tem que saber ganhar e tem que saber perder e aí tu tens que lidar com isso.*
- ENTREVISTADO 4: *Penso que a forma como ela vê o ganhar e perder é mais importante do que nós sairmos agora dizendo “ah, esse modelo de competição é cruel, porque só um ganha”. [...] se ela se frustrou e não quer mais jogar, quem trabalhou com ela não soube passar o valor.*
- ENTREVISTADO 5: *[...] o competir é saudável para eles, porque dá autoestima, se sentem capazes ganhando ou perdendo.*
- ENTREVISTADO 7: *Com relação a derrotas e vitórias, pela experiência que eu tenho, é mais fácil conversar com eles, é mais fácil deles entenderem se isso já é trabalhado durante as aulas.*
- ENTREVISTADO 8: *[...] principalmente pelo fator do aprender a perder e aprender a ganhar, porque tem crianças que também não sabem ganhar. [...] mas nesse formato nós conseguimos fazer com que a criança que perde, absorva [...]. Eu procuro ensinar para eles assim: “a vitória é importante? É. Mas primeiro tem que aprender a perder, tem que aprender a respeitar o adversário, tem que aprender a ter ética, tem que aprender a jogar o tênis de uma forma honesta”. Isso em primeiro lugar.*

Segundo Marques (2004), é papel do treinador desmistificar a relação vitória/derrota, fazendo com que estas experiências sejam significativas para a

criança. Foi verificado que alguns entrevistados destacam que é importante saber ganhar e perder, mas alguns não sabem dizer como trabalhar e lidar com esta situação. O “saber perder”, especialmente, esconde muito mais do que uma atitude de ética esportiva. A derrota pode desencadear novas descobertas, reestruturar mecanismos e enriquecer a realidade, resultando em um desenvolvimento pessoal importante (PALMEIRA, 2003). Marques (2004) afirma que é possível se aprender muito mais com uma derrota em comparação a uma vitória.

Paccagnella (2003) lista algumas sugestões de como o treinador deve tratar a derrota perante seus atletas. Dentre os itens, destacam-se: as lições a partir dos erros; a manutenção do foco nos motivos e objetivos que levaram o atleta a competir em um primeiro momento, e; a lembrança de que se o mesmo tiver feito tudo o que estivera ao seu alcance e se esforçado ao máximo, ninguém poderá afirmar que não é um competidor de sucesso.

Muitas vezes, treinadores acabam por dar a entender que o importante é participar. Contudo, o resultado da competição representa um fator social importante no esporte e tem forte relação com a percepção de competência (RYAN; DECI, 1985). Neste sentido, Marques (2004) afirma que a competição só tem seu real valor pedagógico no momento em que a criança joga buscando a vitória ou dando o seu melhor.

Está implícito na competição um acordo entre as partes, no qual ambos buscarão a vitória. Sem esta condição, a competição fica comprometida ou pode-se afirmar que não há competição. Segundo Hyland (1988), *Competitio* significa “esforçar-se juntos”. Nesta condição, cada participante deve alcançar um nível de excelência que não poderia ser alcançado sem um esforço mútuo – sem a competição (HYLAND, 1988). Neste sentido, pode-se identificar o bom competidor e o mal competidor. O bom competidor seria aquele que valoriza o esporte e a competição, colaborando para o crescimento próprio e, conseqüentemente, do seu adversário e companheiro. O mal competidor, neste caso, seria aquele que não se empenha em busca da vitória, podendo, inclusive, atrapalhar a formação dos outros praticantes. Há, inclusive, um item no Código de Conduta disponibilizado pela CBT intitulado “Melhor esforço”. O mesmo indica que “o jogador deve usar seu melhor esforço para vencer uma partida quando competindo” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS, 2014c).

Shields e Bredemeier (2011a; 2011b) contextualizam o bom e o mal competidor a partir de diversos pontos, como: objetivos, motivação, visão do oponente, das regras, dos árbitros, etc. Os objetivos do primeiro seria aprender e buscar a maestria, ou o seu melhor. Estes objetivos estão de acordo como a ideia de Marques (2004), que estimula a competição como extensão do treinamento, sendo mais uma forma de se aprender o que é proposto em aula. A busca pela maestria, por sua vez, se relaciona com os padrões auto referenciados citados pelos Entrevistados 4 e 9 em diferentes momentos, e por outros autores (PALMEIRA, 2003; VALENTINI; RUDISILL, 2006). O mal competidor não encara a competição desta forma. O mesmo tem o objetivo de dominação, buscando impor superioridade com relação ao seu “inimigo”. O bom competidor encara o seu adversário como um parceiro ou “capacitador”, corroborando com o conceito proposto por Hyland (1988).

Garcia (2006) enumera diversos aspectos que devem estar claros aos competidores na busca pela vitória:

- Lutar para vencer de acordo com as regras;
- Ter consciência e respeito pela vitória e pela derrota;
- Ter respeito pelos adversários (vitoriosos e derrotados);
- Vencedor e vencido são duas faces de uma mesma moeda;
- Treinar o atleta para vencer e educá-lo para aceitar a derrota.

Com isso, nota-se que através da expectativa da vitória e derrota há uma ótima oportunidade do desenvolvimento de uma educação em valores e, ao mesmo tempo, de autoconhecimento, refletindo sobre passado, presente e futuro (MONTEIRO, 2007). Visto isso, podem-se observar diversas condições para que a competição esportiva exerça papel fundamental na educação e formação das crianças.

“Dar o seu melhor” não significa “buscar a vitória a qualquer custo” e nem ter a vitória como único objetivo na competição. Quando se tem a vitória como único objetivo, há um sentimento de frustração eminente. Por este motivo alguns autores sugerem que haja uma menor ênfase na vitória (McCRAW, 2002; PALMEIRA, 2003; FENOGLIO; TAYLOR, 2014). Será que, neste sentido, aqueles que não ganham, são realmente derrotados? Seria possível encontrar vitórias no processo de competição em vez de apenas nos seus resultados? (PALMEIRA, 2003). Como

referido anteriormente, os objetivos da competição infantil podem ser relacionados ao alcance de metas pessoais, diversão, aprendizado e educação, no entanto, para isso, o bom competidor deve se empenhar ao máximo.

Neste mesmo sentido, além da questão das vitórias e derrotas, os treinadores destacam outros pontos que, relacionados às experiências, contribuem para a formação das crianças. Nestes trechos estão destacadas questões de conduta, como disciplina e respeito aos adversários, e valores, como éticos e de honestidade.

- ENTREVISTADO 2: *É uma forma dela (a criança) se expressar [...]. É uma forma de disciplinar.*
- ENTREVISTADO 4: *Acho que um professor consciente do que é o modelo [...] quando está trabalhando e sabendo com o que está lidando, acredito que forma sim, estimula, é adequado.*
- ENTREVISTADO 5: *Promove a questão dos valores mesmo. [...] promovem um pouco da amizade deles também.*
- ENTREVISTADO 6: *A criança está na escolinha, ela iniciou, tem que ter todo um processo tanto de aprendizagem “tenística”, na parte de educação, quanto um processo na parte de competição.*
- ENTREVISTADO 8: *Alguns, quando chegam na parte mais competitiva, têm que ser bem trabalhado a parte não só emocional, mas a parte de conduta, conduta de ética [...].*
- ENTREVISTADO 10: *Eu acho super importante, eu acho que o esporte educa a criança. [...] E eu acho que no esporte, por exemplo, você vai jogar uma partida, tem uma regra, se você não está dentro dessa regra, está fora.*
- ENTREVISTADO 11: *Eu acho que só tende ajudar, na minha concepção. O lance de limites, principalmente, de até onde você pode ir, de “fair play”, do que é certo e errado, o que é dentro e fora. Eu acho que tem várias coisas, dentro da quadra de tênis... você não é uma pessoa e fora da quadra de tênis é outra. E a criança não vai ser uma dentro e outra fora. Muitas coisas que acontecem dentro da quadra de tênis você vai acabar usando fora da quadra.*

É possível fazer uma relação entre a questão das vitórias e derrotas e a essas falas. A competição proporciona oportunidades de se pôr em teste questões de conduta e valores dos indivíduos. Como afirmado por Garcia (2006), é preciso

buscar a vitória levando-se em consideração as regras do jogo. Existe uma pequena, mas importante, diferença entre ganhar e vencer (WOODEN, 2009). Aquele que ganha, nem sempre é um vencedor. Isto é determinado pelos meios que o fizeram chegar ao êxito. A busca pela vitória pode desencadear diversos processos, como abuso de poder (social, financeiro) e desvios de conduta. Na sociedade, de certa forma estas atitudes são permitidas. No esporte, não. A competição esportiva é regida por regras que devem estar de acordo, para ambas as partes, previamente. O vencedor é aquele que consegue o êxito dentro do que lhe é permitido.

O respeito pela vitória e vitorioso, bem como pela derrota e derrotado é essencial no esporte. Para os gregos, a vitória era algo que não poderia ser constantemente perseguido, por este motivo sua representação em uma deusa alada - Niké. Sendo assim, pode-se afirmar que a vitória é algo impermanente, sendo a vitória e a derrota faces de uma mesma moeda (GARCIA, 2006). Neste sentido, o respeito pelo adversário é necessário, bem como uma boa educação para a correta valorização da vitória e a aceitação da derrota (MARQUES, 2004; GARCIA, 2006).

No entanto, o processo de formação tendo por base a relação das vitórias e derrotas não passa apenas pelo professor, mas também pelo sistema, ou pelos órgãos que regem o esporte, no caso do Rio Grande do Sul, pela FGT e os organizadores dos torneios. A supervalorização do resultado pode influenciar diretamente na formação da criança. Os entrevistados que abordaram o tema falaram o seguinte:

- ENTREVISTADO 3: *Acho que sim, supervaloriza os resultados. [...] Nós vemos as crianças jogando meio “tortas” pra ganhar na (categoria) nove (anos)... É meio ridículo.*
- ENTREVISTADO 4: *Eu ainda vejo muito o tênis ser ensinado da maneira tradicional e por isso a competição é supervalorizada como algo a parte da aula. Ainda tem gente que acha assim, que aula é uma coisa, competição é outra. Não consegue enfiar isso dentro da aula. E também acho que, para muitos, quem ganha é bom e quem perde é ruim, sem conseguir fazer a mínima relação de empenho/mérito... Lamentável!*

- ENTREVISTADO 5: *Eu acho que sempre tem uma valorização (do resultado), tanto é que nesse novo circuito que surgiu agora, eu não achei que tivesse a questão de “ranking” e até onde foi me passado vai ser formado um “ranking” com um torneio tipo “Masters” no final, eu acho que isso não precisava. [...] não precisa ter um número, isso já instiga a gana, como eles estão em formação, até desvio comportamental, porque aí ele quer ganhar a qualquer custo, porque quer ser o primeiro.*
- ENTREVISTADO 8: *O modelo não incentiva “ranking” e nós procuramos não incentivar “ranking”. Porque é muito notório, [...] no momento que coloca um “ranking” na frente dela, ela muda. Não tem criança que aguente isso.*
- ENTREVISTADO 9: *Infelizmente, no Rio Grande do Sul, a coisa caiu para o lado competitivo, até um “ranking” na (categoria) “10 anos” fizeram [...] Não ficou o ideal, não. [...] Em muitos momentos de pressão nós perdemos a capacidade criativa da criança em função dessa pressão, da inserção de “ranking”, de pontos. A criança que num treino já está dando um “drop” e indo para a rede, ou já está dando um “lob”, sob pressão vai ficar no fundo dando “balão” [...]. Então esse tipo de competição acirrada tolhe um pouco a criatividade da criança em função da pressão.*
- ENTREVISTADO 10: *O sistema no meu ver sempre valoriza, porque sempre vai sair um vencedor. [...] Mas o problema do tênis é que é um esporte individual. [...] Um vai ganhar e os outros vão ter que treinar mais, se superar, se quiserem ganhar. Mas tem muitos, que já ficam super satisfeitos por terem participado da competição e aí que é importante valorizar.*
- ENTREVISTADO 11: *As crianças ficam muito mais preocupadas em ganhar e perder, do que na relação de rendimento, por exemplo, não se preocupam tanto com um rendimento legal.*

Autores como Weinberg e Gould (2008) têm demonstrado que a orientação à tarefa apresenta resultados melhores na motivação intrínseca quando comparada à orientação ao resultado propriamente dito, o qual origina uma diminuição deste tipo de motivação e, conseqüentemente, uma perda de eficácia. Ao enfatizar o prêmio resultante da vitória, atua-se negativamente na motivação da criança, transferindo a sua motivação a algo externo. Como frisado anteriormente, o treinador exerce papel

fundamental na definição dos objetivos da competição (PALMEIRA, 2003), no entanto o sistema pode influenciar de maneira importante neste contexto.

Como frisado pelos Entrevistados 5 e 9, o principal circuito infantil do Rio Grande do Sul prevê a criação de um *ranking* para a categoria “10 anos”. Outro circuito, mais recente, prevê uma última etapa apenas com os melhores colocados de todas as etapas. Esta última etapa é uma reprodução de um famoso torneio que acontece ao final de cada temporada do tênis profissional: o ATP *Finals*, antiga *Masters Cup*. Por isso o nome alguns entrevistados se referem como “*Masters*”.

Esta prática possui um interesse de quem organiza a competição, de certa forma obrigando aquele que quer vencer a participar de todas as etapas do circuito. Este interesse é verificado por Arena e Böhme (2004) em federações de outros esportes. Estes possuem interesse em massificar o esporte e, ao mesmo tempo, garantir a “sobrevivência” da instituição. Contudo, esta prática se relaciona fortemente com a supervalorização dos resultados.

A criação de *rankings* não é indicada pela ITF e nem especificada pela CBT. Esta parece ser uma prática dos circuitos de tênis infantis do Rio Grande do Sul, a fim de premiar ao final de uma temporada os vencedores. Este fato, como afirmado anteriormente, influencia na formação da criança. O Entrevistado 3 destaca a questão técnica em prejuízo de uma supervalorização do resultado, quando crianças passam a jogar de forma considerada errada para obter melhores resultados. Este fato pode ser relacionado com o estudo de Klering (2013), o qual associa o desenvolvimento técnico de tenistas infanto-juvenis com a demanda para a obtenção de resultados em competições. Tennant (2011) afirma que a performance é mais importante que o resultado neste período, corroborando com as falas dos Entrevistados 4 e 11.

Além da questão técnica, existem dois pontos considerados importantes, pelos entrevistados, quando relacionados à supervalorização do resultado: a) a conduta, e; b) a pressão.

Desvios de conduta são observados pelo Entrevistado 5 no momento que há uma valorização excessiva do resultado. O tênis, desde sua origem, é destacado por ser um esporte que ressalta a lealdade e o respeito. Estes valores estão inseridos na cultura do esporte de forma que, independente da cultura do país ou do próprio indivíduo, a cultura do tênis se sobrepõe. Exemplos são os cumprimentos, ao início

e final de jogo, pedidos de desculpas quando há algum lance sem intenção, o silêncio durante os pontos, etc. Também é comum observar jogos sem o acompanhamento de árbitros. Nestes casos, a confiança na idoneidade do adversário é fundamental. O respeito às regras e ao adversário, bem como a lealdade são parte de um código de condutas implícito do tênis.

Assim como os esportes de luta, como o judô e o karatê, se destacam por possuir uma filosofia voltada ao respeito e à educação, o tênis também possui estes valores interiorizados. É um esporte diferente de culturas como do futebol e outros esportes, os quais por vezes não repreendem e, muitas vezes, até valorizam o “malandro”.

Sobre a pressão exercida pela competição e sua relação com a obtenção de resultados, pode-se afirmar que esta parece ser a grande vilã no ponto de vista daqueles que condenam a competição. É justificável quando analisados resultados de estudos como de Cazetto, Montagner e Lollo (2010), o qual ressalta que a competição de judô é caracterizada pela cobrança. O estudo de Coelho e Coelho (2000) apresenta diferenças significativas nos níveis de ansiedade e frequência cardíaca quando comparadas crianças de 9 a 12 anos que competem em esportes organizados com crianças que praticam esportes informais. É possível fazer relação destes achados com o esporte que é estudado. Todos os esportes em questão – judô, futebol, tênis, atletismo, etc. – são esportes que reproduzem o modelo adulto ou que, na época do estudo, ainda não apresentavam um modelo de competição pensado para as crianças. Pode-se assim supor que estes resultados estão fortemente relacionados a esta questão. Por outro lado, um estudo específico realizado com tenistas infantis demonstrou que estes indivíduos não apresentaram sintomas de estresse gerado pela competição em comparação com os níveis dos indicadores nos treinamentos (PANTELIDIS *et al.* 1997).

Marques (2004) afirma que a competição pode ser realmente estressante e geradora de pressão para a criança. No entanto, se levados em consideração os aspectos por ele sugeridos para se ter uma competição mais conforme a criança, esta pressão será reduzida. Inclusive, este tipo de pressão está muito relacionado ao número de competições. No momento em que há um baixo índice de participações competitivas, treinando especificamente para uma competição, cria-se uma expectativa grande sobre aquele momento. Consequentemente a pressão

aumenta de forma importante. Por este motivo Marques (2004) sugere competições sistemáticas e frequentes, com o intuito de reduzir esta pressão.

O Entrevistado 9 chamou a atenção para esta questão. “Às vezes os pais fazem do dia da competição um ‘super dia’. Então, se tivesse mais competições, seria melhor, porque seria algo normal. Seria só mais um dia na vida daquele ‘tenistinha’”.

De Rose Júnior (1998) cita diversas fontes de estresse competitivo em atletas adultos e infanto-juvenis. Entre estas, uma se destaca: o medo de decepcionar pessoas. Esta fonte de estresse pode ser facilmente relacionada com a competição de tênis infantil e foi citada por alguns entrevistados quando mencionada a participação dos pais no processo. Por este motivo, tornou-se mais uma categoria deste estudo.

4.6 OS PAIS NO *TENNIS 10'S*

Pelo fato de ser mencionada diversas vezes por 10, entre 11 treinadores, a influência dos pais tornou-se uma nova categoria de estudo, esta oriunda da fala dos entrevistados, pois não é contemplada pela Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004). Pode-se especular que esta categoria está relacionada ao tênis especificamente. O tênis é um esporte muito tradicional e considerado, historicamente, um esporte de distinção social, o que pode ser relacionado às famílias de seus praticantes (MUELLER; RODRIGUES, 2009).

Uma das necessidades psicológicas citadas por Ryan e Deci (1985) é a de relação. No contexto do esporte infantil, pode-se atribuir estas relações aos colegas, treinadores e pais. A necessidade de relação seria a necessidade de sentir-se ligado, de alguma forma, a outras pessoas que consideram importantes. Portanto, os pais podem influenciar de forma importante a motivação das crianças (PALMEIRA, 2003).

De fato, alguns treinadores entrevistados referem-se às interferências dos pais no ensino do tênis como um fator que deve ser considerado no processo. A expectativa criada sobre a criança, a pressão exercida pelos mesmos em relação ao resultado e a incorporação dos pais na educação e no modelo de ensino parecem

ter forte relação com os objetivos do ensino. Esta relação é encarada, geralmente, de forma negativa.

- ENTREVISTADO 1: *É pra ser uma diversão, [...], se os pais não se meterem, se for equipe, se for em dupla, vai ser uma coisa mais divertida.*
- ENTREVISTADO 2: *O problema, na verdade, está nos pais, não nas crianças.*
- ENTREVISTADO 3: *A mãe dele (um aluno de 8 anos) é a “super mama”. Idolatra o guri, tudo que ele faz é bem feito, por isso ele não pode perder. Ele não vai querer desapontar ela, aí fica bravo com ele mesmo e descarrega.*
- ENTREVISTADO 4: *Eu não vejo o modelo com fim nele mesmo. O modelo é: o modelo, o professor, os pais das crianças e as crianças. Então o modelo não é vilão, ele é só uma sugestão, ele é uma estratégia, então como tu conduz isso é o que vai ter sucesso ou não.*
- ENTREVISTADO 5: *[...] eles ficam com os nervos à flor da pele com dez anos, e os pais mais ainda. [...] eu acho, vou ser bem sincero, que parte dos pais. Eu tenho essa impressão, que os pais começam a instigar isso neles.*
- ENTREVISTADO 6: *O que pode estar errado é quem está de fora. E quem está fora? São os pais. Então é saber que aquilo tudo foi feito para a criança... para facilitar. Então os pais devem facilitar também.*
- ENTREVISTADO 7: *Num torneio é diferente. Vai estar o pai, a mãe, o tio, a avó, a família inteira. Então a pressão é muito maior. Às vezes surpreende a reação deles (das crianças). A criança não se surpreende, mas a família.*
- ENTREVISTADO 8: *Pais acabam influenciando negativamente, alguns sem querer, outros por querer, infelizmente.*
- ENTREVISTADO 9: *Como os ralis são mais intensos, os jogos são mais bonitos, por causa da velocidade das bolas e do tamanho das quadras, [...] a ansiedade dos pais cresce na mesma proporção da beleza destes jogos. E longe de ser de propósito, né?! Porque eles acabam pecando por excessos, por carinho. Mas a angústia, a ansiedade, passa para o filho.*
- ENTREVISTADO 10: *Eu tenho uma menina de cinco anos que o pai quer que seja profissional. Eu estou segurando, porque ele quer “atropelar”. Já comentei de vários casos de crianças precoces que acabam parando.*

Em um primeiro momento é importante ressaltar que não se devem importar modelos de realidades diferentes à estudada (MORAES; RABELO; SALMELA, 2004). A realidade do futebol é diferente da realidade do tênis, assim como a realidade do tênis brasileiro é diferente do tênis espanhol, por exemplo. Portanto deve-se ter cuidado ao tratar deste assunto, afinal a cultura regional e esportiva deve ser respeitada e preponderante.

Coakley (2004) cita quatro problemas no esporte para crianças e jovens. O primeiro é que muitas crianças estão no esporte para, simplesmente, entreter os adultos, no caso, seus pais. De fato, segundo Coakley (2004), alguns atletas afirmam esperar que seus pais estejam presentes em todos os jogos e competições, e se sentem mal se os mesmos não comparecem. Silva (2003) ressalta a importância dos pais assistirem aos treinamentos e o treinador em ação, conhecer suas atitudes e valores, pois o mesmo poderá ser um aliado na educação da criança. No entanto, alguns comentaram que se sentem, por vezes, envergonhados na presença de seus pais, normalmente por condutas inapropriadas (COAKLEY, 2004), como citado pelos Entrevistados 7 e 9.

- ENTREVISTADO 7: *Os pais, às vezes, sofrem muito mais e a reação deles é muito pior que a das crianças. As crianças, às vezes, saem super tranquilas e bem, e os pais não tão bem. [...] têm muitas crianças que o pai só ensina a ganhar... vem de casa. Nós temos que trabalhar muito isso e ensinar elas a vencer e perder.*
- ENTREVISTADO 9: *[...] Até acabam criando pequenas rixas entre pais. Não entre as crianças, porque elas não dão bola, mas às vezes os pais acabam criando umas situações meio chatas.*

Muitos pais consideram este tempo “junto” da criança, em treinamentos e competições, como um tempo que deve ser valorizado. No entanto, o que a criança iria achar se seus pais ficassem observando o recreio no colégio ou sentados no fundo de uma sala de aula assistindo o seu rendimento na escola? (COAKLEY, 2004).

Outro problema enfrentado pelas crianças é com relação aos pais que, muitas vezes, são demasiadamente críticos e utilizam sua presença nos treinamentos e competições para listar erros cometidos pelos seus filhos. Estes erros são

apontados no caminho de volta para casa, gerando conflitos entre os papéis dos pais e treinadores (COAKLEY, 2004). Os Entrevistados 2, 5 e 9 citaram enfrentar, por vezes, este tipo de problema.

- ENTREVISTADO 2: [...] a criança se diverte, porque gosta de brincar, mas é o pai que põe aquelas coisas na cabeça da criança: “você não pode perder, não pode errar a bola, etc”. Então é isso que sobrecarrega a criança.
- ENTREVISTADO 5: Os pais convidam: “Vamos final de semana para o clube treinar”, sabe?! Já começam com uma certa pressão. Têm mães e pais que vêm com os filhos pra treinar. Eu já conversei com um pai e falei pra ele “Você é pai, tem que vir JOGAR com ele. Não tem que convidar ele pra TREINAR, tem que convidar ele pra JOGAR”. E ele achou bárbaro e disse que eu estava certo.
- ENTREVISTADO 9: [...] às vezes nós também vemos um pai ou outro falando “Você podia ter feito isso, podia ter feito aquilo”. Dando instruções. Mas também está melhorando. Com o aumento de competições de Tennis 10's, mais e mais os pais estão acostumados, mais e mais é o trabalho do treinador e do professor passar instruções pros pais, porque o trabalho conjunto é que faz a criança crescer.

Alguns pais parecem dar uma maior importância ao esporte infantil do que a própria criança gostaria de dar, o que segundo Coakley (2004), constitui um erro. Silva (2003) destaca quão importante é a prática do tênis além dos treinamentos, e que a prática com os pais “PODE FUNCIONAR”. É importante que sejam estabelecidos objetivos simples e as correções, se muito necessárias, sejam feitas de forma sutil. É importante que as orientações não se contraponham às do treinador.

Bill L'Heureux, professor na University of Western Ontario, afirmou ainda na década de 1970, que o único problema do esporte infantil eram os adultos. Esta afirmação encontra suporte especialmente nas falas dos Entrevistados 2 e 6 no início desta seção. Então Coakley (2004) sugere duas alternativas: banir os adultos do esporte infantil ou educá-los. A ideia de educar os pais é citada, explicitamente, por, ao menos, cinco entrevistados.

- ENTREVISTADO 2: [...] nós temos que trabalhar isso (como agir na competição) com eles (pais) também.
- ENTREVISTADO 4: *É um trabalho que se tem de fazer com os pais. Nós vivemos numa sociedade em que vitorioso é aquele cara que tem a medalha. E não se consegue convencer uma mãe ou pai da relevância de um segundo lugar. Tipo, “Poxa, tinha 64 crianças competindo e seu filho foi o segundo!” (risos). Então você entende que é uma coisa da cultura, que você tem que mudar?! Nós trabalhamos muito com os pais, com conscientização. Nós fazemos reunião, tentamos conscientizar as pessoas do que é, para nós, a competição, o que nós queremos com estes torneios, conversamos com os pais depois dos torneios pra tentar fazê-los refletir. [...] Eu acho que temos que nos preocupar em conversar com os pais.*
- ENTREVISTADO 5: *Existe uma ansiedade que também deve ser trabalhada com os pais, não é só com eles (as crianças). Então muita conversa com os pais, para que os acalmem seus filhos.*
- ENTREVISTADO 6: *Às vezes tem que tratar os pais nisso. Educar os pais (risos).*
- ENTREVISTADO 9: *Os pais também tem de ser educados, os pais também tem de ser preparados para as situações. [...] Acho que nós já estamos prontos, na nossa realidade do Rio Grande do Sul, para, nas competições de Tennis 10's, ter coisas paralelas. Ter palestras paralelas para pais, ter palestras paralelas até como formação.*

Nos sites da ITF e federações, existe um espaço com explicações destinadas aos pais. Afinal, para aqueles que cresceram com um esporte que reproduzia o modelo de alto rendimento, as novas tendências de ensino e competição podem parecer algo que não o esporte que os mesmos esperavam.

[...] Os pais, sim, cresceram no modelo antigo de tênis e de ensino. Avós, pior ainda. Então acho que esse é o público que tem que ser alvo de quem quer educar através do tênis. Chamar esse pai e mostrar para ele. Porque os pais não estão tendo acesso a todas essas modificações do tênis. Nós, que trabalhamos na área, sabemos, porque estudamos [...], mas os pais não. Não é culpa deles, que acham que aula de tênis para crianças de 6 anos tem que ser um *drill* individual. Porque é assim que ele foi apresentado para o tênis. Nós temos a obrigação de chamar esse pai e mostrar para ele as novidades. Então acho que o foco é nas famílias. (ENTREVISTADO 4)

Silva (2003) destina uma seção de seu livro especialmente aos pais. Nela aborda os seguintes tópicos: o papel dos pais no tênis infantil; como avaliar e escolher um bom programa para seu filho; qual a melhor idade para começar a jogar; como praticar tênis com os filhos; praticar entre aulas – ajuda ou atrapalha o processo de aprendizagem?; a cobrança dos pais e a cobrança interna dos filhos; como manter a motivação dos filhos, e; como os pais podem ajudar as crianças que competem. Este “manual” para pais deve receber importante destaque, pois remete a diversas falas dos entrevistados deste estudo.

De fato, a grande maioria dos estudos, destinados à reflexão da relação dos pais no esporte infantil, são pensados pelo viés da psicologia, analisando questões motivacionais, como citado anteriormente na necessidade psicológica de relação (RYAN; DECI, 1985), e de suporte (COAKLEY, 2004; MORAES; RABELO; SALMELA, 2004). Pouco se tem na pedagogia do esporte sobre o assunto em um sentido de educação ou orientação de pais, muito menos especificamente tratando do tênis infantil.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o estudo, nota-se que a contribuição do mesmo não se restringe apenas às respostas das questões a que se propõe responder, mas também no sentido de contribuir para o compartilhamento de conhecimentos e uma profunda reflexão sobre a pedagogia do esporte na essência das palavras – a condução da criança através do esporte – e, mais especificamente, sobre a formação e educação de crianças a partir da competição de tênis.

É importante ressaltar que o conhecimento não deve ser imposto, mas discutido e compartilhado. Enquanto os treinadores aplicam, na prática, seus conhecimentos, é função do acadêmico buscar suas concepções e ideias para uma profunda discussão com a teoria. Posteriormente, é compromisso do pesquisador o compartilhamento da informação, tornando-a acessível para o maior número de pessoas possível.

A escassez de estudos mais rigorosos no tênis infantil deve ser levada em consideração. Atualmente, estudos desenvolvidos pela ITF e pesquisadores colaboradores possuem maior visibilidade para os treinadores, cumprindo um importante papel no desenvolvimento do tênis. Ao mesmo tempo em que a qualidade dos estudos é um fator que limita uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, é um campo aberto para o desenvolvimento de novas pesquisas. Para tanto, é de extrema importância uma relação de aproximação e interação entre a “vida real” – da prática nas quadras – e o mundo acadêmico. Portanto, este estudo pode contribuir neste sentido, propondo novas possibilidades e perspectivas na pedagogia direcionada ao tênis.

Este estudo baseou sua questão central no objetivo proposto pela Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004) e suas questões norteadoras nas categorias propostas pela mesma teoria. Esperava-se que, respondendo às questões norteadoras, a questão central fosse esclarecida. No entanto, o tema se mostrou tão profundo e complexo que o surgimento, e a consequente inclusão, de novas categorias foram necessários para bem responder à questão central.

Respondendo as questões norteadoras do estudo, pode-se afirmar que, apesar do *Tennis 10's* ter sido desenvolvido levando-se em consideração as

crianças desta faixa etária, algumas adequações ainda parecem ser necessárias. A principal delas é o desenvolvimento de competições em modalidades diferenciadas: competições em duplas e competições em equipes para todas as categorias do *Tennis 10's*. Estas práticas foram lembradas principalmente por contemplar aspectos psicossociais como a administração da pressão e, principalmente, a interação com outras crianças. Os formatos de competição mais adequados para as mesmas parecem ser aqueles que possibilitam a criança jogar um maior número de partidas em uma mesma competição, excluindo o formato eliminatório.

O número de participações competitivas parece ser insuficiente para contemplar os objetivos da educação e formação propostos por Marques (2004). Verificou-se necessário um aumento na quantidade de competições oficiais. Aqueles entrevistados que consideram adequado o número e frequência de participações competitivas, o complementam com eventos internos. No entanto, os entrevistados, de forma geral, não recomendam competições oficiais para todos os seus atletas. Justificam que depende, principalmente, do desenvolvimento técnico dos mesmos. Este fato sugere um maior número de competições diversificadas, nas quais qualquer praticante possa participar, competir e ter chance de ganhar. Não restringindo a competição somente àqueles mais bem desenvolvidos física, motora e tecnicamente. As alternativas sugeridas foram: a criação de subcategorias, a promoção de mais competições em equipes e competições com desafios diversos.

O *Tennis 10's* pode ser educador e formador, e as vitórias e derrotas decorrentes deste sistema representam, de certa forma, potencialidades educativas. No entanto, deve-se evitar o foco única e exclusivamente no resultado. Afinal, é possível se obter vitórias durante o processo e focando na maestria. Neste sentido, o treinador exerce papel fundamental, no entanto existem alguns equívocos no sistema competitivo infantil. Há uma supervalorização do resultado nestas categorias, representada principalmente pela criação de *rankings*. Esta prática é estimulada pelos organizadores de competições, a fim de valorizar o seu evento. No entanto, pode acabar prejudicando o próprio evento e o esporte em longo prazo. Acaba-se restringindo a competição a poucas crianças, a fim de identificar o melhor. De outra forma, poderia se incentivar um número maior de crianças à prática do tênis e massificar o esporte. Assim, as chances de se encontrar um talento seriam

maiores. Sabe-se que resultados e performances em idades iniciais não predizem resultados futuros.

A supervalorização dos resultados está diretamente relacionada à frustração na derrota e às expectativas criadas pelas crianças e quem está a sua volta. Neste contexto, os pais das crianças podem representar um fator negativo no processo de educação e formação. Os pais devem compor o ambiente competitivo e, de fato, possuem um papel importante. No entanto, deve-se priorizar a educação dos mesmos, de forma que caminhem em um mesmo sentido dos objetivos para esta faixa etária, a fim de se promover a coerência na formação da criança.

Parece evidente que as funções educadora e formadora da competição estão fortemente relacionadas à questão das vitórias e derrotas, tornando as categorias restantes “instrumentos” para que este objetivo seja cumprido. Este fato não faz com que estas categorias percam seu valor. Muito pelo contrário, somente se contempladas, a competição terá seu real valor pedagógico. É necessário ter uma competição adequada às necessidades e interesses das crianças para que seja possível que qualquer atleta obtenha vitórias e derrotas. São necessárias muitas participações competitivas para que estas experiências sejam constantes na rotina da criança.

Visto isso, algumas sugestões pontuais merecem maior atenção, especialmente na questão das adequações das competições. Foi verificado que a alternativa de competições mistas, entre meninos e meninas, nesta faixa etária é interessante. No entanto, deve-se ser observada a questão maturacional, além do nível técnico e de experiência individual, para a definição de categorias. As dimensões das quadras, especialmente na categoria “10 anos” parece ser inadequada para as capacidades físicas destas crianças, de uma forma geral. Este fato pode estar contribuindo para um déficit no desenvolvimento técnico e, conseqüentemente, para uma especialização precoce, como verificada em outros estudos com tenistas infanto-juvenis.

Neste sentido, é possível, a partir dos resultados encontrados, concluir que é inegável o avanço que houve no sentido de um Tênis mais conforme a criança. Este foi um processo de muitos anos, desenvolvido primeiramente por escolas de grande tradição e que, com a criação do *Play and Stay*, passou a ser difundido de forma exponencial pelo mundo inteiro. Esta evolução possibilitou a aplicação de métodos e

teorias pedagógicas direcionadas ao ensino a partir do jogo. Todo este processo de evolução do ensino do tênis teve respaldo firmado em 2012. Este foi um marco histórico importante, pois foi alterado um sistema de competição vigente desde o início das competições de tênis infantis. No entanto, este não parece ser o fim do processo.

O sistema é composto pelo modelo de competição, pelas federações e organizadores dos eventos competitivos, pelos treinadores, pais dos atletas e, finalmente, pelos atletas. Neste sentido é importante se ter um modelo pensado especialmente para a criança. As federações e organizadores de competições devem estar cientes de que o processo não deve ter um caráter imediatista de resultados, portanto criar competições visando o desenvolvimento e não supervalorizar o resultado. Os treinadores devem acompanhar as tendências e investir em cursos de formação, também evitando a supervalorização. Por fim, os pais devem ser educados, afinal são parte fundamental no processo. Assim, os atletas terão um forte suporte para seu desenvolvimento tanto como tenista, quanto como pessoa integrante da sociedade.

Este estudo apresenta algumas limitações. A primeira, por um viés teórico: existe apenas uma teoria da competição esportiva formulada especialmente para crianças em um sentido de educação e formação. Enquanto Marques (2004) estabelece sua teoria categorizando pontos importantes, outros autores apenas pontuam aspectos relevantes a serem considerados na competição infantil. Outra limitação é com relação à metodologia: o estudo propôs uma profunda análise documental, no entanto foi possível somente acesso a documentos públicos, como calendário competitivo da FGT e regras das competições oficiais. Os documentos particulares fornecidos pelos treinadores foram insuficientes para uma análise de qualidade. O fato é que muitos treinadores não possuem registros próprios ou não disponibilizaram para a pesquisa. Por esta razão, para futuros estudos, sugere-se a inclusão de novos instrumentos de análise a fim de triangular as informações obtidas. Estes instrumentos podem ser tanto de caráter qualitativo, como observações, quanto quantitativo, como aplicação de questionários. A terceira limitação é com relação à generalização dos resultados: o estudo limitou-se a entrevistar treinadores de tênis de clubes e academias de Porto Alegre. No entanto, sabe-se que esta cidade é, historicamente, um importante centro de treinamento de

tênis no Brasil, contando com diversos atletas destaques nas categorias infanto-juvenil e profissional. No entanto, é importante que seja investigado como se processam as competições infantis em outras regiões do Brasil e como estes treinadores encaram a questão da competição como elemento estruturante na educação e formação de crianças.

Por fim, pode-se afirmar que a contribuição deste estudo para o tênis infantil é importante, visto que não há muitos trabalhos científicos rigorosos neste campo. A proposta inicial foi de investigar o *Tennis 10's* com base em uma teoria geral das competições esportivas. A partir de então, foi possível verificar neste estudo que pode haver categorias específicas e oriundas da própria prática, indicando alguns fundamentos teóricos da competição mais esclarecedores para o tênis infantil até 10 anos. Acredita-se que essa contribuição tenha sido um passo importante para o avanço do conhecimento nessa área, mas ainda é preciso dar continuidade aos estudos para que no futuro seja possível elaborar uma teoria da competição de tênis infantil como um modelo educação e formação de crianças.

REFERÊNCIAS

- ARENA, S.; BÖHME, M. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 45-50, 2004.
- BALBINOTTI, C. O ensino do tênis de campo: o processo de aprendizagem progressiva. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 399-407.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 6ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARRELL, M. Competition – the key to Play and Stay. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 14, n. 42, p. 5-6, 2007.
- BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BOJIKIAN, L. P.; RÉ, A. H. N.; MASSA, M. Aspectos biológicos do desenvolvimento. *In*: BÖHME, M. T. S. **Esporte infanto-juvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo**. São Paulo: Phorte, 2011, p. 41-68.
- BOLOGNINI, S. Z.; PAES, R. R. Propostas pedagógicas e o tênis de campo: confronto entre teoria e prática. **Motriz**, Rio Claro, v.13, n. 2, p. 70, 2007.
- BOMPA, T. **Periodization: theory and methodology of training**. 5ª ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.
- BRABENEC, J. Competition: the most desirable form of training. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 6, n. 17, p. 3, 1999.
- BRUSTOLIN, M. **Tênis no Brasil: História, ensino e idéias**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- BURDEN, P. Teacher development in handbook of research on teacher education. *In*: HOUSTON, W. R. **Handbook os research on teacher education**. New York: MacMillan, 1990, p. 311-328.
- CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.
- CARDOSO, M. **Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens: um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal**. 2007. 301 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2007.
- CASSEPP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. A. A.; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. *In*:

PASQUALI, L. (org.), **Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 506-520.

CAZETTO, F. F.; MONTAGNER, P. C.; LOLLO, P. C. A competição de judô dos mais jovens: o discurso dos responsáveis pelas agremiações. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 159-173, maio/ago, 2010.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. *et al.* **A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COAKLEY, J. **Sports in Society: Issues and controversies**. 11^a ed. New York: McGraw-Hill, 2014.

COELHO, R. W.; COELHO, Y. B. Estudo comparativo entre o nível de stress de crianças envolvidas em diferentes esportes organizados e em atividades físicas competitivas informais. **Revista Treino Desportivo**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 27-39, 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. **31º Copa Gerdau Itaú – Tennis 10's**, 2014b. Disponível em: <<http://www.campeonatointernacional.com.br>>. Acessado em: 13 mai. 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. **Código de Condutas**, 2014c. Disponível em: <www.cbt.esp.br/modulos/ft/fmtt/conteudos/78.pdf>. Acessado em: 13 mai. 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. **Regulamento Tennis 10s: Categorias 9 e 10 anos**, 2014a. Disponível em: <<http://www.cbtenis.com.br/Arquivos/Download/Upload/3362.pdf>>. Acessado em: 10 mar. 2014.

CORTELA, *et al.* Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa Play and Stay à luz da pedagogia do esporte. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 10, n. 2, p. 214-234, 2012.

CRESPO, M.; MILEY, D. **Manual para treinadores avançados**. 1^a ed. Londres: International Tennis Federation (ITF), 1999.

DECLERCQ, L.; PATTYN, V. Belgian competitive structure for 10 & under's. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 15, n. 42, p. 7, 2007.

DE ROSE JÚNIOR, D. Lista de sintomas de “stress” pré-competitivo infanto-juvenil: elaboração e validação de um instrumento. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 126-133, 1998.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, n.115, p. 139-154, 2002.

ELDERTON, W. Progressive tennis: 5-7 year old development. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 17, n. 47, p. 5-6, 2009.

FEDERATION FRANÇAISE DE TENNIS, **Le Baby-tennis**, 2014. Disponível em: <<http://www.fft.fr/jouer/baby-tennis/le-baby-tennis>>. Acessado em: 09 mai. 2014.

FENOGLIO, R.; TAYLOR, W. G. From winning-at-all-costs to Give Us Back Our Game: perspective transformation in youth sport coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**. v. 19, n. 2, p. 191–204, 2014.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTAINE, E. A. Competitive tennis for children, na educational perspective. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 4, n. 12, p. 6-7, 1997.

FUENTES-GARCÍA, J. P.; ÁLVAREZ, F. **La formación didáctica del entrenador de ténis de alta competición**. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2003.

GALLAHUE, D.; DONNELLY, F. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4ª ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. 3ª ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Understanding Motor Development**. 7ª ed. New York: McGraw-Hill, 2012.

GARCIA, R. Desporto com Jovens: uma abordagem referenciada à ética. **Conferência proferida no IV Fórum Brasil – Esporte**, Rede CENESPE, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

GAYA, A. *et al.* **Ciência do Movimento Humano: Introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOMES, A. C. **Treinamento Desportivo: Estrutura e Periodização**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRECO, P. J. (Org.). **Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da Iniciação Esportiva na Escola e no Clube**. 1ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

GRECO, P. J.; SILVA, S. A.; ABURACHID, L. C. Iniciação esportiva universal: uma escola da bola aplicada ao tênis. *In: BALBINOTTI, C. et al. O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 80-97.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HELDER, R. R. **Como Fazer Análise Documental**. 1ª ed. Porto: Universidade de Algarve, 2006.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HYLAND, D. A. Competition and Friendship. *In: MORGAN, W. T.; MEIER, K. V. Philosophic Inquiry in Sport*. Illinois: Human Kinetics, 1988.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. **About slower balls**, 2012a. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/tennis10s/about-tennis10s/about-slower-balls.aspx>>. Acessado em: 27 abr. 2013.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. **The 10-and-under competition rule change**, 2012b. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/tennis10s/rule-changes/the-10-and-under-competition-rule-change.aspx>>. Acessado em: 27 abr. 2013.

KLERING, R. T. **A técnica funcional do tenista**: Um estudo sobre os conteúdos do treino de tenistas infanto-juvenis de 11 a 14 anos. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

KNIJNIK, J. D.; KNIJNIK, S. F. Sob o signo de Ludens: interfaces entre brincadeira, jogo e os significados do esporte de competição. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 103-109, 2004.

KRÖGER, C; ROTH, K. **Escola da Bola**: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2006.

LIKERT, R. A Technique for the Measurement of Attitudes. **Archives of Psychology**, v.140, p. 1-55, 1932.

LIMA, T. **Alcance educativo da competição**. Desporto e Sociedade. Lisboa: Antologia de Textos, 1987.

MALINA, R. M. Matching youth in sport by maturity status. **Spotlight on Youth Sports**, v. 22, n. 4, p. 1-4, 2000.

MALINA, R. M. Physical growth and biological maturation of young athletes. **Exercise and Sports Science Review**. v. 22, p. 389-433, 1994.

MARCHON, J. C. Mini Tennis – The french approach. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 7, n. 17, p. 9-10, 1999.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARQUES, A. T. A Preparação Desportiva de Crianças e Jovens: O Sistema de Competições. *In*: GUEDES, Onacir Carneiro. **Atividade Física**: Uma abordagem multidimensional. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 157-169.

MARQUES, A. T. Desporto: Ensino e Treino. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 142-153.

MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. *In*: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da Ufrgs, 2004, p. 75-96.

MARTIN, D. *et al.* **Metodología general del entrenamiento infantil y juvenil**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2004.

MATVEEV, L. P. **Preparação Desportiva**. Londrina: Centro de Informações Desportivas, 1996.

McCRAW, P. D. Player Development Philosophy. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 10, n. 28, p. 12-13, 2002.

MILISTETD, M. *et al.* Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação desportiva de jovens jogadores de voleibol. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá, v. 19, n. 2, p. 151-158, 2008.

MOELY, B. E.; SKARIN, K.; WEIL, S. Sex Differences in Competition – Cooperation Behavior of Children at Two Age Levels. **Sex Roles**, v. 5, n. 3, p. 329-342, 1979.

MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MONTEIRO, A. **Desporto: Da Excelência a Virtude, um caminho de vida para crianças, jovens e adulto**. 2007; 433 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2007.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

MUELLER, J.; RODRIGUES, O. A. F. O tênis nas escolas: uma prática apropriada a cultura escolar. *In*: BALBINOTTI, C. *et al.* **O ensino do tênis: novas perspectiva de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 61-79.

NEGRÃO, C. E. Os Mini-Campeões. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 32, p. 29-33, 1980.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. (*Org.*). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 63-99.

NEWMAN, J. Play and Stay or Play and Go?. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 15, n. 46, p. 23-24, 2008.

PACCAGNELLA, M. Como lidar com o insucesso e com o desapontamento: Estratégias para ajudar os praticantes (e os próprios treinadores). **Revista Treino Desportivo**, v. 5, n. 22, p. 46-47, 2003.

PAES, R. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. *In*: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. (*Org.*). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.219-226.

PALMEIRA, A. Vitórias e Derrotas: Intervenções do treinador. **Revista Treino Desportivo**, v. 5, n. 22, p. 10-17, 2003.

PANTELIDIS, D. *et al.* Is there any competition stress in the 11-year-old tennis player? **Archives de Pédiatrie**. v. 4, p. 237-242, 1997.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 10ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

PAULA, P. R.; BALBINOTTI, C. Iniciação ao tênis na infância: os primeiros contatos com a bola e a raquete. *In: BALBINOTTI, C. et al. O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem.* Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 15-28.

PAYNE, V. G.; ISAACS, L. D. **Desenvolvimento Motor Humano: uma abordagem vitalícia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, p.179-195, 2001.

PLATONOV, V. **El Entrenamiento Deportivo, Teoría y Metodología.** Barcelona: Paidotribo, 1988.

PLATONOV, V. **Teoria Geral do Treinamento Desportivo Olímpico.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROST, K. As Competições no Desporto Juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p.3-10, 1997.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. **Intrinsic Motivation and self-determination in human behavior.** New York: Plenum, 1985.

SANZ-RIVAS; FUENTES-GARCIA, Tênis em cadeira de rodas. *In: BALBINOTTI, C. et al. O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem.* Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 250-266.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SHEETS-JOHNSTONE, M. Child's Play: A Multidisciplinary Perspective. **Human Studies**, v. 26, p. 409-430, 2003.

SHIELDS, D. L.; BREDEMEIER, B. L. Contest, Competition, and Metaphor. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 38, p. 27-38, 2011a.

SHIELDS, D. L.; BREDEMEIER, B. L. Why sportsmanship programs fail, and what we can do about it. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v. 82, n. 7, p. 24-29, 2011b.

SILVA, S. **Tênis para Crianças: Manual para pais, filhos e mestres.** São Paulo: Via Lettera, 2003.

SOBRAL, F. **Desporto infanto-juvenil prontidão e talento.** Lisboa: Livros Horizonte. 1994.

TENNANT, M. Appropriate Competition for Mini Tennis. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 10, n. 28, p. 10-11, 2002.

TENNANT, M. Orange to Green: The step to the big court. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 19, n. 53, p. 9-10, 2011.

TENNANT, M. Red to Orange... what does it really mean? **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 52, p. 3-4, 2010.

THIESS, G.; LÜHNENSCHLOSS, D.; WILLE, U. La Competición Deportiva. *In*: THIESS, G.; TSCHIENE, P.; NICKEL, H. (Org.) **Teoría y Metodología de La competición Deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004, p. 9-67.

THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, S. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2012.

THOMSON, R. W. Youth sport involvement in New Zealand: issues, images and initiatives. **FIEP Bulletin**. v. 66, n. 1, p. 22-27, 1996.

THORPE R, BUNKER D, ALMOND L. **Rethinking Games Teaching**. Dept. of Physical Education and Sports Science, University of Technology, Loughborough, England, 1986.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTINI, N. C.; RUDISILL, M. E. Goal orientation and mastery climate: a review of contemporary research and insights to intervention. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 159-171, 2006.

VALENTINI, N. *et al.* Considerações sobre o desenvolvimento e a aprendizagem motora em crianças. *In*: BALBINOTTI, C. *et al.* **O ensino do tênis**: novas perspectivas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 29-45.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal**: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil. 9ª ed. Barueri: Manole, 2003.

WOODEN, J. **A Game Plan for Life**. 1ª ed. New York: Bloomsbury USA, 2009.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista para treinadores de tenistas das categorias até 10 anos.

Nota introdutória da Entrevista aos treinadores:

Atualmente, há duas concepções pedagógicas que discutem as competições esportivas infanto-juvenis:

(a) Os pedagogos que rejeitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos no fato de que as competições esportivas possuem características agonísticas, além de promover valores exacerbados de concorrência e individualismo, em prejuízo de valores de igualdade e solidariedade;

(b) Os pedagogos que aceitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos pelas seguintes razões: 1) possibilidade que as competições oferecem de avaliar as próprias capacidades dos jovens, comparando-as com a dos outros; 2) de se mostrar tudo aquilo que se é capaz, de se obter sucesso, de se superar; 3) de se criar junto com os amigos; 4) de se criar e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade.

1. Você, enquanto professor/treinador de tenistas, se identifica com qual das duas concepções teóricas acima descritas? Justifique.
2. Você acredita que o modelo *Under 10* – estrutura, regras, conteúdos, métodos, código de condutas – atende os interesses e necessidades das crianças? Justifique.
3. Você acredita que o modelo *Under 10* está adequado às capacidades - cognitivo-motoras, biológicas e psicossociais – das crianças? Justifique.
4. Você acredita que a sua proposta de treino e a proposta de competição estão coerentes e consequentes no que tange o processo de educação e formação dos tenistas infantis das categorias até 10 anos? Justifique.

5. Você acredita que as crianças das categorias até 10 anos treinam tênis para competir ou utilizam a competição, ou atividades competitivas, como uma forma de treinar? Justifique.
6. Você acredita que o atual modelo de formação supervaloriza os resultados da competição – conforme o modelo adulto de alto rendimento – ou apropria-se dos resultados para melhor conduzir o processo de educação e formação das crianças? Justifique.
7. Você acredita que há potencialidades educativas nas vitórias e nas derrotas? Justifique.
8. Você percebe algum sentido pedagógico e moral na derrota? Justifique.
9. Você acredita que o número e a frequência de participações competitivas das crianças estão adequados à sua educação e formação? Considere não apenas as competições formais ou federadas, mas também pequenas competições: nos treinos, intercâmbios, etc. Justifique.
10. Em sua opinião, o que seria mais adequado à educação e formação de jovens: (a) evitar as competições de qualquer natureza; (b) participar apenas das competições menos estruturadas, simplificadas, diversificadas; ou (c) participar de todas as competições, tanto federadas quanto as menos estruturadas? Justifique.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente projeto de dissertação de mestrado, intitulado “A COMPETIÇÃO DE TÊNIS COMO MODELO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE CRIANÇAS: o caso das categorias até 10 anos” tem por objetivo descrever a situação e aplicabilidade da competição de tênis até 10 anos como um modelo de educação e formação de crianças.

Você está sendo convidado (a), como voluntário (a), a participar deste estudo por poder contribuir com o mesmo a partir de seus conhecimentos e experiências. Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista, gravada, com um roteiro pré-elaborado pelo pesquisador, com o tempo de duração de aproximadamente 50 minutos. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivencia e protagoniza o cotidiano da competição de tênis até 10 anos. Dessa forma, as informações e os resultados oriundos desse estudo poderão contribuir para o desenvolvimento do esporte em geral.

Cabe salientar que durante sua participação no estudo não haverá riscos adicionais aos já existentes em seu dia a dia. Tampouco haverá riscos de exposição a partir da sua entrevista, tendo em vista que as informações não serão liberadas sem sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. A identidade dos participantes não será revelada, a menos que seja esse o desejo do entrevistado, e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos. Nesse caminho, registra-se que a entrevista armazenada em gravador digital de áudio será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização, tal documento será devolvido ao entrevistado para a conferência das informações contidas nele. Assim, somente depois disso, será concedida a liberação definitiva de uso. Neste momento, um novo termo de consentimento, que anuncie tal liberação, será assinado.

Você é livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade, perdas ou danos. Todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo pesquisador através do seu telefone/e-mail: (51) 8217-8885 / gabrielhtg@gmail.com, ou de seu orientador, telefone/e-mail: (51) 9999-4957 / cbalbinotti@terra.com.br. Através do contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629, você poderá recorrer se, em algum momento da pesquisa, você se sentir prejudicado (a) ou negligenciado (a) em seus direitos.

APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, portador (a) do CPF número _____ fui esclarecido (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de pesquisa realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. O pesquisador certificou-me também de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, exceto se liberados por mim com permissão por escrito. Fui informado (a) que caso existirem danos à minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito à indenização, conforme estabelece a lei.

Sei que sou eximido (a) de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso apresentar novas perguntas sobre esse, o mestrando Gabriel Henrique Treter Gonçalves, pesquisador, estará à disposição no telefone (51) 8217-8885, bem como seu orientador e pesquisador responsável, Prof. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, pelo telefone (51) 9999-4957, atendendo a qualquer solicitação sobre meus direitos como participante deste estudo. Também poderei obter esclarecimentos através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629 sob o número de protocolo 271526.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

_____/_____/____/____

Local e Data

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Gabriel Henrique Treter Gonçalves
Assinatura do Pesquisador